



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E INTERVENÇÕES EM
SAÚDE**

MESTRADO EM PSICOLOGIA E INTERVENÇÕES EM SAÚDE

CAMILA PEDREIRA E ATAÍDE FIGUEIREDO

**INTOXICAÇÃO ELETRÔNICA EM CRIANÇAS DE ZERO A QUATRO ANOS:
PERCEPÇÃO DOS PAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Salvador – Bahia

2022

CAMILA PEDREIRA E ATAÍDE FIGUEIREDO

**INTOXICAÇÃO ELETRÔNICA EM CRIANÇAS DE ZERO A QUATRO ANOS:
PERCEPÇÃO DOS PAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia e Intervenções em Saúde, da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia e Intervenções em Saúde.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabella Regina Gomes de Queiroz

Salvador – Bahia

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de fazer o Mestrado em Psicologia de forma tão comprometida e articulada com a atuação e postura profissionais que possuo.

Agradeço a minha filha, Alice, e meu marido, Marcelo, pela compreensão e incentivos diários. Sem vocês o Mestrado e a realização da dissertação não seriam possíveis. Filha, você é luz que ilumina meus dias. Marcelo, você é apoio constante, sempre na minha torcida.

Agradeço a meus pais, Geruza e Paulo, pela oportunidade de realizar esse Mestrado. Desde a graduação, passando pelas especializações, apoiaram meu desejo de estar sempre estudando. Sem o apoio de vocês não seria psicóloga, especialista, muito menos estaria me tornando mestre. Gratidão! Sempre ouvi em casa que o estudo é o melhor legado.

Agradeço a meus familiares pelo incentivo; em especial, agradeço a minhas avós, Marialva (in memoriam) e Edna (in memoriam), e a minha irmã, Marcela, pelo exemplo de força, superação e determinação.

Agradeço a Isabella, minha orientadora, pelo incentivo e exemplo de um fazer comprometido com a ética. A energia dela contribuiu para o processo de construção desta dissertação.

Agradeço aos meus professores e colegas de curso, em especial a Celeste e Cláudia, sempre me acolhendo e incentivando. Os diálogos, os debates e as trocas foram fundamentais para dar sentido e enriquecer minha trajetória nesse Mestrado.

Agradeço a cada participante desta pesquisa que aceitou doar seu tempo, que compartilhou suas experiências e angústias diante da experiência da maternidade. Espero que este trabalho, assim como outros que possam vir, contribuam para a relação e o cuidado de seus filhos.

Minha gratidão a todos vocês.

RESUMO

Introdução: As atividades sociais e de lazer, no período da pandemia, foram reduzidas ou inexisteram, tanto quanto foi desconfigurada a borda entre lazer e trabalho. Nesse contexto, os pais, em muitos casos, precisaram cuidar das crianças, trabalhar e realizar atividades de casa. O cuidado das crianças, que já estava permeado pela presença, cada vez mais precoce, dos dispositivos eletrônicos digitais, sofreu uma intensificação nesse sentido. A Sociedade Brasileira de Pediatria alerta para os prejuízos na aquisição de habilidades associados à exposição precoce e intensa das telas, como atraso no desenvolvimento cognitivo, na linguagem, habilidades sociais e alterações de sono. O conceito de intoxicação eletrônica aponta para alterações discursivas do laço decorrente de entraves no exercício das funções maternas e paternas, acarretando impasses para a constituição psíquica, como concebido pela psicanálise, constituindo-se um risco à saúde mental desde um tempo precoce. Indaga-se como os cuidadores primários perceberam os sinais de intoxicação eletrônica em seus filhos.

Objetivo: O presente trabalho buscou conhecer a percepção dos pais de crianças de zero a quatro anos, sobre o efeito do uso intenso dos dispositivos digitais. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, realizada através de entrevistas compreensivas com cuidadores primordiais de crianças pré-escolares e lactentes (entre dois e quatro anos), em Salvador, Região Metropolitana e Feira de Santana, que fazem uso intenso dos dispositivos digitais, apresentando ou não sinais de intoxicação eletrônica. A seleção dos participantes foi pelo método bola de neve. Os cuidadores pesquisados foram mães, em sua totalidade, por serem essas que ocuparam lugar de cuidador primário, nos casos investigados. A partir dos dados coletados foram estruturadas categorias, buscando a identificação de núcleos de sentido.

Resultados: O primeiro núcleo de sentido, “Identificação de alterações”, corresponde às alterações identificadas a partir do uso das telas, o percurso de investigação dessas alterações e os sentimentos dos pais. O segundo núcleo de sentido, “Cuidado”, corresponde às medidas de cuidado adotadas a partir das alterações identificadas e se refere aos impasses para o exercício das funções maternas e paternas. As mães apresentaram, em sua maioria, dificuldade de perceber a intoxicação eletrônica em seus filhos, o uso constante das telas é normalizado na maior parte das famílias. O efeito do “só depois” pode ser visto, uma vez que os prejuízos são percebidos quando se espera da criança aquisição de habilidades como fala, interação e socialização. A pandemia intensificou o uso das telas pelas crianças, mas a depender do modo como esse uso foi mediado, pode haver diferentes efeitos, o que faz com que nem todo uso seja um caso de intoxicação eletrônica. **Considerações Finais:** Este trabalho identificou que os pais sabiam dos efeitos negativos do uso das telas para os bebês e crianças, mas ainda assim permitiram a exposição por não dimensionarem os impactos negativos do uso e por estarem sob efeito do uso intenso das telas na cultura digital vigente. Foram eles que identificaram que algo não ia bem com seus filhos, mas não conseguiram associar ao uso das telas. As atividades laborais ou de trabalho dos pais apareceu como um dos principais fatores de dificuldade destes na mediação do uso das telas. Há uma precariedade de estudos sobre a visão dos cuidadores primordiais e sobre os aspectos constitutivos do laço entre bebê (ou criança) e cuidador. Esse aspecto constitutivo do laço é importante para pensar a intoxicação eletrônica. O que está em questão é o lugar do desejo do cuidador pela criança que está se constituindo.

Descritores: Criança Pré-escolar. Lactentes. Saúde Mental. Intoxicação Eletrônica. Psicanálise.

ABSTRACT

Introduction: Social and leisure activities, during the pandemic period, were reduced or non-existent, as much as the border between leisure and work was blurred. In this context, parents, in many cases, had to take care of the children, work and carry out household activities. Child care, which was already permeated by the increasingly precocious presence of digital electronic devices, has been intensified in this regard. The Brazilian Society of Pediatrics warns of impairments in the acquisition of skills associated with early and intense exposure to screens, such as delay in cognitive development, language, social skills and sleep disorders. The concept of electronic intoxication points to discursive alterations of the bond resulting from obstacles in the exercise of maternal and paternal functions, leading to impasses for the psychic constitution, as conceived by psychoanalysis, constituting a risk to mental health, from an early age. It is asked how the primary caregivers perceived the signs of electronic intoxication in their children. **Objective:** The present work sought to know the perception of parents of children from zero to four years old, under the effect of the intense use of digital devices. **Methodology:** This is a qualitative and exploratory research carried out through comprehensive interviews with primary caregivers of preschool children and infants (between two and four years old), in Salvador, Metropolitan Region and Feira de Santana, who make intense use of digital devices, with or without signs of electronic intoxication. Participants were selected using the snowball method. The caregivers surveyed were mothers, in their entirety, as they were the ones who occupied the role of primary caregiver in the investigated cases. From the data collected, categories were structured, seeking to identify cores of meaning. **Results:** The first core meaning "Identification of changes" corresponds to the changes identified from the use of the screens, the course of investigation of these changes and the feelings of the parents. The second core meaning "Care" refers to the care measures adopted based on the identified alterations and refers to the impasses for the exercise of maternal and paternal functions. Mothers had, for the most part, difficulty in perceiving electronic intoxication in their children, the constant use of screens is normal in most families. The effect of 'only later' can be seen, since the losses are perceived when the child is expected to acquire skills such as speech, interaction and socialization. The pandemic intensified the use of screens by children, but depending on how this use was mediated, there may be different effects of this use, which means that not every use is a case of electronic intoxication. **Final Considerations:** This work identified that parents knew about the negative effects of screen use for babies and children, but still allowed exposure because they did not measure the negative impacts of use and because they were also under the effect of the intense use of screens in the current digital culture. They were the ones who identified that something was not going well with their children, but they were unable to associate it with the use of screens. Parents' work or work activities appeared as one of the main factors of difficulty for parents in mediating the use of screens. There is a precariousness of studies on the view of primary caregivers and on the constitutive aspects of the baby (or child) and caregiver bond. This constitutive aspect of the bond is important for thinking about electronic intoxication. What is in question is the place of the caregiver's desire for the child that is being constituted.

Descriptors: Preschool Child. Infants. Mental health. Electronic Intoxication. Psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Árvore Temática das categorias..... | 57 |
|---|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Caracterização dos Participantes..... | 54 |
| Tabela 2 – Caracterização das Crianças..... | 56 |
| Tabela 3 – Cronograma..... | 79 |
| Tabela 4 – Orçamento..... | 80 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | Introdução | 13 |
| 2 | Objetivos | 16 |
| 2.1 | Geral: | 16 |
| 2.2 | Específicos: | 16 |
| 3 | Revisão de Literatura | 17 |
| 3.1 | A Cultura Digital e o Consumo: as Telas como Instrumento de Cuidado? | 17 |
| 3.2 | Desdobramentos da Pandemia no Uso das Telas e o Papel dos Cuidadores | 25 |
| 3.3 | Prejuízos pelo Uso Intenso e Precoce das Telas – a Perspectiva Biomédica | 28 |
| 3.4 | Intoxicações Eletrônicas e o Ser Criança em Processo de Constituição Psíquica – Impasses Determinados pelo Uso Excessivo e Precoce de Telas | 32 |
| 3.4.1 | <i>O Ser Criança – em Processo de Constituição</i> | 32 |
| 3.4.2 | <i>Os Impasses Determinados pelo Uso de Telas – Intoxicações Eletrônicas</i> | 40 |
| 4 | Metodologia | 46 |
| 4.1 | Desenho da Pesquisa | 46 |
| 4.2 | Local da Pesquisa | 47 |
| 4.3 | Participantes da Pesquisa | 47 |
| 4.3.1 | <i>Crterios de Inclusão</i> | 48 |
| 4.3.2 | <i>Crterios de Exclusão</i> | 48 |
| 4.4 | Procedimentos e Instrumentos | 48 |
| 4.5 | Convite de Recrutamento | 49 |
| 4.6 | Coleta de Dados | 50 |
| 4.8 | Aspectos Éticos | 51 |
| 4.9 | Riscos com a Participação da Pesquisa | 52 |
| 4.10 | Benefícios Diretos aos Participantes | 53 |
| 5 | Resultados e Discussão | 54 |
| 6 | Projeto do Produto – Estória infantil “Conexão em noite de São João” | 35 |
| 6.1 | Introdução | 35 |
| 6.2 | Objetivos | 35 |
| 6.3 | Referencial Teórico | 36 |
| 6.4 | Percurso Metodológico | 37 |
| 6.4.1 | Recursos Humanos | 38 |
| 6.4.2 | Procedimentos de Elaboração | 38 |
| 6.4.3 | Aspectos Éticos | 38 |
| 6.4.4 | Cronograma | 38 |
| 6.4.5 | Orçamento | 39 |
| 6.5 | Resultados | 40 |
| 6.6 | Considerações Finais | 47 |
| | Referências | 47 |
| 7 | Considerações Finais | 49 |
| | Referências | 51 |
| | Apêndice A – Cronograma | 59 |
| | Apêndice B – Orçamento | 60 |
| | Apêndice C – Roteiro de Entrevista | 61 |
| | Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) | 62 |
| | Apêndice E – Artigo: Telas e Cuidado Anônimo de Crianças: Intoxicações Eletrônicas como Impasses para Constituição Psíquica | 65 |

| | |
|---------------------------------------|-----------|
| Anexo A – Parecer do CEP | 98 |
|---------------------------------------|-----------|

1 Introdução

Embora a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) tenha estabelecido os riscos da exposição digital para a arquitetura neurológica de crianças menores de dois anos, o uso de equipamentos eletrônicos continua acontecendo. Diferentes autores têm alertado sobre os riscos para o psiquismo do bebê e da criança pequena, ainda em fase de constituição.

As crianças, com seus sintomas, respondem ao que é próprio de seu tempo no laço social e familiar. Hoje em dia, a relação delas com seus cuidadores primordiais está perpassada por monitores virtuais. Os pais, ou quem exerce essa função, ficam fascinados com o domínio tecnológico das crianças, buscando restituí-las com objetos-fetiches consumíveis, muitas vezes eximindo-se de transmitir que a condição inerente ao desejo é a de um encontro faltoso com o objeto (Jerusalinsky, 2017a).

O cuidado dos bebês e das crianças encontra-se mediado pelos dispositivos eletrônicos digitais em diferentes graus, resultando, por vezes, em um cuidado anônimo e não endereçado. Os pais e/ou cuidadores principais encontram-se diante de uma realidade em que se verifica, pelos eletrônicos, uma desconfiguração das fronteiras entre lazer e trabalho. Diante disso, pensa-se nos possíveis efeitos tóxicos do uso intenso e cada vez mais precoce dos dispositivos digitais.

O desenvolvimento humano está concebido não só pela incidência dos acontecimentos de ordem neurológica e genética, mas por eventos de constituição do sujeito psíquico. O sujeito psíquico não corresponde às noções de eu, mas consiste em um elemento organizador do desenvolvimento da criança em suas vertentes motora, cognitiva e psíquica. O sujeito psíquico é uma instância psíquica inconsciente que se constrói, desde o início da vida, a partir de um contexto social pré-existente, mas também a partir de encontros e acasos que acontecem na trajetória de cada criança (Kupfer et al, 2009).

Dito de outra forma, um corpo de significantes sozinho não faz corpo. O que é constitutivo do corpo é a organização dos significantes enquanto tais, em rede e em constante movimento de significação. Não é o sentido do que é dito, do que é escutado, o organizador por excelência de um corpo, mas o movimento do dizer, a enunciação. Para que esse movimento ocorra, se instaurar uma via de mão dupla entre o Outro primordial e o bebê. O funcionamento psíquico e o corpo se organizam concomitantemente, não há um sem o outro (Catão, 2016).

É no laço com o cuidador primordial que o desenvolvimento infantil e a construção do psiquismo ocorrem. Bebês e crianças pequenas, expostos à virtualização, podem experimentar uma dissociação do corpo num tempo em que ainda não constituíram um. Muitas crianças estão lançadas à relação com aparelhos eletrônicos: totens anônimos da atualidade, ao invés de representar o que as afeta em seu corpo a partir da experiência compartilhada com o Outro encarnado (Jerusalinsky, 2017a). Geralmente, são os pais que percebem os primeiros sinais de que o (a) filho (a) apresenta alguma singularidade no seu psiquismo: algum sinal que faz com que compreenda que o (a) seu (a) filho (a) não está bem. Na relação com a criança, nos cuidados e nas brincadeiras, os pais conseguem identificar quando há algo singular no comportamento e nas reações dela. A noção de pais compreende pai, mãe ou quem exerça o papel de cuidador primordial, abrangendo as funções materna e paterna.

O problema de investigação desta pesquisa consiste em conhecer a percepção de pais de crianças na primeira infância, especificamente de zero a quatro anos, sobre o efeito do uso intenso dos dispositivos digitais e os possíveis riscos de intoxicação eletrônica para a constituição psíquica. Nesse período se dá a constituição psíquica do sujeito e faz-se necessário um cuidador primário, desejante e atento às suas demandas.

O cuidado tem um formato próprio que é atravessado pelas urgências. O uso em excesso dos dispositivos digitais não é sem repercussões, como a toxidade da exposição aos dispositivos

digitais ilustra. Nessa direção, faz-se importante averiguar como os pais vêm gerenciando a virtualização da vida do seu filho, inclusive no período de isolamento da pandemia do COVID-19 (momento em que outras formas de atividades sociais e de lazer não estavam acessíveis, como as escolas, as atividades recreativas e outros cuidadores secundários partícipes dos cuidados).

O presente estudo justifica-se pelo alerta para a percepção dos pais em tempo precoce dos sinais percebidos em consequências do uso intenso dos instrumentos digitais. Os sinais de intoxicação são normalmente percebidos mais tarde, quando a criança demora de falar ou interage menos, por exemplo, perdendo um tempo importante no cuidado. A intoxicação eletrônica tem consequências para o funcionamento psíquico das crianças e o cenário de pandemia, por causa do coronavírus, pode aumentar o uso dessa tecnologia. A intoxicação eletrônica é uma realidade ainda pouco conhecida pelos pais, por isso, estes merecem estar advertidos quanto aos sinais da intoxicação e seus prejuízos. Indaga-se como os pais administram o uso dos dispositivos digitais pelas crianças, bem como perceberam e cuidaram dos possíveis sinais de intoxicação eletrônica em seus filhos, instalada em tempo precoce, como ponto de fundamental importância para a promoção da saúde mental da criança.

2 Objetivos

2.1 Geral:

Conhecer a percepção dos pais de crianças de zero a quatro anos que apresentaram sinais positivos de intoxicação eletrônica, em algum momento da vida.

2.2 Específicos:

1. Investigar como os pais identificaram e cuidaram dos possíveis efeitos tóxicos do uso de dispositivos digitais;
2. Conhecer de que maneira foi gerenciado o uso de dispositivos digitais durante a pandemia do COVID-19;
3. Produzir um livro de estória sobre as intoxicações eletrônicas em crianças.

3 REVISÃO DE LITERATURA

O presente estudo, circunscrito no campo da saúde mental, versa, a partir da perspectiva psicanalítica, sobre uma investigação dos sinais precoces em bebês e crianças pequenas a respeito da intoxicação eletrônica, proveniente do uso intenso e precoce de telas, dialogando com alguns pontos da visão biomédica como alteração de sono, linguagem e obesidade. Transita-se entre os conceitos da psicanálise que valorizam o laço e a díade bebê-cuidador primordial, por compreender que esses aspectos estão sujeitos a alterações na medida em que o uso de tecnologias digitais é intensificado e reduz as trocas com o agente materno e/ou paterno, fundamentais nessa etapa inicial da vida. A perspectiva biomédica contempla os prejuízos físicos, comportamentais e de desenvolvimento advindos do uso excessivo de telas na primeira infância. Discute o ser criança, compreendendo o seu processo de constituição, e contempla a leitura do contexto em que a intoxicação eletrônica se dá: a cultura digital e o advento da pandemia que altera o uso das telas.

3.1 A Cultura Digital e o Consumo: as Telas como Instrumento de Cuidado?

Cultura digital são os modos de usos e apropriações dos espaços virtuais (Lucena, 2016). Na cultura digital, a interação, a comunicação, o compartilhamento e a ação na sociedade são mediados pelo uso das tecnologias digitais e das conexões em rede, responsáveis pela incorporação, inovação e avanço nos conhecimentos (Kenski, 2018).

Ainda que as discussões sobre cultura digital tenham se intensificado neste século, esta surge nos anos 1970, com a expansão da informática, interferindo na cultura de massa e na cultura das mídias. Essas culturas são conceituadas separadamente e, uma vez que uma não substituiu a outra, elas se mesclam (Lucena, 2016).

As formas de conceber o mundo, economia, política e educação são construídas pelos signos e informações que circulam nos meios digitais ou nas mídias (Lucena, 2016). Já em 1991, Baudrillard considerava que a comunicação devora os seus conteúdos e o social. Desta forma, onde se acredita que a informação produz sentido, é o contrário que se verifica. Vive-se num contexto em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido. Assim, é possível dizer que o sistema é niilista, no sentido em que tem o poder de reverter tudo, inclusivamente o que ele nega, na indiferença (Baudrillard, 1991).

Presencia-se a liquidação de todos os referenciais, com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, na medida em que se oferece a todas as oposições binárias; está-se diante da era da simulação. O que está em jogo é uma substituição dos signos do real pelo seu duplo operatório, algoritmo. O real que não terá mais oportunidade de se produzir; trata-se de um hiper-real, deixando lugar para a geração simulada das diferenças (Baudrillard, 1991).

A simulação parte da negação do signo como valor e do aniquilamento da referência; põe em causa a diferença do real e do imaginário. A simulação envolve a representação como simulacro; interessa como uma estratégia de neo ou hiper-real que faz a dobragem de uma estratégia de dissuasão (Baudrillard, 1991).

A digitalidade e as linguagens cibernéticas vão além do alcance imaginário e espetacular da publicidade. O fascínio publicitário levou a uma miniaturização da vida cotidiana (Baudrillard, 1991). A cultura digital é essencialmente virtual, posiciona o usuário em tempos e espaços distintos dos em que seus corpos físicos se apresentam (Kenski, 2018). Além da cultura digital, vivenciamos a cultura da mobilidade, que se desenvolveu com o constante uso das tecnologias móveis conectadas em redes *Wi-fi*. Smartphones, tablets e notebooks podem ser levados para qualquer lugar, criando redes móveis de pessoas e tecnologias nômades, localizadas em diferentes espaços geográficos (Lucena, 2016).

A velocidade do movimento e o acesso a formas mais rápidas de mobilidade chegaram à posição de principal ferramenta de poder e dominação. A relação entre tempo e espaço foi modificada, a noção de proximidade e distância foi alterada. O poder se tornou verdadeiramente extraterritorial; não é preciso mais pensar nas técnicas de controle e poder do Panóptico (Bauman, 2011).

A cultura digital vincula-se não apenas às tecnologias móveis, mas aos jogos e corpos tecnológicos, na internet e além dela. A lógica da cultura digital é disruptiva; dispositivos e conteúdos são rapidamente descartados (Kenski, 2018). As tecnologias, na medida em que interferem no modo de ser das pessoas, impactam as que as utilizam. Quanto mais intenso é o uso de uma tecnologia, mais ela pode transformar a pessoa (Ruiz, 2021).

As tecnologias algorítmicas capturam os comportamentos dos sujeitos de forma estratégica e, portanto, proposital, valendo-se de complexos programas matemáticos que permitem apreender os comportamentos dos usuários em dispositivos digitais (Ruiz, 2021). A algoritmização interfere nos meios de produção e suas relações, bem como modifica a relação entre as pessoas. O tipo de comunicação que se mantém é preponderantemente digital e, por conseguinte, as relações humanas são perpassadas por afetos digitalizados. A algoritmização da vida apresenta-se, dessa maneira, como desafio diante das novas tecnologias (Ruiz, 2021).

Os comportamentos cada vez mais se encontram atravessados por tecnologias algorítmicas. Tanto é que Ruiz (2021) expõe:

Nós não somos meros usuários de tecnologias, senão que, na medida em que as utilizamos cada vez mais amplamente, também nos convertemos em objetos estratégicos a serem direcionados e governados nos comportamentos. Nos confrontamos, assim, com um aspecto central da relação dos algoritmos com a vida humana, qual seja, a tendência estratégica dos algoritmos para influenciar condutas, seduzir motivações, induzir

comportamentos, dirigir preferências, orientar decisões e, em última instância, conseguir governar o máximo possível o comportamento dos indivíduos (p. 7).

Os indivíduos com pouca ou sem consciência dessas estratégias influenciadoras, entretanto, são conduzidos facilmente sem perceber. A “algoritmização da vida”¹ funciona como dispositivo político de controle social. Através de pistas digitais deixadas nos dispositivos eletrônicos utilizados é possível localizar os comportamentos das pessoas (Ruiz, 2021).

Da mesma forma, Guy Debor (2003), ao fazer uma crítica da sociedade influenciada pelo capitalismo, a caracteriza como “sociedade do espetáculo”² e argumenta que uma relação social entre pessoas mediatizada por imagens é um espetáculo. Debor (2003) já considerava a aceitação passiva exigida por esse espetáculo. Assim, o homem dessa sociedade produz alienado e tem sua vida transformada em mercadoria, em um tempo que tem sua realidade ditada pela publicidade; tempo tomado por um pseudociclo, vivido ilusoriamente.

Debor (2003), desde o início desse século, falava do acontecimento de um autofagismo do meio urbano. Sociedade que elimina a distância geográfica, mas amplia a distância interna. É possível, assim, analisar a dimensão espacial e de território na sociedade descrita como do espetáculo.

Os meios de comunicação em massa auxiliam a tentativa de apagamento das singularidades de cada sujeito, promovendo mecanismos alienantes de controle através da produção de enunciados sustentados no discurso científico. Pensar as singularidades e a preservação do simbólico é fundamental para a compreensão de sujeito para a psicanálise, pensar no caso a caso, no “um a um”, o que vai na contramão do que o capitalismo e a cultura

¹ Termo cunhado por Bartolomé Ruiz.

² Termo criado por Guy Debor.

do consumo pregam. Em nome da ciência, para o funcionamento capitalista, são construídos e incentivados modos de ser padronizados, ancorados no imaginário (Ornellas, 2017).

A satisfação não é possível de ser atingida e a sociedade deixou de se questionar. Assim, fica-se sempre na busca impossível pela satisfação, permanecendo em constante atividade e constantemente consumindo. As pessoas estão incapazes de parar, de ficar paradas ou de não comprar, orientadas pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis. Vive-se uma ilusão de liberdade de consumo e produção (Bauman, 2011).

A cultura digital é, portanto, marcada pelo discurso capitalista do consumo, da velocidade e do excesso. Sendo assim, a cultura digital hoje está inserida na sociedade de tal modo que, de acordo com o filósofo Byung-Chul Han (2020), pode ser pensada como “sociedade da transparência”³ e “sociedade do cansaço”⁴. Esse filósofo fala de um excesso de positividade do século XXI que leva a um novo cenário de patologias.

A sociedade da transparência é uma sociedade da aceleração na qual há uma proliferação massiva de atividade, produção e comunicação. Impulsionam-se as coisas de modo aditivo e não narrativo. Existe um empobrecimento semântico, com ausência de narratividade de espaço. Assim, a espontaneidade e a liberdade não podem ser desenvolvidas; são encolhidas a capacidade de juízo e a criticidade, não são aceitos a dor e o sofrimento (Han, 2020).

A comunicação generalizada e a informação em excesso ameaçam as formas de defesa. A violência da positividade que resulta de muita produção, bastante desempenho ou muita comunicação já não é mais viral, mas sim neural. Vive-se uma massificação do positivo em uma sociedade do desempenho, em que as pessoas empresárias de si mesmas são convocadas a produzir. Maximizar a produção faz parte do inconsciente social de pessoas aparentemente livres, mas que na verdade vivenciam uma liberdade coercitiva (Han, 2019).

³ Termo cunhado por Byung-Chul Han.

⁴ Idem.

O excesso de elevação do desempenho consome e desgasta, levando a uma espécie de “infarto na alma”⁵. O cansaço dessa sociedade é solitário e age individualizando e isolando. O cansaço profundo altera a identidade e incapacita; molda indivíduos dispersos e com constante sentimento de carência e culpa, uma vez que o produzir não atinge um ponto de suficiência. Têm-se um sujeito que se realiza ao se destruir (Han, 2019).

Estamos diante uma sociedade que normaliza a exposição, o espetáculo, o excesso de informação e de comunicação, em que as coisas estão pornográfica e obscenamente visibilizadas e despidas. As pessoas vivenciam uma sociedade caracterizada pelo imperativo da transparência, por um vazio que se tenta tamponar com o excesso de informação e a uniformização de atitudes, esvaziada de sentido, em prol da eliminação do privado, e contrária às singularidades (Han, 2020).

O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O exagero de positividade se manifesta também como exagero de estímulos e informações, o que altera e prejudica a dinâmica da atenção. O homem estaria passivamente exposto ao processo anônimo da vida, em que as decisões individuais estariam ligadas a funcionar melhor, o que permite uma negociação de limites e barreiras. A pessoa dispõe de muitas opções, mas não consegue ligações intensas. O indivíduo se explora, até se consumir. O capitalismo transforma todas as relações em comerciais e de consumo. As pessoas convocadas a se superarem em suas metas e em sua produção veem-se diante do desafio de produzir com pouca ou quase nenhuma interferência (Han, 2019).

Na era da cultura digital, vive-se o tempo das urgências, com metas e exigências de produção. As prioridades de trabalho atropelam a vida, colocando a educação dos filhos como um desafio. Assim, a terceirização fragmentada de cuidados é uma prática normalizada na

⁵ Termo de Byung-Chul Han.

educação das crianças, com o uso das telas como instrumento de cuidado (Figueiredo & Queiroz, 2020).

Os bebês e as crianças convivem com adultos que não têm mais tempo, porque os eletrônicos alteram a borda entre o espaço de lazer e o trabalho; cuidadores que estão de corpo presente, mas psiquicamente indisponíveis, uma vez que estão diante das “janelas virtuais”⁶ (Jerusalinsky, 2017b). Assim, na cultura digital, ganha espaço a terceirização virtual e os aparelhos eletrônicos propiciam uma espécie de alívio na carga que implica o cuidado dos filhos. Há um uso indiscriminado dos aparelhos pelas crianças de todas as idades, e vivencia-se a onipresença dos smartphones (Wagner et al., 2017).

Os pais têm múltiplas tarefas diante de uma realidade própria, oriunda pelo imperativo da positividade e da produtividade, em que o trabalho consome boa parte do tempo de que dispõem, alterando a maneira como cuidam dos filhos. Os pais se sentem impelidos, assim, a produzir e a consumir. O uso das telas para seus filhos emerge como uma forma de “babá eletrônica”⁷ ou “chupeta eletrônica”⁸ para as suas crianças. Desta forma, os filhos, quase hipnotizados, consomem ou são consumidos pela realidade virtual (Jerusalinsky, 2017b).

A velocidade muda a forma como percebemos o que nos rodeia. A exposição voraz a centenas de imagens por dia, através de telas portáteis conectadas à internet, funciona como um bombardeio sensorial que satura o sistema perceptivo. Essa quantidade de informações altera o modo de transmissão do que chega aos olhos e ouvidos, porque necessita de tempo para elaborar o percebido (Jerusalinsky, 2017a).

Têm-se, desta forma, um ser desgastado pelo caráter compulsivo de viver mais e mais na era digital – o que leva a uma descontinuidade nos modos de estabelecer o laço social e, nas formas discursivas, de sustentar subjetivamente as experiências. Com a mudança nos ideais de

⁶ Termo de Julieta Jerusalinsky.

⁷ Termo utilizado por Julieta Jerusalinsky.

⁸ Idem.

viver, mudam os sintomas, relevando a instância do mal-estar atual, como argumenta Julieta Jerusalinsky (2017a).

A cultura digital se sustenta pelo discurso capitalista, balizado pelo declínio da função paterna, enfraquecimento simbólico e valorização do objeto de consumo. O sujeito que emerge ante o laço marcado pelo declínio da função paterna confunde objeto de desejo e objeto de consumo, acreditando ser capaz de consumir um objeto que tampona a falta constituinte, o que não é possível. O ser humano é um ser marcado pela falta, e nenhum objeto será capaz de tamponar essa falta constitutiva. Ao longo da vida, investe-se e desinveste-se em diferentes objetos, objetos parciais de satisfação; objetos que cada um identifica e elege (Lopes & Bernardino, 2011).

Os meios de comunicação, entretanto, incentivam o consumo, a demanda sempre por mais. Assim, os *gadgets* (aparelhos eletrônicos) são a oferta de um objeto que satisfaz, seduzem pela ilusão de substituírem o objeto fundamentalmente perdido, mas são objetos vazios de significação, que afastam do desejo. Quem consome parece ser consumido, fica em uma posição passiva (Lopes & Bernardino, 2011).

Nesse sentido, Jean-Pierre Lebrun (2008) sugere a “mutação do laço social”⁹, submetida à lógica do mercado e do gozo total com o desaparecimento do outro. A respeito da obra de Lebrun, Batista (2009) destaca o subtítulo do livro, “viver junto sem o outro”, considerando que o autor:

Parte de uma fenomenologia da mutação do laço social descrita como desarticulação e esfacelamento da interação entre o singular e o social coletivo. Essa mutação faz emergir novos regimes de economia psíquica e anuncia o aparecimento de novas patologias. O que enseja mudanças clínicas. A interpretação dos modos como essa

⁹ Termo de Jean Pierre Lebrun.

mutação afeta as subjetividades contemporâneas se coloca relativamente à prática psicanalítica hoje, ao papel da psicanálise e à tarefa do psicanalista. (p. 1)

O “neo-sujeito”¹⁰ privilegia a renegação; para ele, o outro desaparece. A neurose se encontra desarticulada do discurso social do patriarcado, devido à mutação do laço social, com aspecto perverso, o que para Lebrun (2008) configura-se como a “perversão comum”¹¹ desse neo-sujeito.

O mercado oferece a mercadoria como objeto de consumo isento de toda negatividade. Aderindo ao objeto, o neo-sujeito evita o confronto com a perda, inclusive com a perda do gozo. Cabe ao analista, então, a responsabilidade de inaugurar uma clínica que reintroduza a função da castração no discurso e identifique os efeitos produzidos com a ausência de limites (Lebrun, 2008).

A infância encontra-se circunscrita na cultura digital, em que o discurso capitalista, com a valorização do objeto de consumo, dita a algoritmização da vida, algoritmização que acontece com o controle sobre o comportamento de pais e filhos através do aniquilamento de sentidos e alteração do laço social. Produz impactos para a economia psíquica de adultos e crianças – sendo que bebês e crianças, as pequenas, ainda estão em processo de constituição – e provoca o aparecimento de novas patologias.

3.2 Desdobramentos da Pandemia no Uso das Telas e o Papel dos Cuidadores

A Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia do COVID-19 em março de 2020 e sugeriu a adoção de medidas de isolamento social para controle da pandemia. As medidas não foram seguidas da mesma forma por todos os países. No Brasil, diversas

¹⁰ Termo criado por Jean Pierre Lebrun.

¹¹ Idem.

medidas foram adotadas, como o fechamento de escolas e atividades não essenciais; as pessoas foram orientadas a desenvolver suas atividades em casa. Foi decretado o fechamento total (*lockdown*) de cidades, bem como o fechamento de divisas entre cidades, com risco de penalidade para quem os descumprisse (Malta et al., 2020).

No caso da realidade brasileira, desigualdades econômicas e sociais possibilitaram diferentes modos de isolamento. Entretanto, a maior parte das pessoas interrompeu suas atividades presenciais e passou a fazer uso da internet, para não interromper completamente o trabalho e a interação social, na tentativa de estabelecer um modo possível de seguir com a vida (Deslandes & Coutinho, 2020).

Em relação à saúde, uma piora do estilo de vida e aumento de comportamentos nocivos à saúde foi percebida durante a pandemia. Assim, a restrição social levou a uma redução de atividade física e ao aumento de tempo de uso de telas. Para além dessas mudanças, verificou-se alterações nos hábitos alimentares com a intensificação de uso de álcool e tabaco, incremento de ingestão de alimentos industrializados e com maior teor calórico (Malta et al., 2020).

Os pais, sobrecarregados pelas mudanças de vida exigidas pela nova situação (*home office*, *homeschooling*, atividades domésticas, diminuição ou inexistência de lazer fora de casa, restrições e mudanças de circulação em ambientes públicos como *contra-indicação* e/ou proibição de aglomeração, uso de máscara e álcool), tiveram, também, de gerenciar a rotina de seus filhos, visando minimizar os desdobramentos das atuais circunstâncias do isolamento da pandemia na saúde mental das crianças e adolescentes (Almeida et al., 2020).

O cuidado das crianças na pandemia do COVID-19 foi exercido em cada família de modo único. Houve famílias que aproveitaram essa oportunidade de estar junto das crianças, outras famílias que já faziam esse cuidado de qualidade. Houve, ainda, cuidadores que não conseguiram – e não conseguirão – se dedicar às crianças e se desconectarem de suas obrigações (Figueiredo & Queiroz, 2020).

A internet foi utilizada amplamente e de modo intenso para trabalho, estudo, lazer e compra. A internet em banda larga e a mobilidade levam a conectividade, através de constante troca de mensagens, fotos, áudios e apresentações em tempo real (Deslandes & Coutinho, 2020). O uso da internet e das telas no contexto de pandemia levou à discussão das definições de normal e patológico, que poderão ser redefinidas após o aumento do uso dos dispositivos digitais pela pandemia. Em virtude da situação excepcional de isolamento social, o uso intensivo da internet levou ao aumento da exposição e da vulnerabilidade de crianças (Deslandes & Coutinho, 2020).

A problemática da algoritmização da vida apresenta-se com importantes desafios que interpelam as pessoas, em especial na pandemia, na medida em que se viveu uma espécie de aceleração digital não programada. Possivelmente, a pandemia acelerou os processos de algoritmização da vida através da exigência de integração do mundo digital com o mundo real que suplanta a própria realidade física. A realidade digital se impõe como uma nova realidade que envolve e captura o cotidiano (Ruiz, 2021).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2020), atenta em alertar sobre os impactos na saúde das crianças e dos adolescentes, elaborou uma Nota de Alerta intitulada “Pais e filhos em confinamento durante a pandemia de COVID-19”. A nota argumenta sobre o estresse tóxico, bem como as medidas que podem ser adotadas para que ele seja prevenido e evitados os prejuízos a longo prazo, tendo em vista a manutenção da saúde e o cuidado com o desenvolvimento infantil.

A nota da SBP advertiu que situações adversas determinam a elevação fisiológica dos hormônios do estresse na infância, como o cortisol e adrenalina, com consequências de sobrecarga para o funcionamento vascular e cardíaco. Danos cerebrais para as crianças também são cogitados. A SBP expôs também os possíveis prejuízos, como transtornos do sono, irritabilidade e piora da imunidade. Maior incidência de atrasos no desenvolvimento, de

transtorno de ansiedade, de depressão e queda no rendimento escolar também puderam ser identificados (SBP, 2020).

Assim sendo, a SBP disponibilizou algumas orientações importantes para os pais nesse momento de pandemia, a partir de pesquisas das neurociências e das publicações científicas recentes. Dentre as orientações, uma delas é que os pais deveriam ser modelos de comportamento que esperam de seus filhos. Portanto, os pais deveriam, dentre outras coisas, evitar o excesso de tela. Outra orientação foi o estabelecimento, com as crianças, do tempo para o uso das telas, segundo as recomendações da SBP, o que evitaria ultrapassar o tempo sugerido e o acesso sem supervisão a conteúdos inadequados (SBP, 2020).

Situações de crise podem provocar incertezas e medos, mas também podem oportunizar a criação de saídas e de adaptações ao contexto. Os desafios podem ser oportunidades para que pais e filhos mudem o relacionamento, num convívio pautado em mais respeito, diálogo e afeto (Almeida et al., 2020). É possível retomar a ideia de crise da cultura oriental, que toma a perspectiva positiva do conceito, pensando na renovação dos estilos de vida e existência.

Contudo, destaca-se que cada família teve a sua forma de conduzir o cuidado dos filhos ante o cenário vivido, uma vez que se trata de um fazer singular diante da rotina e da realidade. Famílias que no caso, além da pandemia estavam atravessadas pela virtualização da vida e sociedade do cansaço.

3.3 Prejuízos pelo Uso Intenso e Precoce das Telas – a Perspectiva Biomédica

Estudos recentes vêm abordando os efeitos do uso das tecnologias digitais em tempo precoce, destacando aspectos neurológicos, fisiológicos e comportamentais. A discussão sobre os impactos do uso em excesso dos dispositivos digitais, ainda que sem consenso e enfrentando

divergências, vem avançando e as pesquisas problematizam a relação de dependência, vício e abstinência em relação às formas de uso.

A infância é caracterizada por modificações biológicas e psicossociais, que permitem aquisições importantes nos domínios motor, afetivo, social e cognitivo do desenvolvimento. Nesse período, o sistema nervoso central vivencia constante transformação, mielinização e organização sináptica, cujo ápice ocorre aos vinte e quatro meses (ou dois anos), favorecendo a aprendizagem (Nobre et al., 2020).

Desta forma, o ambiente exerce grande influência, por inter-relacionar, de modo dinâmico e constante, os fatores intrínsecos à criança. Deste modo, principalmente na primeira infância, período de zero a seis anos de idade, deve-se oportunizar, à criança, vínculos afetivos saudáveis, espaço adequado para a liberdade de movimento, brincadeiras livres e disponibilidade de brinquedos e/ou materiais de aprendizagem (Nobre et al., 2020).

Com as novas tecnologias contemporâneas, a internet e os jogos eletrônicos são usados de modo irrestrito, transformando-se em um dos maiores acontecimentos mundiais. Diversas pesquisas atestam os benefícios desses recursos, mas seu uso vem se tornando abusivo e criando consideráveis impactos (Abreu et al., 2008).

Comportamentos compulsivos e dependentes, anteriormente associados apenas à internet, foram agora incorporados aos aparelhos digitais. No caso da dependência de internet, podemos ver aspectos de tolerância e abstinência com concomitante desconforto físico quando se interrompem ou alteram padrões de uso (Greenfield, 2011).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-V), aborda de modo vago e restritivo o tema, com a classificação denominada de Transtorno do Jogo pela Internet (TJI), no capítulo dos adoecimentos que necessitam de maior aprofundamento por meio de pesquisas (Tumeleiro et al., 2018). A Classificação Internacional de Doenças, 11ª revisão (CID-11) prevê um novo quadro diagnóstico dos *gaming disorder* para

os casos de uso com prejuízo dos dispositivos digitais, abrangendo os subtipos “predominantemente online” e “predominantemente off-line”. Essas mudanças diagnósticas sugerem que há modos saudáveis e patológicos de lidar com as tecnologias. Assim, essas relações, mais ou menos saudáveis, precisam ser pensadas na clínica, levando em consideração caso a caso, não se limitando a uma visão generalizada e homogênea da situação (Lima, 2020).

A Associação Americana de Pediatria (APA) e a SBP alertam para a importância do uso limitado e proporcional à faixa etária e às etapas do desenvolvimento. Recomendam que bebês e crianças menores que dois anos não tenham exposição às telas, e que, no caso das crianças de dois a cinco anos, por exemplo, deve ser de até uma hora por dia mediado por um adulto (SBP, 2016).

Nesse sentido, a SBP ratifica a dificuldade encontrada em crianças para separar fantasia e realidade e expõe para os pais que é válido fazer uma espécie de dieta midiática com as crianças, bem como é importante haver educação digital. São associados à exposição precoce e intensa às telas prejuízos na aquisição de habilidades, como atraso no desenvolvimento cognitivo, na linguagem, sociais e alterações de sono (SBP, 2019). Nesse sentido:

Entende-se como riscos os efeitos negativos para a saúde nas áreas do sono, da atenção, do aprendizado, do sistema hormonal (com risco de obesidade), da regulação do humor (com risco de depressão e ansiedade), do sistema osteoarticular, da audição, da visão, além do risco de exposição a grupos de comportamentos de risco e a contatos com desconhecidos, com possibilidade de acesso a comportamentos de autoagressão, tentativas de suicídio e crimes de pedofilia e pornografia. (SBP, 2019, p. 2)

Os pais frequentemente apresentam dúvidas e incertezas quanto ao uso dos dispositivos e demonstram preocupações relacionadas aos potenciais efeitos negativos do uso para seus filhos. Quando suas crianças de dois e três anos excedem o tempo recomendado de uso, esses

pais, quando questionados, relatam seguir parcialmente as recomendações da APA em relação ao uso da mídia (Guedes et al., 2020).

Há um considerável debate público e científico sobre se o uso da tela ajuda ou atrapalha o desenvolvimento da primeira infância, especialmente o desenvolvimento de habilidades de linguagem. Desta forma, maior quantidade de uso de tela (ou seja, horas por dia/semana) foi negativamente associado à linguagem infantil, embora uma melhor qualidade de uso da tela (ou seja, programas educacionais e visualização conjunta com cuidadores) foi positivamente associado às habilidades de linguagem da criança (Madigan et al., 2020).

No que diz respeito ao desenvolvimento e comportamento das crianças por exposição às telas na primeira infância, as preocupações se referem a quadros infantis de obesidade – e aumento de Índice de Massa Corpórea (IMC) –, agressão e alterações no funcionamento executivo; no que se refere à persistência de tarefas, regulação da emoção e pensamento criativo/flexível. Atrasos cognitivos, de linguagem e atrasos sociais/emocionais também são associados à exibição excessiva de TV no início da infância (Radessky & Christakis, 2016).

No que diz respeito à agressão, foram feitas associações entre conteúdo de mídia violento e comportamento agressivo infantil. Sendo assim, diminuir a visualização violenta da mídia é uma via promissora para intervenção (Radessky & Christakis, 2016). Maior propensão a problemas emocionais, sintomas ansiosos/depressivos, queixas somáticas, sintomas de retraimento social, problemas de atenção e comportamentos agressivos foram observados em crianças pequenas que passaram mais tempo em dispositivos com tela de toque (Lin et al., 2020).

O tempo de tela, em crianças, pode causar obesidade, aumento da pressão arterial e problemas relacionados à saúde mental, além de reduzir o tempo de interação social e familiar, bem como favorecer exposição a conteúdos impróprios. Associa-se a grande exposição à tela a atrasos, no que diz respeito a linguagem e habilidade motora fina (Nobre et al., 2020).

Sendo assim, são sugeridas algumas recomendações pediátricas para limitar a exposição à tela, para fornecer programação de alta qualidade e para o uso em conjunto com cuidadores quando possível (Madigan et al., 2020). Escolha do uso do dispositivo digital e adequação dos espaços/momentos de uso de tela na casa são também exemplos de alternativas para um uso menos prejudicial dos dispositivos digitais. Do mesmo modo, o papel dos pais enquanto modelos para hábitos de mídia digital, também é sugerido, uma vez que eles têm a possibilidade de ensinar seus filhos a se conectar e criar, ao invés de consumir (Radessky & Christakis, 2016).

3.4 Intoxicações Eletrônicas e o Ser Criança em Processo de Constituição Psíquica – Impasses Determinados pelo Uso Excessivo e Precoce de Telas

Estando a criança ainda em vias de constituição psíquica, podem advir efeitos negativos do uso excessivo e precoce em um período tão caro para o desenvolvimento infantil, podendo esse uso acarretar impasses para a saúde mental e a constituição psíquica.

Nesse capítulo abordaremos o ser criança em processo dessa constituição, discorrendo, portanto, sobre o desejo parental, as pulsões (principalmente a invocante e a escópica), a paridade presença e ausência, bem como as funções materna e paterna. Em seguida, apresentaremos alguns impasses para a constituição diante do uso das telas, a intoxicação eletrônica.

3.4.1 O Ser Criança – em Processo de Constituição

Os acontecimentos psíquicos só são passíveis de sentido a posteriori, no que isso implica de permanência e passagem do tempo. Diante disso, pensar nos tempos atuais a saúde

mental de bebês e crianças é discutir o uso excessivo e a exposição precoce às telas. Crianças pequenas expostas às telas em um tempo que ainda não se constituíram psiquicamente.

Para Freud (1895/1950), a incompletude biológica é o que dá origem ao aparelho psíquico, tanto é que ele argumenta que o desamparo inicial do ser humano é a fonte primordial dos motivos morais. Para Lacan (1998), o sujeito como ser de linguagem é um ser dividido; assim, qualquer mecanismo psíquico tem sua função implicada nessa divisão subjetiva, na falta constituinte do sujeito barrado.

As pessoas não nascem apropriadas do seu corpo, essa é uma operação que pode se constituir ou fracassar. É o agente da função materna que sustenta a instauração desse funcionamento corporal subjetivado, à medida que interpreta as satisfações do bebê e o tira do desamparo (Lacan, 1998).

O nascimento prematuro do bebê humano não lhe garante suficiência de saída, o que marcará o seu corpo que inicialmente é vivido como fragmentado. O Outro materno precisará se dedicar a cuidar do bebê, interpretar, pelo choro e gemidos, suas necessidades, alimentando, acolhendo, acalentando, limpando, acariciando e libidinalizando seu corpo. Experiências de satisfação estão em questão, bem como um estado de urgência ou desejo que afeta a imagem mnêmica do objeto (Freud, 1895/1950).

À suposição do sujeito corresponde uma antecipação feita pela mãe, ou cuidador primordial, da presença de um sujeito psíquico no bebê que ainda não se constituiu. Assim a subjetividade, que não é inata, poderá se constituir (Kupfer et al, 2009).

O desenvolvimento do bebê e sua maturação dependem dos processos de formação da vida psíquica. Esses processos são conduzidos pelos outros que rodeiam a criança e são os responsáveis por seus cuidados. O lugar de um sujeito depende das ações que o cuidador realiza na primeira infância, e sem as quais esse lugar corre riscos (Kupfer et al, 2009).

Devido à prematuridade do bebê ao nascer, a condição de sua sobrevivência física e psíquica é o acolhimento por um Outro. Essa relação é dialética e complexa, pois envolve ser capturado e deixar-se capturar pelo Outro, uma vez que a partir daí se terá ou não o nascimento do sujeito. O desenvolvimento está interligado ao processo de formação da vida psíquica, mas não garante a presença da subjetividade (Catão, 2009).

O *infans* não dispõe de uma articulação significativa mínima, não consegue dizer do mundo que o cerca. Para dizer de sua verdade, ele terá que se apropriar de várias vozes que o habitam e que são agenciadas pelo Outro materno, descartando o que não seja essencial. É a este trabalho que o bebê se dedicará durante sua trajetória de apropriação da linguagem, no garimpo das sutilezas que o implicam na voz que o embala (Catão, 2009).

A voz tece o laço entre o *infans* e o Outro. Ela é o principal articulador, de acordo com Catão (2009), entre o simbólico e o real do corpo, operação sem a qual o bebê não se constitui em ser falante. A voz não se restringe à sonoridade, mas funda em um só tempo o sujeito e o Outro; ela faz fronteira.

A constituição subjetiva se dá a partir de uma suposição de sujeito feita pelo Outro. O Outro materno tem a função de interpretar, com o uso da linguagem e dos significantes, as necessidades e fazer surgir demandas, a partir da alternância de presença e ausência física e simbólica. A relação do sujeito com o Outro se engendra em um processo de hiências (Lacan, 2008).

É necessário que o Outro não esteja totalmente disponível para o bebê, que o bebê não seja totalmente satisfeito pelo Outro, que lhe falte algo. Entre a demanda da criança e a experiência de satisfação proporcionada pela mãe ou cuidador primordial, espera-se que exista um intervalo no qual surgirão as respostas da criança. O sujeito advém do intervalo, da experiência de descontinuidade entre a demanda e a satisfação, para que aí possa responder.

Com a ausência do objeto e a descontinuidade da mãe, será possível simbolizar (Kupfer et al, 2009).

A ausência materna leva a criança a desenvolver um dispositivo subjetivo para a sua simbolização. A presença materna não será apenas física, mas será, sobretudo, simbólica. Entre a demanda da criança e a experiência de satisfação proporcionada pela mãe, espera-se que haja um intervalo no qual poderá surgir a resposta da criança (Kupfer et al, 2009).

Tudo surge da estrutura do significante. O sujeito depende do significante e o significante está primeiro no campo do Outro. O significante produzindo-se no campo do Outro faz emergir o sujeito de sua significação. O primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro (Lacan, 2008).

O estágio do espelho vai da insuficiência para a antecipação, ou seja, é um acontecimento de formação do indivíduo. Com a ação jubilatória, o bebê vai da imagem despedaçada que tem de si para uma noção de totalidade, uma gestalt que resulta na formação do eu, identidade que sustentará o seu desenvolvimento psíquico. No estágio do espelho, a criança se aliena ao Outro materno, sai do autoerotismo e passa ao narcisismo, adquire unificação diante da imagem do espelho e se estabelece como eu-ideal. O Complexo de Édipo tem, assim, início. A mãe tem dupla função materna, por ser o Outro dos significantes e da linguagem e por ser o outro da imagem do espelho. O bebê vivencia a frustração por perceber, pela via imaginária, que eles não se completam (Lacan, 1998).

Em um segundo momento do Édipo, o que está em questão é ser ou não ser o falo para a mãe. O pai aparece como rival e duplo proibidor. O bebê se interroga o que quer uma mulher, já que identifica a falta do Outro (materno). A simbolização é instaurada, o que permite a presença na ausência. A privação do falo é vivenciada, pela via do real, podendo ser aceita ou recusada (Lacan, 1995).

Em seguida, no terceiro tempo do Édipo, o pai aparece como potente, possuidor do falo. A castração, pela via simbólica, de não ter o falo é vivenciada. O menino se identifica ao pai, que tem o falo, e a menina sabe que o pai é possuidor do falo. A metáfora paterna foi inscrita devido a aceitação da lei, da interdição; a operação de separação (que poderia se dar ou não) ocorreu, o sujeito tem sua saída do Complexo de Édipo e a constituição do ideal do eu ocorre (Lacan, 1995).

Na alienação, o que está em jogo é uma escolha forçada entre o ser e o sentido. O sentido remete ao Outro da linguagem que constitui o sujeito. Se o sujeito escolhe ser, escolhe não se alienar no campo do Outro, ele não se constitui. Mas se escolhe o sentido, aceita alienar seu desejo ao desejo do Outro, ele pode advir, em um outro momento, como sujeito (Lacan, 1998).

Ao escolher o sentido, há a perda do ser, pois o sujeito advém em outro lugar e não de si mesmo. Nesse sentido, o sujeito surge em sua falta-a-ser como efeito do significante. Por outro lado, ao assujeitar ao Outro, a criança se torna um sujeito da linguagem, que se faz representar por um significante (Lacan, 1998).

O Outro marca no sujeito uma borda, inscreve-se no mundo da linguagem. O significante está primeiro no campo do Outro e o bebê tem um enigma para decifrar: O que queres de mim? (Lacan, 2005).

A alienação vem demarcar que nenhum falante existe sem a relação com o Outro e que ele inicialmente se situa como objeto do desejo do Outro, mas a separação é uma escolha. A separação salienta a tentativa do falante de se “separar”, sair do lugar de objeto e, assim, realmente assumir a condição de sujeito desejante, portanto, faltoso. O sujeito emerge, então, como advento da fala (Soler, 1997).

Lacan (1998) considera que, na interseção entre o sujeito e o Outro, não há nada, lugar esse que será ocupado pelo *objeto a*, objeto causa de desejo. Diante da operação que se expressa

na separação, o que se tem é uma divisão, que tem como resto o *objeto a*. O *objeto a* é o indício final da uma unidade hipotética entre mãe e bebê, de uma satisfação mítica, sendo por meio de uma relação com ele que o sujeito constrói sua fantasia. Fantasia de completude que está apontando para o lugar que ele supõe estar em relação ao desejo do Outro. É a fantasia que sustenta a ação desejante.

O desejo se encontra em uma cadeia metonímica que se relaciona sempre com algo além da demanda. Por ser marcado pela falta, deseja-se. Na procura constante de um ideal posto em relação ao Outro, procura-se objetos e investe-se neles imaginariamente, na tentativa de encontrar o objeto perdido. É nesse jogo que o bebê se constitui sujeito (Lacan, 1998).

O sujeito não é causa de si mesmo, ele é efeito do discurso do Outro. O discurso dos pais remete ao desejo deles por essa criança e é com isso que se pode afirmar que o sujeito é causado pelo desejo do Outro; o sujeito encontra-se alienado ao desejo do Outro (Lacan, 1998).

O bebê entende que ele e o Outro materno não são uma unidade que se completa. A função paterna tem esse papel de ser o terceiro que se insere entre a mãe e o bebê, demarcando que não formam um, mas são dois, inserindo o campo das regras e limites do campo social (Lacan, 1995). Por isso, o bebê deseja e investe em objetos na tentativa de buscar a satisfação primária de completude. Cada bebê será marcado por diferentes elementos que darão sentido e movimentarão a sua busca. A falta, então, tem papel imprescindível na constituição do sujeito, pois abre espaço para simbolização (Lacan, 1995).

As trocas existentes entre mãe (cuidador primordial) e bebê proporcionam processos de pulsionalização do bebê. A partir dos trilhamentos da pulsão e da relação com o Outro, a constituição psíquica se constitui. O reconhecimento das primeiras reações involuntárias que o bebê apresenta ao nascer, tais como o choro, que serão reconhecidas pela mãe como um pedido que a criança dirige a ela, permitirá a construção de uma demanda. Essa demanda estará na

base de toda a atividade posterior de linguagem e de relação desse sujeito com todos com quem vier a se relacionar (Kupfer et al, 2009).

Freud (1905/1996) descreve, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, a pulsão como um conceito da delimitação entre o anímico e o físico. A pulsão é compreendida como representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui constantemente. Deve ser considerada como exigência de trabalho feita à vida anímica.

O que diferencia as pulsões é a relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório em um órgão e seu alvo imediato é a suspensão desse estímulo orgânico (Freud, 1905/1996). Ao descrever as pulsões e suas vicissitudes, Freud (1915/1996) refere que a pulsão surge dentro do próprio organismo. A pulsão é um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático; origina-se dentro do organismo e alcança a mente.

As pulsões podem ser pensadas a partir da pressão/impulso, finalidade, objeto e fonte. O objeto da pulsão é a coisa através da qual ou em relação à qual é possível atingir sua finalidade. As pulsões se caracterizam pela necessidade, buscam a satisfação que é chegar a seu alvo; para isso, Freud pensa no princípio do prazer. As pulsões podem ser caracterizadas, no que concerne à fonte, em pulsão de autopreservação e sexual (Freud, 1915/1996).

O impulso, de acordo com Lacan (2008), é uma força constante e tem uma tendência à descarga. A constância e o ritmo do impulso diferenciam a pulsão de uma função biológica. Lacan (2008) acrescenta a voz e o olhar como objetos da pulsão (pulsão invocante e a pulsão escópica).

A pulsão faz o seu trajeto contornando os objetos para sua satisfação, já que o objeto foi perdido e busca-se objetos parciais que satisfaçam. A pulsão contorna o *objeto a*, causa de desejo, por isso, o objeto da pulsão em si não tem importância. No caso do objeto olhar, o que

se procura ver é o objeto enquanto ausência; o que se olha é o que não se pode ver (Lacan, 2008).

O fundamental para cada pulsão é o vaivém em que ela se estrutura, o caráter circular do percurso da pulsão. A pulsão pode ser comparada a uma montagem. Nesse sentido, “a pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente” (Lacan, 2008, p. 173).

A pulsão pode ser satisfeita sem ser alcançada a satisfação, no que diz respeito à reprodução; sendo assim, a pulsão é parcial e seu alvo é o retorno em circuito, contornando o objeto faltante. O circuito pulsional é descrito em três tempos: ativo, reflexivo e passivo (Lacan, 2008).

O objeto pulsional voz, objeto do desejo do Outro, cumpre seu papel primordial: pôr um corpo em movimento. E ele o faz menos pelo som e mais pelo endereçamento, sua marca essencial. A mãe fala com ele e por ele. O bebê é chamado, chama e se faz chamar respondendo à invocação e demonstrando, deste modo, sua implicação no laço com o Outro (Catão, 2015).

A voz da mãe é comparada à voz da sereia, pelo poder de atrair o olhar de seu filho, poder de encantar presente mesmo antes do nascimento. A voz é primeira e comanda o olhar. A mãe, através do manhês, prosódia particular que ela tem de falar com seu filho, antecipa um sujeito. Os pais também conseguem se comunicar com os bebês por meio dessa prosódia particular, tanto que se pode falar em parentês (Laznik, 2021). A prosódia particular não tem a ver com o texto dito, nem com a altura da voz. O que está em questão são características sintáticas, prosódicas (os picos prosódicos), de simplificação dos enunciados e os cortes (Laznik, 2021).

O olhar do Outro primordial é constitutivo do eu e da imagem do corpo. O olhar dos pais, como uma forma particular de investimento libidinal, permite uma ilusão antecipadora:

ver e escutar o que ainda está por vir, o que seria uma espécie de loucura necessária às mães (Laznik, 2021).

Laznik discute o olhar fundador da mãe – do cuidador primário – em que estão inscritos os traços mnêmicos e os atributos daquele que está atento às necessidades do recém-nascido. Pontua também, nesse sentido, o rosto da mãe como se fosse um espelho, ou seja, algo do desejo da mãe sobre a criança seria traduzido pelos traços de seu rosto, no modo de olhá-lo, assim como os traços acústicos a partir dos modos prosódicos da fala dos pais ao bebê (Laznik, 2021).

O tempo particular de reconhecimento da imagem especular pelo Outro, momento de pedido de confirmação, pelo olhar, da assunção de uma imagem, domínio ainda não conquistado, é de muita importância. O momento de relação jubilatória à imagem do espelho é importante para dar unidade ao bebê. O eu e o corpo são produzidos pelo olhar, ou seja, pela atenção direcionada, pela presença (Laznik, 2021).

O não olhar entre bebê e mãe é indicador de dificuldades, desde um tempo precoce, na relação com o Outro. Para Lacan (1998), o eu, enquanto imagem, é um objeto privilegiado dentre os demais. A imagem na qual a criança se reconhece torna-se referência tanto para seu corpo como se torna também a matriz simbólica. A função do estádio do espelho, que Lacan (1998) argumenta, pode, desta forma, sofrer impasses ou, em último caso, fracassos. Outro sinal a ser observado é a não instauração do circuito pulsional completo (Laznik, 2021).

3.4.2 Os Impasses Determinados pelo Uso de Telas – Intoxicações Eletrônicas

A noção de intoxicação eletrônica, circunscrita no campo da saúde mental, é um constructo psicanalítico que coloca em questão a constituição psíquica. Nesse sentido, compreende que o laço bebê-cuidador primordial está sujeito a alterações na medida em que o

uso de tecnologias digitais é intenso, precoce e reduz as trocas com o agente cuidador, resultando em alterações no circuito pulsional.

É preciso considerar que o fazer de uma criança, se bem implique uma resposta singular, é produzido em um contexto. As crianças produzem seus sintomas a partir do material simbólico disponível pela transmissão de sua família e cultura, revelando com seus sintomas o retorno do recalco do ideal civilizatório da época em que vivem (Jerusalinsky, 2014).

Cabe à psicanálise interrogar de que modo se opera a articulação do sujeito com o sintoma social. Revelar o tecido do discurso social pelo avesso é fundamental para que os sintomas das crianças de nosso tempo não fiquem na dimensão de inadequação ou rompimento. Reconhecer que o sintoma sustenta uma verdade que se apresenta em falso possibilita que o paciente possa produzir um saber fazer ali com isso, articulando um saber que o implica em seu singular modo de resposta ao contexto cultural e familiar de seu tempo (Jerusalinsky, 2014).

Os tablets, as televisões e os smartphones fazem parte da rotina das crianças e dos bebês que, ao mesmo tempo, estabelecem uma relação de consumo com estes objetos (Jerusalinsky, 2017a). O uso que a criança pode fazer da vida digital está associado à realidade familiar e de educação, podendo a criança apresentar dificuldade com a superoferta da presença, manifestar isolamento e redução do laço social, depressividade desejanter, déficit narrativo na construção de intimidade, indeterminação da privacidade e autenticidade, hipertrofia das expectativas narcísicas de reconhecimento e intoxicação digital (Dunker, 2017).

É na ausência materna que o bebê alucina sua voz e produz vocalizações, fundamentais para a constituição do ser falante. É, ainda, pela voz que a mãe pode fazer-se presente, mesmo corporalmente ausente, valorizando esse campo de trocas. No caso dos bebês que fazem uso excessivo dos eletrônicos, identifica-se a introdução na linguagem por meio de enunciados fixos de aplicativos sem a mediação do olhar, de gestos e do enigma desejanter do Outro “O

que quer de mim”? Têm-se, assim, bebês que padecem de intoxicações eletrônicas; capturados nos gadgets, têm suas demandas suspensas e a captura do olhar na tela portátil (Jerusalinsky, 2017a).

A experiência de ausência de si, com dificuldade de estar com o outro, exteriorização do fantasiar e estar inacessível são características da intoxicação digital infantil. O aumento da velocidade das demandas, a redução da via imaginária da fantasia e a facilidade de acesso à informação caracterizam a vida digital e parecem conduzir a uma redução da via imaginária da fantasia. O tempo de ausência, tão importante, parece ter sido suprimido. Parece improvável a formação de sintomas do uso intoxicante da vida digital. Os sintomas são difusos. A intoxicação digital crônica é uma patologia discursiva, é uma alteração do laço social, da economia de gozo e da relação de reconhecimento em que o saber comanda (Dunker, 2017).

Jerusalinsky (2017b) fala que a intoxicação eletrônica deve ser pensada em termos de conexões e desconexões entre corpo e psíquico, no discurso e no laço com o Outro. Crianças sideradas pelas telas que repetem fragmentos sem significado, em uma relação com as telas sem atribuição de sentido e que não permite trocas nem hiências.

A psicanálise permite pensar em funções e operações constituintes do sujeito que podem ser sustentadas por diferentes agentes, uma vez que a criança, para se constituir sujeito, precisa de um desejo não anônimo e do Outro encarnado que possibilite uma metáforização do que afeta o corpo. A simbolização não está atravessada pela função paterna em uma extensão de circuitos de satisfação referidos a um traço unário fundamental. Os bebês estão, assim, expostos ao risco de montarem seu campo pulsional de maneira restrita e achatada sob a sideração do espetáculo (Jerusalinsky, 2017b).

A criança colada na tela parece completa, aparenta excluir o Outro de suas operações. O laço social é o laço entre os sujeitos e os objetos de consumo, que se dirigem ao sujeito em sua divisão e se apresentam para apoiar o apagamento da castração (Mena, 2017).

O mito contemporâneo de aposta na possibilidade de uma transmissão que possa ser feita em ausência do corpo através de aparelhos tecnológicos e eletrônicos parece se realizar. O que faz laço entre as pessoas, o que é transmitido como valor cultural, o que é sempre objeto de desejo nas horas de lazer é o celular e o tablet. Tanto é que há casos em que o Outro para as crianças são os aparelhos eletrônicos, e isso não é sem consequências para a constituição psíquica (Jerusalinsky, 2017b).

Suprime-se a diferença da condição de espectador à de alguém que faz parte da cena. É preciso um tempo de tramitação para que, a partir da vivência do bebê com a mãe, possa se produzir um laço permeado por um saber fazer que valha singularmente nessa relação em nome da eficácia das máquinas (Jerusalinsky, 2017b). É no laço com o cuidador primordial que o desenvolvimento infantil e a construção do psiquismo ocorrem. Bebês e crianças pequenas, expostos à virtualização, podem experimentar uma dissociação do corpo num tempo em que ainda não constituíram um (Jerusalinsky, 2017b).

As identificações primordiais, tão caras para a constituição do eu, ficam ameaçadas pelo prejuízo da construção do código recíproco entre a mãe e a criança. O lugar do Outro primordial pode não estar ocupado pelo cuidador primordial, comprometendo a constituição subjetiva da criança. Ademais, a presença constante de dispositivos digitais, colocados como substitutos da presença materna, expõe o pequeno ser a um excesso de presença marcada por uma hiperestimulação (Jerusalinsky, 2018).

A mãe precisa se valer de objetos substitutivos para que a satisfação do bebê não se resuma a ela. Entretanto, há uma promessa mercadológica de tais objetos, em lugar de funcionar progressivamente como representantes simbólicos que metaforizam a relação com o Outro encarnado diante de sua inevitável falta, e que não estão atravessados pela função paterna em uma extensão de circuitos de satisfação referidos a um traço unário fundamental (Jerusalinsky, 2017b).

A relação com as telas deixa o corpo de fora e a articulação corpo/linguagem não ocorre. A criança pode apresentar, assim, dificuldade de brincar, de inventar situações de modo criativo, de faz de conta, rigidez em encenações, repetição de personagens e compulsões corporais (Bernardino, 2017). Nesse sentido, afirma-se que:

Sem esse bordado, sem a inscrição de litoral entre gozo e saber, a criança fica exposta a se perder em uma errância pelo simbólico, sem um fio que lhe permita alinhavá-lo a partir do desejo que lhe concerne e a toca em sua economia pulsional... ou a criança fica lançada a automatismos sensoriais em torno de fragmentos perceptivos, sem um simbólico que metaforize por ela a relação com a coisa. (Jerusalinsky, 2017b, p. 50)

Esse cenário faz uma semelhança de comportamento com os bebês e crianças pequenas, que apresentam sinais de risco positivos para autismos, tanto que o diagnóstico de autismo tem aumentado erroneamente: um bebê com intoxicações eletrônicas pode apresentar um funcionamento psíquico semelhante ao de um bebê com sinais positivos de risco de autismo. Com as telas não há montagem de circuito pulsional. Trata-se de uma relação limpa de gozo, como se pensar no caso dos autistas, que se expressam por meio de automatismos fragmentados sem simbolização, uma vez que não houve integração do corpo e do psíquico, não acenderam a condição de sujeito, ou seja, as operações de alienação e de separação não se instalam (Bernardino, 2017).

Diante disso, pensar nos tempos atuais a saúde mental infantil implica em incluir a discussão sobre o uso excessivo e a exposição precoce às telas por parte das crianças. Em tempos de cultura digital, é preciso ter em vista que as repercussões só serão identificadas em um “só depois” (Amor & Chatelard, 2016), geralmente, por seus próprios pais.

O olhar das telas não é endereçado e as trocas não acontecem no mesmo formato como na relação da voz entre seu Outro primordial e o bebê. Alteram-se os tempos do circuito

pulsional, suprimindo, por exemplo, o terceiro tempo passivo. Tempo este, por exemplo, que o autismo não conhece, como afirma Laznik (2021).

Inflaciona-se para a criança a ilusão de que as demandas poderiam ser todas atendidas pelas infinitas possibilidades de consumo, em lugar de se transmitir que o desejo sempre comporta um encontro faltoso com o objeto. É necessário ter desejos insatisfeitos e almejar satisfações para que se possa ter trabalho para, em parte, realizar (Jerusalinsky, 2014).

O tempo vazio a partir do qual é possível dar espaço à invenção provoca uma ansiedade insuportável em que protestam por uma atividade pré-programada. Nesse sentido, há uma exigência do inédito constante, em um incessante movimento que busca preencher a falta por meio de uma avidez de consumir outra cada vez mais (Jerusalinsky, 2014).

A psicanálise se propõe a promover um lugar para a palavra, para a enunciação, seja pela fala ou pelo brincar, capaz de vincular o desejo e barrar o gozo, que parece estar sem limites. Romper com a lógica da exigência do gozo e sustentar a importância de um desejo que não seja anônimo para a criança (Lopes & Bernardino, 2011; Barbosa & Lima, 2018).

Brincar é constituinte do sujeito na infância, pois implica a possibilidade de apoiar o seu fantasiar em objetos concretos, permite a posição de autor, ao invés de espectador. A psicanálise, diante disso, permite pensar em funções e operações constituintes do sujeito que podem ser sustentadas por diferentes agentes, uma vez que a criança, para se constituir sujeito, precisa de um desejo não anônimo e do Outro encarnado que possibilite uma metaforização do que afeta o corpo (Jerusalinsky, 2017b).

Pensar os diagnósticos classificatórios, no caso das crianças, é pensar além dos marcadores ideais da sociedade em que os cuidadores disponibilizam e estão inseridos; é pensar no devir do corpo da subjetividade diversa para sujeitos vivenciando momentos de crise no seu processo constitutivo, demandando acolhimento e escuta (Ranãa, 2020). Os bebês e as crianças estão em constituição psíquica, estão em processo de vir a ser e sob o efeito do *après-coup*.

A intoxicação eletrônica, então, não deve ser compreendida como uma patologia nem um diagnóstico psíquico ou biológico, mas sim como uma claudicância nas trocas entre o cuidador primário e o bebê/criança pequena; é a posição de cuidado que, de algum modo, não se cumpre. Portanto, em pauta estão as funções materna e paterna. O Outro anônimo, que pode se constituir nas relações perpassadas pelo excesso e pela precocidade da exposição das crianças às telas, é o que está em questão.

Muitas questões estão em aberto, aguardando pesquisas, como por exemplo: a partir do ponto de vista imaginário, a construção da imagem corporal com imagens autônomas e personagens que existem em outro tempo e espaço, mas que podem ser onipresentes na vida de uma criança. A compreensão se a alternância da presença e ausência constituinte da possibilidade de representar o outro falante, que permite criar oportunidades substitutivas do brincar criativo, poderia ficar à mercê de uma existência virtual (Bernardino, 2017).

4 Metodologia

4.1 Desenho da Pesquisa

Trata-se de um estudo qualitativo, de campo, descritivo e exploratório. Este trabalho de pesquisa é uma investigação qualitativa por se tratar de um estudo de aspectos subjetivos da realidade social, como as percepções de um grupo delimitado. A entrevista foi adotada como instrumento de pesquisa por se tratar da estratégia mais utilizada em trabalho de campo (Minayo, 2014).

4.2 Local da Pesquisa

A pesquisa aconteceu de modo online, telepresencial, síncrono, através de chamada de áudio e/ou vídeo em plataformas digitais, como Zoom ou WhatsApp, com participantes que moravam em Salvador, sua Região Metropolitana e Feira de Santana (Bahia).

Esse formato de pesquisa se deu pela pandemia do COVID-19, que tinha indicação de isolamento social, e para facilitar a possibilidade de participação dos entrevistados, já que não demandou deslocamento.

4.3 Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa consistiram em mães (ou seja, cuidadores primários que ocupam essa posição) de crianças, de dois a quatro anos, que fazem uso precoce e intenso dos dispositivos eletrônicos digitais, crianças com e sem sinais de intoxicação eletrônica, desde a primeiríssima infância, com meses de vida.

Quando as mães falaram da relação com os dispositivos digitais, se referiam a essa realidade desde o nascimento, mas muitas vezes os sinais só são percebidos em um só depois quando já se espera a aquisição de algumas habilidades, como sustentação de corpo, marcha, interação e linguagem. Sinais precoces muitas vezes são negados. A escolha da faixa etária de dois a quatro anos se deu, então, por compreender que é preciso, muitas vezes, um intervalo, um tempo entre os sinais e a percepção dos pais. No período de dois a quatro anos, a inserção na linguagem e seus possíveis impasses poderão ser conhecidos, tanto quanto outros efeitos da intoxicação eletrônica podem se fazer mais visíveis nessa etapa. É um período de constituição do eu, de virada entre os processos de alienação e separação, marcos que sugerem a constituição psíquica (Stenner, 2004). Ainda que essas operações ocorram na ordem lógica e não

cronológica do tempo, é possível fazer uma correlação entre a faixa etária e esses acontecimentos psíquicos.

4.3.1 Critérios de Inclusão

Os critérios inclusão de seleção dos participantes da pesquisa foram pais, mães, cuidadores primordiais ou quem exerce essa função, nas cidades de Salvador, sua Região Metropolitana e Feira de Santana, que vivenciaram alguma dificuldade ou impasse no cuidado de crianças a partir do uso intenso e precoce de dispositivos eletrônicos digitais ou perceberam alguma especificidade no desenvolvimento que apontou para a intoxicação eletrônica, com ou sem diagnóstico. Limitou-se a regiões de um mesmo estado, por entender que diferenças culturais podem interferir nos resultados. O estudo pretendeu comparar a visão dos pais de crianças com e sem diagnóstico de intoxicação dado por um profissional.

4.3.2 Critérios de Exclusão

Os critérios de exclusão de seleção dos participantes da pesquisa foram pais de pacientes que estivessem em atendimento pela pesquisadora durante o período da pesquisa, pais de crianças com doença crônica, mães com depressão pós-parto e pais com diagnóstico de transtornos mentais severos e persistentes já diagnosticados.

4.4 Procedimentos e Instrumentos

A seleção dos participantes foi feita pela técnica bola de neve (Vinuto, 2014), devido à especificidade do público pesquisado. Este é um método que não tem vinculação institucional, que busca avaliar o coletivo e não a instituição; funciona como uma espécie de cadeia de

referências, com indicações como forma de recrutar os participantes, que são chamados de sementes. Assim, o trabalho não precisou de carta de anuência.

As sementes de partida ou células iniciais da pesquisa foram profissionais da saúde e da educação que trabalham com o público infantil. Buscou-se contemplar a saturação dos dados.

Inicialmente, a pesquisadora fez contato com as sementes de partida por telefone, e-mail ou WhatsApp, que passaram o nome e o contato telefônico de suas indicações ou encaminharam os contatos da pesquisadora. Em seguida, foi feito contato com os possíveis participantes que foram indicados e estes (aceitando ou não participar da pesquisa) puderam indicar outros possíveis participantes, oferecendo nome e contato telefônico. Os quais também foram contatados.

Foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por WhatsApp ou e-mail para aqueles que aceitaram participar da pesquisa, já que todos os participantes eram alfabetizados. Foi também disponibilizada leitura do TCLE no encontro telepresencial antes da realização da entrevista. Para aqueles que deram o aceite, a entrevista foi marcada. Aqueles que não deram o aceite, não participaram da pesquisa, cessando o contato. Durante toda a etapa de realização da pesquisa, a pesquisadora esteve à disposição para esclarecer possíveis dúvidas.

4.5 Convite de Recrutamento

As sementes de partida (profissionais da saúde e da educação que trabalham com o público infantil) foram contatadas com a seguinte narrativa: “Estamos realizando uma pesquisa de mestrado intitulada ‘Intoxicação Eletrônica em crianças de zero a quatro anos: percepção dos pais’. Pesquisadora Camila Ataíde sob a orientação de Isabella Queiroz, ambas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Intervenções em Saúde, da Escola Bahiana de

Medicina e Saúde Pública. Este estudo tem como objetivo conhecer a percepção de mães, pais ou cuidadores sobre possíveis sinais de toxidade nas crianças devido ao uso intenso e precoce, ou seja, desde alguns meses de vida, dos recursos eletrônicos digitais. Se você conhece alguém que possa participar, entre em contato com Camila pelo telefone (75) 99908-8880 ou por e-mail camilafigueiredo.pos@bahiana.edu.br.”

Os possíveis participantes indicados foram contatados, sendo informado quem fez sua indicação com a narrativa que segue: “Sou Camila Ataíde, psicóloga, e estou realizando uma pesquisa de mestrado que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Recebi indicação de seu nome por (nome da pessoa). Essa pesquisa tem como objetivo conhecer a observação dos pais ou cuidadores sobre o uso de eletrônicos cada vez maior e mais cedo por parte das crianças. A pesquisa será feita através de uma entrevista por chamada de vídeo do WhatsApp ou aplicativo Zoom. Gostaria de participar?”

4.6 Coleta de Dados

A coleta de dados foi feita pela pesquisadora que é a autora da pesquisa. Os áudios das entrevistas foram gravados e, posteriormente, transcritos e revisados para a análise do material coletado através de entrevistas semiestruturadas.

A escolha da entrevista compreensiva (Kaufmann, 2013) e semiestruturada como recurso de coleta de dados se deu por entender que a explanação individual do sujeito pesquisado, a partir de perguntas disparadoras (Apêndice C), é a forma mais adequada de abordar a temática, por se tratar de um tema subjetivo e, ao mesmo tempo, amplo, que demanda um instrumento que facilite a obtenção de informações. A entrevista compreensiva permite

ainda o esclarecimento de respostas e tem maior chance de manter o foco na questão da pesquisa.

O diário de campo foi utilizado para registrar observações da pesquisadora. Registro das impressões, dos ditos, não ditos, do conteúdo que a atenção flutuante captou. Foi anotado o conteúdo que chamou a atenção da pesquisadora, seja pela repetição ou pela especificidade.

O período de coleta foi durante o mês de dezembro de 2020. Este trabalho foi composto de oito entrevistas.

4.7 Análise dos Dados

Os dados coletados foram analisados pela análise de conteúdo, de acordo com Minayo (2011), que possibilita a verificação das questões levantadas na pesquisa mediante a criação de categorias temáticas de análise. As categorias de análise foram estabelecidas posteriormente à coleta, após uma primeira análise dos dados. Em seguida, foi explorado o material, que foi interpretado e analisado a partir da atenção flutuante, para a compreensão de especificidades e dados que estão nas entrelinhas das entrevistas.

4.8 Aspectos Éticos

Este trabalho está de acordo com a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Foi evitada situação de risco e desagradável para as pessoas envolvidas, as quais participaram por livre e espontânea vontade desta pesquisa e tiveram emitido um TLCE (Apêndice D).

A pesquisa versou sobre crianças, mas não aconteceu com elas, e sim com os pais; assim, não foi necessário carta de assentimento. Os pais ou cuidadores, participantes da pesquisa, puderam desistir a qualquer momento e tiveram a explicação da intenção da pesquisa.

Foi pretendido anonimato em relação à identidade dos participantes, com a utilização de nomes fictícios para preservar suas identidades; foram identificados pela letra “M”, de mãe, já que todas as participantes foram mães, seguido de um numeral para diferenciar as participantes. A entrevista foi online, mas a imagem não foi registrada, apenas o áudio foi gravado para a transcrição e a análise das informações fornecidas. Os dados foram tratados coletivamente, sem se referir às pessoas individualmente. Os dados foram utilizados preservando a originalidade das respostas das entrevistadas. Os dados serão utilizados para fins acadêmicos, podendo ser publicados ou apresentados em congressos e revistas. A pesquisa foi iniciada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), com número do Parecer 4.347.761 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 36549720.8.0000.5544.

Os dados obtidos pela pesquisa estão arquivados com a pesquisadora em seu notebook pessoal e protegidos com senha por um período de cinco anos. Após esse tempo, serão apagados e inclusive retirados da lixeira do notebook. Informações em papel estão arquivadas em armário com chave no consultório da pesquisadora que fica localizado na Avenida João Durval Carneiro, nº 3665, sala 614, bairro São João, na cidade de Feira de Santana-Bahia e serão descartados e destruídos após o mesmo período de cinco anos, sendo incinerados. A pesquisa divulga os achados sobre a temática estudada, através da confecção e publicação de um artigo sobre as intoxicações eletrônicas, bem como por meio da confecção de um livro de estórias, que pretende instrumentalizar os participantes nos cuidados com as crianças.

4.9 Riscos com a Participação da Pesquisa

As informações são usadas somente para fins acadêmicos e científicos. Os dados foram tratados coletivamente, sem se referir às pessoas individualmente. Os riscos a que os

participantes da pesquisa estão expostos, como quebra de anonimato, foram minimizados com a utilização de nomes fictícios para preservar a identidade. A entrevista foi online, mas a imagem não foi registrada, apenas o áudio gravado para a transcrição e a análise das informações fornecidas.

A pesquisa visou evitar riscos, mas podia haver mobilização resultante da participação da pesquisa. As entrevistas em formato individual e semiestruturado visaram minimizar os riscos. A entrevista podia ser interrompida, sem prejuízo para o (a) participante a qualquer momento que solicitasse ou fosse identificada necessidade, visando minimizar os desconfortos com a participação (sejam eles cansaço, aborrecimento, constrangimento, vergonha ou estresse).

Caso ocorresse mobilização do(a) participante devido à participação na pesquisa, ele(a) tinha direito a receber assistência psicológica de imediato e de forma gratuita pela pesquisadora, que é psicóloga, por três meses com atendimento semanal. Se depois disso, ainda fosse necessário, seria feita orientação para a continuidade do atendimento psicológico gratuito no serviço público.

A pesquisa está de acordo com a Resolução nº 466/12 do CNS, para a preservação e o respeito aos participantes e atenção aos aspectos éticos e legais de pesquisa com seres humanos.

4.10 Benefícios Diretos aos Participantes

O benefício direto da participação da pesquisa é o acesso à informação sobre a intoxicação eletrônica, que instrumentalizará para lidar com o cuidado das crianças. Será benefício também o recebimento do livro de estória sobre as intoxicações eletrônicas em crianças. Não houve qualquer vantagem financeira com a participação na pesquisa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados que caracterizam os participantes do estudo, acerca da percepção dos cuidadores a respeito do uso excessivo e precoce das telas, são parentesco com a criança, profissão, idade, cor autodeclarada, renda familiar, região e bairro em que moram. Esses dados estão organizados na Tabela 1, que segue:

Tabela 1*Caracterização dos Participantes*

| Quem são | Profissões | Idade | Cor autodeclarada | Renda familiar | Região-bairro |
|-----------------|-------------------|--------------|--------------------------|-----------------------|---|
| Mães | Empresária-1 | 33 anos-3 | Negra -2 | 4/10 SM-3 | Salvador-6 Alphaville-1 |
| | Engenheira-1 | 37 anos-1 | Parda-3 | 10/20 | Brotas-1 |
| | Farmacêutica-1 | 38 anos-2 | Branca-3 | SM-3 | Itaigara-1 |
| | | 40 anos-1 | | Acima de 20 | Rio Vermelho-1 |
| | Fisioterapeuta-2 | 41 anos-1 | | SM-2 | Santa Monica-1 |
| | Médica-1 | | | | Stiep-1 |
| | Professora-2 | | | | Região Metropolitana -1 Inocoop |
| | | | | | Feira de Santana-1 Campo Limpo |

Fonte: Originado do próprio estudo.

Os cuidadores primordiais que participaram da pesquisa foram, em sua totalidade, mães. Esse dado merece uma análise, uma vez que reflete a condição da mulher na cultura, no que diz respeito a sua posição diante da maternidade. Os cuidados com os filhos e as atividades domésticas são hoje endereçadas como responsabilidades da mulher, na maior parte das famílias. Questionar o “dom” para maternidade, refletir sobre a história do trabalho feminino e pensar no acúmulo de tarefas para a mulher se faz importante para entender o uso das telas pelas famílias e a intoxicação eletrônica nas crianças, ainda mais em tempos de pandemia. Tanto é que Badinter (2018) afirma que a convicção do instinto materno é um mito, e que não há uma conduta materna universal e necessária. Contrariando a crença generalizada, o amor materno não está inscrito na natureza feminina, não é um sentimento inerente à condição da mulher e varia de acordo com a realidade cultural e social da história.

As entrevistadas apresentaram nível superior completo de escolaridade e renda familiar média/alta. Contudo, esses dados evidenciam que essas condições não garantem uso mais benéfico das mídias. O aspecto identificado no presente estudo, para um uso mais consciente das telas, é a qualidade das trocas entre cuidador primordial e bebê/crianças pequenas, ou seja, a qualidade da relação de cuidado da criança com o cuidador primordial. Esses achados contrapõem-se aos estudos de Nobre et al. (2021), que colocam a escolaridade dos pais como fator positivo para a exposição de crianças às telas, compreendendo que o uso traz benefícios para as crianças, por entender que pais com maior escolaridade e renda farão uso de mais aplicativos e recursos que instrumentalizarão o processo de aprendizagem das crianças e funcionarão como estímulos.

A mediação do uso e as relações estabelecidas entre pais e filhos se apresentou de maneira singular no presente estudo. Cada família teve o seu modo específico de se relacionar, tanto no momento em que houve a exposição excessiva e precoce quanto no momento em que ofertaram os cuidados aos efeitos advindos do uso das telas. Para além dessa situação, foi possível perceber que as mães que têm profissão relacionada ao cuidado da vida/saúde, como médica, fisioterapeuta e farmacêutica, tiveram mais facilidade de mudar a relação com seus filhos, como forma de cuidado diante das alterações apresentadas pelas crianças no que concerne ao uso das telas.

As crianças, sobre quem os cuidadores descreveram suas percepções acerca do uso das telas, foram caracterizadas por idade e sexo, como pode ser visto na Tabela 2, a seguir:

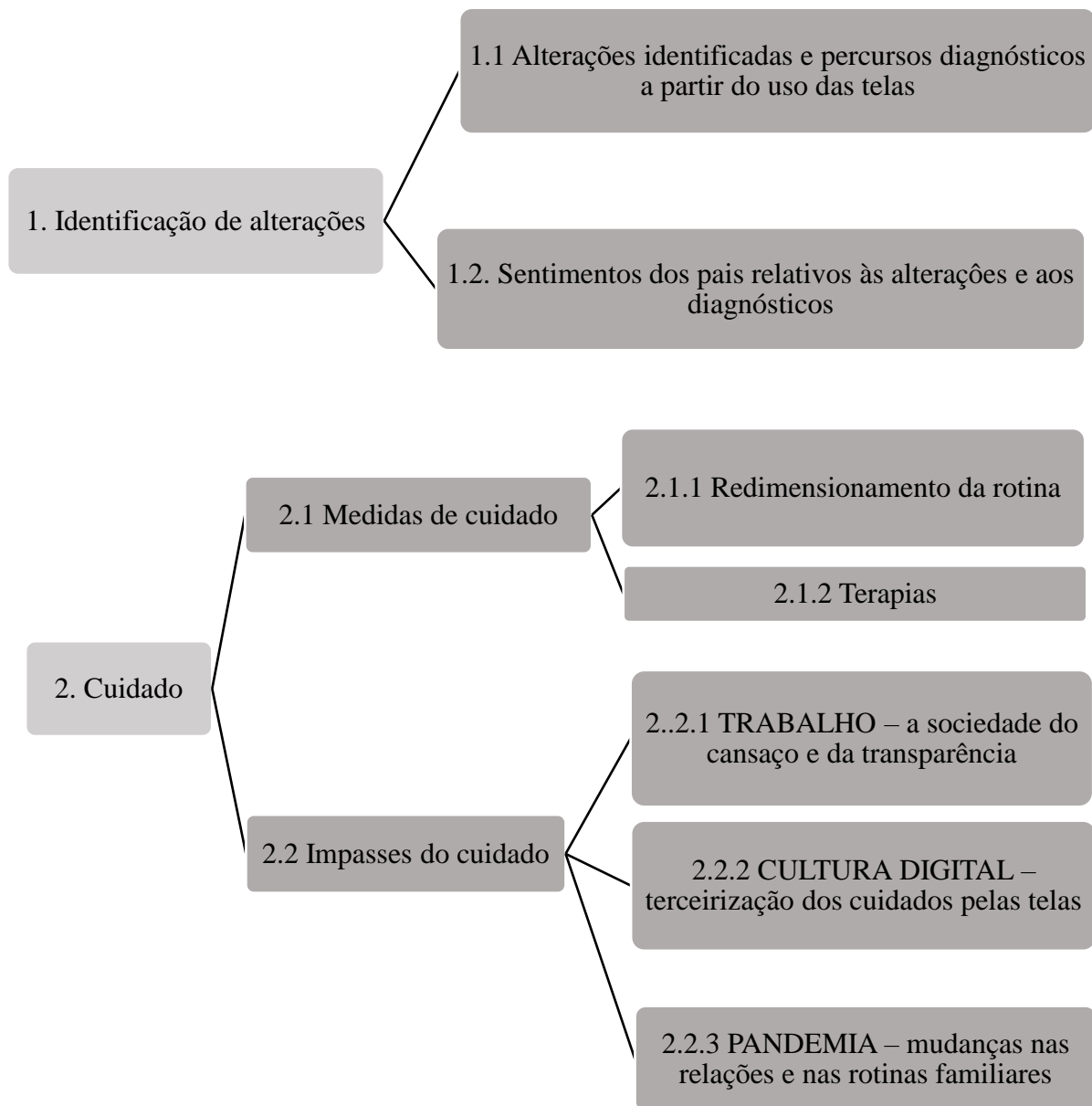
Tabela 2*Caracterização das crianças*

| Idade | Sexo |
|-------------------|-------------|
| 2 anos | M |
| 2 anos e 8 meses | M |
| 3 anos | M |
| 3 anos e 5 meses | F |
| 3 anos e 11 meses | M/M |
| 4 anos | F/M |

Fonte: Originado do próprio estudo.

As crianças estão expostas às telas desde o tempo precoce. Os efeitos dessa exposição, entretanto, são mais facilmente identificados quando a criança atinge idade condizente ao período etário da criança escolar (a partir dos 3 anos), quando há expectativa de aquisição e de desenvolvimento de habilidades, como no caso da aquisição de fala. Nesse sentido, na pesquisa, 6 dos 8 casos em que as alterações foram percebidas correspondem às de crianças acima de 3 anos, corroborando com os achados de Nobre et al. (2020) e Radessky & Christakis (2016), que identificaram prejuízos no campo da linguagem, em virtude do uso intenso e precoce das telas.

Os dados foram tratados valendo-se da análise de conteúdo, com a criação de categorias temáticas de acordo com Minayo (2014). Assim, a partir das entrevistas, foram criadas categorias para a sistematização e a análise das informações coletadas. Na presente pesquisa, foram criados dois eixos temáticos, sendo eles: “Identificação de alterações” e “Cuidado”, de acordo com imagem que segue:

Figura 1*Árvore Temática das categorias*

Fonte: Originado no próprio estudo.

A partir do relato das entrevistadas, os resultados da pesquisa foram categorizados e organizados em uma árvore temática. As mães relataram os prejuízos em seus filhos

provenientes da exposição às telas, bem como apresentaram as medidas de cuidado que tiveram diante dos prejuízos ou sinais de intoxicação identificados. Sendo assim, os resultados foram organizados nesta árvore temática com dois eixos: “Identificação de alterações” e “Cuidado”. O eixo “Identificação de alterações” foi subdividido em “Alterações identificadas e percursos diagnósticos a partir do uso das telas”, que diz respeito à identificação e investigação do que não ia bem com os filhos ou que chamou a atenção dos pais, e “Sentimentos dos pais relativos às alterações e aos diagnósticos”, que se refere ao modo que os pais se sentiram diante do que identificaram em seus filhos. O eixo “Cuidado” foi subdividido em “Medidas de cuidado”, no que diz respeito às medidas adotadas, e “Impasses do cuidado”, no que concerne aos entraves para o exercício das funções maternas e paternas.

No que se relaciona à percepção dos pais acerca dos sinais de intoxicação eletrônica ou do uso intenso e precoce das telas por seus filhos, o uso das telas pelas crianças era uma prática normalizada. Os pais entendiam que algo não ia bem com seus filhos, mas não entendiam do que se tratava. Apresentaram dificuldade de reconhecer os prejuízos do uso intenso e precoce das telas por parte de seus filhos. Quando foram cuidar e investigar essas alterações, seja buscando informação sobre o assunto, seja buscando ajuda profissional, puderam entender que as alterações comportamentais identificadas em seus filhos estavam associadas à exposição às telas. Nesse aspecto, Jerusalinsky (2014) lembra que as crianças produzem seus sintomas a partir do material simbólico disponível pela transmissão de sua família e cultura, revelando, com seus sintomas, o retorno do recalcado do ideal civilizatório da época em que vivem. Assim, é possível destacar as falas:

“A gente tá tentando criar estratégia...Para respeitar ele, mas, também, não deixar ele se isolar, né? Aí até pensamos no psicólogo e tudo pa..., mas ainda estamos nessa fase, assim, de observar, vamos ver o que que vai dar, será que preciso mesmo, sabe?” (M5)

“Tudo que precisasse ser feito... ‘Ah eu preciso limpar a casa’, então coloca ele no celular, ‘Ah eu preciso cozinhar’, coloca ele no celular, ‘Ah eu quero descansar’, então vou colocar ele no celular. Porque ele ficaria quieto...” (M8)

Referente à categoria 1, “Identificação de alterações”, temos duas subcategorias. A primeira subcategoria, a 1.1, consiste nas “Alterações identificadas e percursos diagnósticos a partir do uso das telas”. Sobre essa subcategoria, podemos apontar como as principais alterações identificadas: dificuldade de aquisição e desenvolvimento da fala; fala repetida e não endereçada, sem sentido; dificuldade de socialização; restrição alimentar; necessidade de se alimentar na frente das telas; alteração nas trocas/na interação por parte das crianças, que apresentavam dificuldade em responder quando chamados; agitação; irritabilidade; alteração na qualidade do sono. Esses achados corroboram com a SBP (2019), que refere que a exposição precoce e intensa às telas está associada a prejuízos na aquisição de habilidades como atraso no desenvolvimento cognitivo, na linguagem, habilidades sociais e alterações de sono.

Nesse sentido, Jerusalinsky (2017a) mostra que se identifica em bebês e crianças pequenas que fazem uso excessivo das telas, a introdução na linguagem por meio de enunciados fixos de aplicativos sem a mediação do olhar, de gestos e do enigma desejante do Outro, bem como há a suspensão das demandas da criança, que tem o olhar capturado na tela. Diante disso, é possível identificar as falas:

“Ele tinha uma redução do contato visual, a parte da compreensão, né? Era um pouco mais...é...prejudicada. Tinha uma irritabilidade. A interação, o partilhar uma atividade juntos também era prejudicada.” (M1)

“E meu filho, realmente, assim, ele não falava, não se comunicava, e assim é visível até hoje...é, como ele se comporta diferente quando ele está muito exposto a tela ou quando ele fica mais exposto, seja tablet, celular, televisão, do que quando ele não está.” (M3)

“Mas eu sempre entendi...eu, pra mim, ele falava tudo corretamente...mas as outras pessoas achavam que ele falava embolado.” (M5)

Ainda sobre a subcategoria 1.1, no que se refere aos percursos diagnósticos trilhados, as famílias recorreram à ajuda médica, já que buscavam identificar e cuidar das alterações comportamentais que identificavam em seus filhos. Ao investigar com pediatras e neurologistas, realizando avaliações e exames, algumas possibilidades diagnósticas foram pensadas, como autismo e transtornos de atenção. Muitos diagnósticos foram descartados e outros ainda estavam em investigação.

Nesse sentido, Mena (2017) refere que a criança colada na tela parece completa, aparenta excluir o Outro de suas operações. Bernardino (2017), por sua vez, retrata que o diagnóstico de autismo tem aumentado erroneamente: um bebê com intoxicações eletrônicas pode apresentar um funcionamento psíquico semelhante ao de um bebê com sinais positivos de risco de autismo. No que se refere aos prejuízos da exposição excessiva às telas, Dunker (2017) afirma que podem variar desde a manifestação de isolamento e redução do laço social, depressividade desejante, déficit narrativo na construção de intimidade, hipertrofia das expectativas narcísicas de reconhecimento até a intoxicação digital. Desta forma, é possível identificar as seguintes falas:

“A primeira neurologista pensou muito em autismo leve. Foi quando ele estava no pior estado dele. No pior estado eu digo, é...mais fechado relacionado a pandemia, com muita tela, ele ainda estava, ainda bem saturado, né? Com a parte sensorial bem modificada ainda por conta da tela e sem as intervenções especializadas. Então... ela se preocupou de que pudesse ser, né?” (M1)

“E aí eu comecei a suspeitar que ele tinha autismo. Um espectro, alguma...qualquer coisa assim de autismo. E aí é... resolvemos levar numa neuropediatra porque eu não estava achando uma coisa normal, eu chegar em casa e um filho, apesar de meses, não olhar pra mim, né? Não me dá atenção.” (M6)

No que diz respeito à subcategoria 1.2, “Sentimentos dos pais relativos às alterações e aos diagnósticos”, verificou-se que as mães foram as pessoas que, majoritariamente, identificaram que algo não ia bem como seus filhos, mas não conseguiram entender o motivo desse mal-estar ou das dificuldades encontradas. Assim, cuidaram do que não ia bem, procurando ajuda médica e informações sobre o assunto. Uma vez que mães e pais usam em excesso as telas e estão inseridos na sociedade do espetáculo e da transparência, bem como na cultura digital, não reconhecem o seu uso como excessivo e, conseqüentemente, não identificaram problema no uso excessivo dos filhos. Esse dado dialoga com os estudos de Nobre et al (2021), que sugerem que os pais que têm maior escolaridade fazem mais uso de mídia em sua rotina, o que pode influenciar diretamente no tempo de tela da criança. Neste mesmo sentido, Dunker (2017) refere que o uso que a criança pode fazer da vida digital está associada à realidade familiar e de educação dessa criança, podendo a criança apresentar diferentes níveis de comprometimento e prejuízos. Nesse sentido é possível destacar as falas:

“Me chamou atenção porque, como eu trabalho com muitas fonoaudiólogas, elas publicaram que criança de até dois anos precisava está falando duzentas palavras. Eu disse “não, meu filho fala, no máximo, mamãe, papai, de vez em quando, água...” (M8)

“Mas muitas vezes, por conta da... de está ocupada, de fazer alguma coisa em casa ou de fazer alguma coisa relacionada ao trabalho, é... aí eu termino não propondo, né? Eu já... eu mesma que já deixo ela ficar no desenho porque estou fazendo... preocupada em fazer outras coisas.” (M9)

Os pais tinham conhecimento sobre a contraindicação de uso das telas por crianças menores de dois anos, bem como sobre o uso excessivo, mas ainda assim, expuseram seus filhos desde pequenos. Tal fato ilustra que as informações sobre os riscos psíquicos da exposição às telas não estão claras, bem como há algo que leva ao uso, mesmo havendo informação. Nesta forma, Jerusalinsky (2017b) nos lembra do mito contemporâneo de aposta na possibilidade de uma transmissão que possa ser feita em ausência do corpo, como através de aparelhos tecnológicos e eletrônicos parece se realizar. O que faz laço entre as pessoas, o que é transmitido como valor cultural, o que é sempre objeto de desejo nas horas de lazer é o celular e o tablet. Jerusalinsky (2017b) ainda nos lembra que a mãe precisa se valer de objetos substitutivos para que a satisfação do bebê não se resuma a ela, mas há uma promessa mercadológica dos eletrônicos. Assim, é possível destacar a seguinte fala:

“Ele não quer ter trabalho... Ele sabe, tem consciência, e aí ele faz o quê? Só um pouquinho. Mas não é só um pouquinho. Não pode. Quando é não pode, não pode. Aceite.” (M8)

“Desde... seis meses até 2 anos e...e...7, 8 meses que foi quando começou a pandemia, ela ficou na escola integral em que, então, ela passava o dia todo na escola e a noite, quando a gente chegava em casa, ela ficava com a televisão no desenho.” (M9)

Os pais sabiam que as telas não deviam ser usadas por bebês e crianças pequenas, mas não entendiam nem dimensionavam os problemas da exposição. Não entenderam que as alterações comportamentais de seus filhos eram sinais de intoxicação eletrônica. Em um ‘só depois’, puderam fazer essa leitura e compreender os impactos da exposição precoce e excessiva. Nesta forma, Amor e Chatelard (2016) fazem pensar que, nos tempos atuais, a saúde mental infantil implica em incluir a discussão sobre o uso excessivo e a exposição precoce às

telas por parte das crianças em tempos de cultura digital, tendo em vista que as repercussões só serão identificadas em um ‘só depois’. Assim, destacamos as seguintes falas:

“Eu tinha noção que não era tão benéfico, mas eu não tinha noção do quão maléfico poderia ser.” (M3)

“Porque até hoje eu sofro com a censura da televisão... Isso é uma coisa que me... aperta o coração, sabe? ... Porque eu f... eu tenho sentimento que... eu tenho remorso. Eu tenho remorso. Não é algo que está bem trabalhado em mim... que se hoje eu tivesse um outro filho, eu faria diferente... Se hoje eu pudesse voltar atrás... eu faria diferente, não teria televisão, eles iam ficar no tapete, no chão... (*risos*), né?” (M6)

Nesse momento em que se deram conta, referiram culpa e ressentimentos, ainda que tenham adotado medidas de cuidado para alterar o curso da relação e das funções de cuidado diante do desenvolvimento de seus filhos. Nesse sentido, mesmo que os cuidadores primários de uma criança pequena tenham um importante papel, como Kupfer e colaboradores (2009) expõem que o lugar de um sujeito depende das ações que o cuidador realiza na primeira infância, é sabido que os pais são convocados, como argumenta Han (2019), a se superarem em suas metas e em sua produção diante do desafio de produzir com pouca ou quase nenhuma interferência. Têm-se, assim, indivíduos dispersos e com constante sentimento de carência e culpa, consumidos e desgastados, uma vez que o produzir não atinge um ponto de suficiência. Desta forma, destacam-se as falas:

“É um cala boca... é feio dizer isso, mas é verdade... Seu filho incomoda, atrapalha, né? ...ou porque você precisa trabalhar, precisava ter um diálogo, precisava almoçar, tomar um banho. Então, assim, é um cala boca assim muito... (*risos*) muito efetivo. Então vai entretendo meu filho ali um pouquinho, enquanto eu faço tal coisa...” (M3)

“E aí vem o outro lado, eu começo a sofrer porque não estou dando estímulo, porque não tenho tempo porque estou trabalhando, não sei que, lalala... enfim... Enfim, aquela história, né? Nasceu uma mãe, nasce a culpa.” (M6)

Os dados do diário de campo ratificaram a identificação das dificuldades das mães de reconhecer e falar do que não ia bem em seus filhos, da dificuldade de falar da relação com eles e de reconhecer o seu papel na exposição às telas. Essas dificuldades foram notadas através dos engasgos, das pausas, das repetições, dos equívocos e dos rodeios que fizeram ao falar de seus filhos.

A categoria 2, “Cuidado”, subdivide-se em formas de cuidado e impasses para o cuidado. Sobre a subcategoria 2.1, “Medidas de cuidado”, as mães adotaram mudanças na rotina dos filhos e recorreram a terapias como forma de suporte para as mudanças.

Nesse sentido, referente à subcategoria 2.1.1, “Redimensionamento da rotina”, atividades de socialização como aulas de música, natação e futebol foram mudanças adotadas para um cuidado diferente. Além disso, as mães buscaram, na maior parte dos casos, rever o tempo em que estavam com os filhos, bem como a qualidade da interação, entender a importância de mudar a relação com os filhos e as rotinas deles. Além disso, diminuíram a exposição às telas. No que se refere aos cuidados das crianças, Kupfer e colaboradores (2009) lembram que desenvolvimento do bebê depende dos processos de formação da vida psíquica. Esses processos são conduzidos pelos outros que rodeiam a criança e são os responsáveis por seus cuidados. O lugar de um sujeito depende das ações que o cuidador realiza na primeira infância, e sem as quais esse lugar corre riscos. Nesse mesmo sentido, Nobre e colaboradores (2020) lembram que o ambiente exerce grande influência por inter-relacionar, de modo dinâmico e constante, os fatores intrínsecos à criança. Assim, principalmente na primeira

infância, deve-se oportunizar à criança vínculos afetivos saudáveis, livre brincar e materiais para a aprendizagem. Assim, destacam-se as falas:

“Então eu estou tentando ser esse exemplo. Tipo, ele não me vê no celular. Como ele já vai fazer 4 anos, já entende mais, então, eu... eu pego e tipo assim, ele quer assistir televisão, “não, vamos brincar agora”, aí tipo assim, brincadeiras curtas que me... me permitam tomar café quando eu chego em casa.” (M4)

“Foi só a questão de casa mesmo, a gente... estimulava mesmo ele, entendeu? A... a... botava muita música pra ele ficar cantando, “como é essa música...”, tipo assim, estimulam... só foi estímulo da gente mesmo.” (M4)

“Na época, eles não estavam na creche e com um ano e meio eu botei na creche também muito por isso... para sair de casa, sair do... sair da babá, né? Dispensei a babá para ir... para interagir.” (M6)

É possível destacar a importância do reposicionamento da mãe diante do eletrônico. Dado importante, já que os pais estão também sob os efeitos da intoxicação eletrônica. Ademais, isso aponta para a questão da identificação que os filhos fazem diante do comportamento dos pais.

Ainda como medida de cuidado, os pais recorreram às terapias, que consiste na subcategoria 2.1.2. Após as investigações médicas, as famílias buscaram ajuda de outros profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, mudaram os estímulos, colocando as crianças em terapias. Ainda que existisse a investigação de uma patologia, os profissionais indicaram mudanças nos hábitos de vida das crianças, como menor exposição às telas, e indicaram que os estímulos dados às crianças se modificassem. A importância dos estímulos para a criança e das interações que privilegiem aspectos constitutivos se fazem importantes, tanto é que Lacan (1998) nos fala que as pessoas não

nascem apropriadas do seu corpo: essa é uma operação que pode se constituir ou fracassar. É o agente da função materna que sustenta a instauração desse funcionamento corporal subjetivado à medida que interpreta as satisfações do bebê e o tira do desamparo. As terapias e as trocas com a criança, em processo de constituição psíquica, devem ir a favor da integração corpo e psíquico, do faz de conta, da criatividade, e funcionar diferente do que as telas propõem, de acordo com Bernardino (2017), de deixar o corpo de fora e não acontecer a articulação corpo/linguagem. Deste modo, identificam-se as falas:

“Ele foi avaliado, também, por outra neuropediatra depois. É... ele já tinha, quando ele foi avaliado por essa segunda neuropediatra, 15 dias de T.O., já tinha tido duas sessões de T.O., no caso, e já tinha tido, mais ou menos, um mês de fono presencial e ele já tinha tido uma evolução, também, que a gente já tinha restringido a tela completamente, né? Ele estava fazendo zero tela, no caso. Qualquer tipo de eletrônico estava cortado completamente. E a gente em casa já havia, apesar do pouco tempo de intervenção com os especialistas, a gente já via uma progressão muito grande.” (M1)

“Agora, recentemente, há uns dois meses, eu resolvi... é... ao invés de ir para... para fono, como a gente na fono estava tratando muito essas questões de atenção, aí eu resolvi buscar uma terapeuta.” (M3)

Verifica-se que o diagnóstico girou em torno dos sinais e sintomas apresentados pelas crianças e as intervenções terapêuticas foram estruturadas no sentido da reabilitação. A associação do uso intenso e precoce das telas e os efeitos prejudiciais para o desenvolvimento infantil que pôde acontecer não perpassou pela identificação da dimensão do laço, da relação dos cuidadores com as crianças, mas foi identificado como um efeito do uso intenso dos eletrônicos. Não houve, em nenhuma das entrevistadas, a menção ao prejuízo do laço em tempo precoce e nenhum olhar de cuidado foi orientado nesse sentido de repensar as trocas, interações

nem a qualidade das relações entre cuidadores e crianças, dimensionando a posição do desejo do cuidador por essa criança.

No que se refere ao item 2.2, “Impasses do cuidado”, foi possível identificar entraves na mediação da exposição às telas pelas crianças e bebês. O trabalho na sociedade do cansaço, a cultura digital com a algoritmização da vida e a pandemia do novo COVID-19 se configuram como impasses para o exercício das funções maternas e paternas, que leva à exposição intensa e precoce das telas. Desta forma, a primeira subcategoria do “Impasses do Cuidado”, item 2.2.1., foi “TRABALHO – a sociedade do cansaço e da transparência”. A sociedade do cansaço imprime um ritmo de trabalho e atividade aos pais, que têm suas funções prejudicadas pelo excesso das metas e da cultura da alta performance e alta produtividade inserida no mundo do trabalho (Han, 2019). Nesse sentido, as mães expõem:

“Eu... eu entendo os pais que não conseguem, porque tem situações, como eu trabalho a semana toda, tem situações que finais de semanas eu preciso, tipo assim, arrumar a casa, eu preciso dar algo, eu não posso descer para brincar com ele no momento, então, eu preciso usar a tela. Entendeu?” (M4)

“Mas muitas vezes, por conta da... de está ocupada, de fazer alguma coisa em casa ou de fazer alguma coisa relacionada ao trabalho, é... aí eu termino não propondo, né? Eu já... eu mesma que já deixou ela ficar no desenho porque estou fazendo... preocupada em fazer outras coisas.” (M9)

Maximizar a produção faz parte do inconsciente social em que se destaca a pressão do desempenho, de um sujeito aparentemente livre. Na verdade, entretanto, vivencia-se uma liberdade coercitiva (Han, 2019). Nesse sentido, uma mãe que é empresária e pode gerir o seu tempo relata:

“Então ele muito muito precoce mesmo, com meses eu contratei... eu sempre trabalhei muito, quando ele tinha 4 meses e 5 eu voltei a trabalhar, é...eu não passava o dia em casa, até ia almoçar, né? Para poder amamentar, para poder vê-lo, eu trabalho perto de casa, mas, eu nunca fui, depois desses 4 meses, de férias... Ele está o tempo todo com a babá.” (M3)

As pessoas convocadas a se superarem em suas metas e em sua produção veem-se diante do desafio de produzir com pouca ou quase nenhuma interferência (Han, 2019). Nesse sentido, uma mãe refere:

“... aí, enquanto eu estava na reunião, pra ela não ficar atrapalhando dessa forma, eu deixava ela ficar um pouquinho jogando ou brincando.” (M2)

O cansaço profundo altera a identidade, incapacita e molda indivíduos dispersos e com constante sentimento de culpa (Han, 2019), como é possível ver na fala de algumas mães:

“Eu começo a sofrer porque não estou dando estímulo, porque não tenho tempo, porque estou trabalhando, não sei o que, lalala... enfim... Enfim, aquela história, né? Nasceu uma mãe, nasce a culpa.” (M6)

“Uma coisa assim de dizer, ‘ah vai brincar’, não tinha. Se eu disser que eu sentava no chão com ele pra brincar, não existia esse momento... Quando eu chegava, estava cansada e precisando fazer as... as coisas da casa porque não tinha mais ninguém para me auxiliar que é muito grande. Eu trabalho de oito da manhã, até oito da noite... então eu deixava muito mais ele com meu marido e era celular...” (M8)

O segundo subitem dos “Impasses do cuidado” consiste na “CULTURA DIGITAL – terceirização dos cuidados pelas telas”, item 2.2.2. A infância encontra-se circunscrita na cultura digital, em que o discurso capitalista dita a algoritmização da vida, com o controle do

comportamento de pais e filhos através do aniquilamento de sentidos e alteração do laço social, produzindo impactos para a economia psíquica de todos (Ruiz, 2021).

Os pais, inseridos na cultura digital e do cansaço, têm dificuldade de reconhecer o excesso da exposição dos seus filhos (Nobre et al., 2021). Há um uso indiscriminado dos aparelhos pelas crianças de todas as idades e vivencia-se a onipresença dos smartphones (Wagner et al., 2017). Desta forma, as mães relatam:

“Ele estava tendo acesso a joguinhos no celular. Então, quebra cabeça no celular, coisa que a gente, às vezes, ficava até impressionada porque ele fazia muito rápido, né? ‘Poxa, olha a habilidade dele... a coordenação motora dele...’ tudo nesses joguinhos.”

(M1)

“Agora se não fosse a internet, eu estaria frita.” (M2)

“Porque a gente vai dando por osmose que acaba nem percebendo até o quanto de tempo eles passam.” (M4)

A exposição excessiva às telas provoca um excesso de estímulos que funcionam como bombardeio sensorial, como aponta Jerusalinsky (2017b). Além disso, inviabiliza a falta que tem papel imprescindível na constituição do sujeito, pois abre espaço para a simbolização, como argumenta Lacan (1995).

Na era da cultura digital, vive-se o tempo das urgências de produção e consumo; as prioridades atropelam a vida privada e familiar. Em meio a essas exigências, a educação das crianças apresenta-se como um desafio, sendo a terceirização fragmentada uma prática normalizada, com o uso, inclusive, das telas como instrumento nessa terceirização (Figueiredo & Queiroz, 2020). A terceirização virtual e os aparelhos eletrônicos propiciam uma espécie de alívio no cuidado dos filhos (Wagner et al., 2017). Desta forma, destacam-se as falas:

“Ele não quer ter trabalho. Ele sabe, tem consciência e aí ele faz o quê? Só um pouquinho. Mas não é só um pouquinho.” (M8)

“... E aí a gente liga a TV pra ficar todo mundo calminho... para ver um pouquinho de TV.” (M5)

“Às vezes, é um refúgio para os pais? É. Então hoje a gente vive... é o que eu converso com meu esposo e que ele também me cobra, que hoje em dia a dificuldade de ter filho não é nem tanto financeiro. O financeiro pesa? Pesa. Mas é o tempo que a gente não tem.” (M4)

As telas podem funcionar como uma espécie de chupeta eletrônica (Jerusalinsky, 2017a), que mantém quase que hipnotizadas as crianças diante da falta de tempo dos pais que são impelidos a produzir na cultura digital. Nesse sentido, temos as falas:

“Tudo que precisasse ser feito... ‘Ah eu preciso limpar a casa’, então coloca ele no celular, ‘Ah eu preciso cozinhar’, coloca ele no celular, ‘Ah eu quero descansar’, então vou colocar ele no celular. Porque ele ficaria quieto...” (M8)

“... os momentos que eu percebo que ela se desliga, realmente dessas tensões é quando ela está...interessada, infelizmente, na... na... no celular ou na... vendo alguma coisa na internet.” (M2)

Os *gadgets* são a oferta de um objeto que satisfaz, seduzem pela ilusão de substituírem o objeto fundamentalmente perdido, mas são objetos vazios de significação (Lopes & Bernardino, 2011). Pais e filhos são atraídos pela ilusão de satisfação e completude com os eletrônicos; da mesma forma, a frustração é evitada e os aparelhos aparecem como tentativa de tamponar a falta. Desta forma, as mães referem:

“Fora o fato que a gente vive no celular, né? Até pra você explicar pra seu filho que ele não pode é difícil. Porque eu fico pensando assim... se você for uma criança, se colocando no lugar, e vendo todos os adultos o tempo todo mexendo naquele aparelhinho, vira um objeto de desejo. Todo mundo quer, por que que eu não posso? Se todo mundo gosta é porque é bom, né?” (M3)

“Porque ou ela bota ele na televisão, ou... enfim, ou ele... ou ela não consegue trabalhar em alguns momentos porque ele demanda muito ainda... ele... ele estava muito acostumado a brincar com ela... Então, qual era a escapatório para eu sair de manhã sem ele chorar, para eu ou para ela ter que ir fazer o almoço e ele ficar estressando, a TV.” (M3)

“Preciso... dar atenção aos estudos dela, alguma dúvida... Porque ela já está numa fase da escola mais difícil. Então, aí eu pego, ele está abusando muito, dou o celular para poder ficar... ter atenção porque no celular, esses meninos parece que... sabe.? Por que fechou o mundo assim, só tem o celular e ele.” (M4)

Nesse sentido, Radessky e Christakis (2016) destacam que o papel dos pais enquanto modelos para hábitos de mídia digital, uma vez que eles têm a possibilidade de ensinar seus filhos a se conectar e a criar, ao invés de consumir.

Bebês ou crianças pequenas que fazem uso excessivo dos eletrônicos, têm a introdução na linguagem por meio de enunciados fixos de aplicativos sem a mediação do olhar, de gestos e do enigma desejante do Outro. As demandas são suspensas e o olhar é capturado pelas telas (Jerusalinsky, 2017a). Nesse sentido, destaca-se a fala de uma mãe:

“Tentava reproduzir algumas coisas. Inclusive, esse da *Baby Alive* que aparentemente é bem inofensivo, mas ela ficava reproduzindo algumas falas das meninas, né? Então, no início, eu vi que tinha muito disso.” (M2)

“Tem uns desenhos que é bem... assim... idiotas, né? Uma brincadeira de bater, é... um desenho mesmo agora que é uma tal de larva que fica soltando pum, aí o outro... o outro... a outra larva peida, é... ou bate, beija na bunda. Aí ele estava replicando isso com no primo... Então, assim, sabe? Umas brincadeiras que eu, meu Deus, eu não sei o que está fazendo com a mente dessas crianças, não. Mas, assim, como são inocentes... eles não têm discernimento que aquilo é um desenho, entende?” (M4)

Temos assim, como coloca Jerusalinsky (2017a), crianças sideradas pelas telas que repetem fragmentos sem significado, em uma relação sem atribuição de sentido e que não permite trocas nem hiências. Bebês e crianças pequenas, expostos à virtualização, podem experimentar uma dissociação do corpo em um tempo que ainda não constituíram um.

A terceira subcategoria dos “Impasses do cuidado” consiste na “PANDEMIA – mudanças nas relações e nas rotinas familiares”, item 2.2.3. A pandemia do novo COVID-19 foi um evento que alterou a rotina e as relações familiares, impactando no aumento da exposição das telas por parte dos pais e das crianças. Os pais tiveram dificuldade de lidar com a pandemia e as mudanças de rotina provocadas. Nesse sentido, tiveram dificuldade em gerenciar o uso das telas por parte dos seus filhos diante da pandemia.

Ainda que haja, de acordo com Almeida et al. (2020), a orientação de monitoramento do uso dos dispositivos eletrônicos pelas crianças durante a pandemia, limitando o tempo de acordo com as recomendações da SBP (2020) estabelecidas pela faixa etária, o uso das telas aumentou. Deste modo, as mães discorrem:

“Aí quan... com isso da pandemia, é... a... a... nós ficamos muito presos em casa, todas as funcionárias saíram, só que como eu sou da área de saúde, eu ainda precisava trabalhar. Então pra que eu fizesse as coisas de casa e pudesse sair pro trabalho, ele

ficava muito mais tempo no celular. Eu não estou falando uma coisa assim dele ficar meia hora, uma hora, não. O dia todo.” (M8)

“Depois da pandemia, é... passou a ficar muito mais tempo. Ela... na verdade, é o dia inteiro a televisão ligada no desenho.” (M9)

“Agora que ela tá em casa, é... de manhã é um momento que ela fica mais é... assistindo um desenho na televisão. Aí a tarde é que às vezes, eu... quando eu estava trabalhando, esse... esse mês eu estava de férias, acaba hoje, infelizmente, e aí, enquanto eu estava na reunião, pra ela não ficar atrapalhando dessa forma, eu deixava ela ficar um pouquinho jogando ou brincando... e a noite é o momento que ela menos é... tinha uso, né? Porque meu esposo chega a gente fazia uma interação em casa.” (M2)

As mães já expunham seus filhos às telas antes da pandemia, momento em que podiam contar com a rede de apoio ou que o trabalho e o estudo não aconteciam todos em casa. Com a pandemia, uma vez que essas atividades passaram a acontecer em casa e com menos, ou sem rede de apoio, a exposição às telas aumentou.

O uso das telas na pandemia, diante home office, homeschooling e atividades domésticas, inserido na cultura digital e algoritmizada, é um desafio. Tanto é, que a SBP (2020) oferece uma nova orientação de estabelecimento do tempo para o uso das telas pelas crianças e de supervisão dos conteúdos inapropriados. Nesse sentido, uma mãe refere:

“Assim, a gente tem que usar com... no... de maneira assim com parcimônia. Eu não posso tirar, né? Mas... é... eu não posso também deixar que eles fiquem sem nenhuma supervisão, me compreende?” (M5)

Apenas o estabelecimento de novas orientações dos possíveis prejuízos da exposição às telas por parte de bebês e crianças pequenas não garante que os cuidadores evitem o uso.

A pandemia do novo coronavírus pôde impactar a saúde mental e o bem-estar psicológico também devido a mudanças nas rotinas e nas relações familiares (Schmidt et al., 2020), tanto que algumas mães identificaram:

“Não só aumentou a exposição, como diminuiu o tempo dele com outras crianças porque ele tinha... ele descia para brincar no play com os amiguinhos aqui do prédio.”
(M1)

“Ó, com a pandemia, o... a socialização passou a ser muito pouca porque a gente, de fato, ficou em casa. É... então, assim, poucos... é... filhos do... de amigas, né? É... que ela tem contato, mas durante a pandemia passou, tipo, tendo... pouquíssimo contato com essas crianças. É... no prédio que a gen... que eu moro não tem criança.” (M9)

“... com a questão da pandemia também, ele estava dormindo muito com a gente no quarto, ele estava com horário irregular de dormir muito tarde. Ele chegou a dormir durante a pandemia, meia noite, meia noite e meia. E acordava nove da manhã, entendeu? Nove e meia da manhã.” (M1)

A pandemia imprimiu mudanças nas rotinas das famílias em diferentes aspectos tanto em pais quanto em filhos, bem como na relação destes, podendo a saúde mental estar prejudicada.

Os pais estão desempenhando múltiplas tarefas, o que pode gerar dificuldades para o cuidado das crianças. Rodrigues e Lins (2020) apontam que os cuidadores precisam também de cuidados e devem buscar ajuda profissional para lidarem com as transformações e preocupações causadas pela pandemia. Com isso, mães identificam:

“Uma, a pandemia, eu acho que agravou bastante porque ficou só eu e o pai dentro de casa. É... e, né, ninguém para ajudar no cuidado com ele. O pai trabalhando de home office e eu ficava com... fazendo tudo da casa e com ele, né?” (M1)

“No início foi que eu mais senti o choque. Agora já tá mais adaptada. Eu sei que mudou de antes para agora, mas, no início, foi um choque porque a... a rotina de sono dela mudou. Eu percebi que ela estava mais agitada. Então... quando dava dez horas da noite, ela ainda estava agitada, não... não cedia ao sono, né? E acordava muito cedo... Então, essas coisas mudaram muito... e o fato de... de... requerer mais de mim, né? Da minha atenção. Então, para ir no banheiro, eu tenho que estar junto.” (M2)

A aceleração digital não programada que ocorre diante da pandemia (Ruiz, 2021) não é sem efeitos para a vida de pais e filhos. É importante analisar esses efeitos e identificar saídas possíveis.

Além desses resultados produzidos e discutidos a partir da pesquisa, foi confeccionada uma estória infantil sobre a temática da intoxicação eletrônica, considerando a importância do tema, como alerta para pais e educadores, também como resultado desta pesquisa.

6 PROJETO DO PRODUTO – ESTÓRIA INFANTIL “CONEXÃO EM NOITE DE SÃO JOÃO”

6.1 Introdução

O cuidado acontece muitas vezes mediado pelos dispositivos eletrônicos digitais, um cuidado anônimo e não endereçado. A fronteira entre o lazer e o trabalho está sendo desconfigurada pelos eletrônicos. Diante disso, pensa-se nos possíveis efeitos tóxicos do uso intenso e cada vez mais precoce dos dispositivos digitais.

As crianças, com seus sintomas, respondem ao que é próprio de seu tempo no laço social e familiar. Hoje em dia, a relação das crianças e seus cuidadores primordiais está perpassada por monitores virtuais (Jerusalinsky, 2017b). É no laço com o cuidador primordial que o desenvolvimento infantil e a construção do psiquismo ocorrem. Bebês e crianças pequenas, expostos à virtualização, podem experimentar uma dissociação do corpo em um tempo que ainda não constituíram um.

A intoxicação eletrônica é uma realidade ainda pouco conhecida pelos pais. Com isso, estes merecem estar advertidos quanto aos sinais da intoxicação e seus prejuízos.

O presente projeto justifica-se pelo alerta para a percepção dos pais, em tempo precoce, dos sinais percebidos em consequência do uso intenso dos instrumentos digitais. O projeto faz parte da pesquisa aprovada pelo CEP da EBMSP e tem como objetivo produzir um livro de estória sobre a intoxicação eletrônica.

6.2 Objetivos

Objetivo primário: Produzir um livro de estórias sobre a intoxicação eletrônica em crianças para facilitar e alertar sobre a compreensão desta patologia discursiva.

Objetivo secundário: Alertar sobre a intoxicação eletrônica em tempo precoce, a fim de que sejam possíveis intervenções que mudem o rumo do desenvolvimento infantil.

6.3 Referencial Teórico

A exposição voraz a centenas de imagens por dia, através de telas portáteis conectadas à internet, funciona como um bombardeio sensorial que satura o sistema perceptivo. Essa quantidade de informações altera o modo de transmissão do que chega aos olhos e ouvidos, porque necessita de tempo para elaborar o percebido (Jerusalinsky, 2017a).

Têm-se um ser exaurido pelo caráter compulsivo de ver mais e mais na era digital, o que leva a uma descontinuidade nos modos de estabelecer o laço social e nas formas discursivas de sustentar subjetivamente as experiências. Com a mudança nos ideais de viver, mudam os sintomas, relevando a instância do mal-estar atual, como argumenta Julieta Jerusalinsky (2017a).

Devido à prematuridade do bebê ao nascer, a condição de sua sobrevivência física e psíquica é o acolhimento por um Outro. Essa relação é dialética e complexa, pois envolve ser capturado e deixar-se capturar pelo Outro, uma vez que a partir daí se terá ou não o nascimento do sujeito. O desenvolvimento está interligado ao processo de formação da vida psíquica, mas não garante a presença da subjetividade (Catão, 2009).

O sujeito advém do intervalo, da experiência de descontinuidade entre a demanda e a satisfação, para que aí possa responder (Lopes & Bernardino, 2011). Diante disso, pensa-se nos bebês e crianças pequenas que crescem e se constituem ante um Outro que não falta, que excede em presença não endereçada, as telas.

A APA e a SBP alertam para a importância do uso limitado e proporcional à faixa etária e às etapas do desenvolvimento. Recomendam que bebês e crianças menores que 2 anos não

tenham exposição às telas e, no caso das crianças de dois a cinco anos, por exemplo, deve ser de até uma hora por dia, mediado por um adulto (SBP, 2016).

A relação com as telas deixa o corpo de fora e a articulação corpo/linguagem não ocorre. Pode apresentar, assim, dificuldade de brincar, de inventar situações de modo criativo, de faz de conta, rigidez em encenações, repetição de personagens e compulsões corporais são apresentadas (Bernardino, 2017).

A noção de intoxicação eletrônica circunscreve-se no campo da saúde mental, transitando entre os conceitos da psicanálise que valorizam o laço e a díade bebê-cuidador primordial. Desse modo, compreende que esses aspectos estão sujeitos a alterações na medida em que o uso de tecnologias digitais é intensificado e reduz as trocas com o agente cuidador, implicando em alterações no próprio circuito pulsional.

O uso da internet e das telas no atual contexto de pandemia leva à discussão das definições de transtorno e normalidade, que poderão ser redefinidas e interpretadas. No contexto dessa sociabilidade digital decorrente da situação excepcional de isolamento social, o uso intensivo da internet pode aumentar a exposição e a vulnerabilidade de crianças (Deslandes & Coutinho, 2020).

6.4 Percurso Metodológico

O livro de estória é resultado da compreensão teórica sobre o tema, mas sobretudo leva em consideração a percepção que as mães, cuidadoras primordiais, tiveram sobre a temática. Este livro foi feito como tentativa de contribuir para a discussão das intoxicações eletrônicas e para alertar os cuidadores dos efeitos da exposição intensa e precoce.

6.4.1 Recursos Humanos

As pesquisadoras foram as responsáveis por elaborar o enredo do livro de estória. A ilustração foi realizada por um profissional da área, que dialogou com as pesquisadoras para o alinhamento do conteúdo e das imagens.

6.4.2 Procedimentos de Elaboração

Os procedimentos realizados para a confecção do livro de estória foram: realização de investigação teórica sobre o assunto; realização da pesquisa através de entrevistas compreensivas com mães, que no caso desta pesquisa foram as cuidadoras primordiais, para identificar a percepção delas sobre o tema da intoxicação eletrônica, a fim de obter subsídio para a elaboração da estória; elaboração do conteúdo da estória pelas pesquisadoras, após a análise dos dados coletados; supervisão da produção da ilustração do livro feita por um profissional da área e edição final para ajustes ortográficos e editoriais. O livro será divulgado e disponibilizado para a comunidade.

6.4.3 Aspectos Éticos

Este produto está inserido no projeto intitulado “Intoxicação eletrônica em crianças de zero a quatro anos: percepção dos pais”, submetido e aceito pelo CEP da EBMSP. A pesquisa foi iniciada após a aprovação pelo CEP da EBMSP, com número do Parecer 4.347.761 e CAAE 36549720.8.0000.5544.

6.4.4 Cronograma

Esse produto tem um tempo a ser realizado, para isso conta com o seguinte cronograma:

Tabela 3*Cronograma*

| Etapas | Data |
|---|--------------------|
| Entrevista com pais | 12/2021 - 03/2021 |
| Ajustes na Revisão de Literatura | 08/2021 - 09/2021 |
| Confecção do artigo – apresentação dos resultados | 10/2021 - 12/2021 |
| Confecção do enredo | 11 /2021 - 03/2022 |
| Supervisão da ilustração | 03/2022 - 04/2022 |
| Edição | 04/2022- 05/2022 |
| Divulgação do produto | 04/2022 - 05/2022 |

6.4.5 Orçamento

Foram utilizados recursos próprios da pesquisadora para subsidiar o projeto. Os custos estimados encontram-se na tabela a seguir:

Tabela 4*Orçamento*

| Material | Custo |
|----------------------------|----------------------------|
| Notebook | R\$ 1900,00 |
| Profissional de ilustração | R\$ 500 |
| Profissional de edição | R\$ 500 |
| Outros | R\$ 800,00 |
| | Total: R\$ 3700,00. |

6.5 Resultados

Produto – Enredo da estória

Conexão em noite de São João

Chegavam as férias do meio de ano e vovó e vovô já esperavam ansiosos pela vinda do netinho, Joãozinho, que há tanto não viam.

... E fizeram milhares de planos: haviam de ver o menino brincando com os priminhos; indo para roça, montando cavalo, dando milho aos pintinhos.

Haviam, também de ver Joãozinho plantar um bocado de sementinhas, para aguardarem brotar a vida!!!



Figura 1

Sonhavam, também, com a noite de São João; havia de ter uma fogueira que eles montariam juntos, havia de ter bandeirolas, brincadeiras de pescaria e um monte de prendas que vovó tanto sabia fazer.

E as guloseimas? Haveria de ter bolos, canjica, milho assado na fogueira, bolinhas de jenipapo... Hum! Quanta delícia.

Vovó pensava e lembrava do tempo que o pai de Joãozinho (seu filho) era ainda pequenininho e que fazia todos esses preparativos para festa mais esperada do ano: o São João.

Ah! Com Joãozinho, não haveria de ser diferente.



Figura 2

E o grande dia do encontro chegou, depois de dois anos sem se verem...

E lá vinham eles: Joãozinho, papai e mamãe.

Joãozinho cresceu; já tinha 3 anos e sabia usar tudo que era coisa eletrônica.

E lá estava ele, com seus joguinhos!!!

Mas, aconteceu um problema: Joãozinho não desgrudava o olho da tela e mal olhou para a vovó e para o vovô.

Aliás, a mamãe de Joãozinho estava, também, grudada no celular; ela precisou atender uma ligação de trabalho.

E o pai, nem se fala!!!

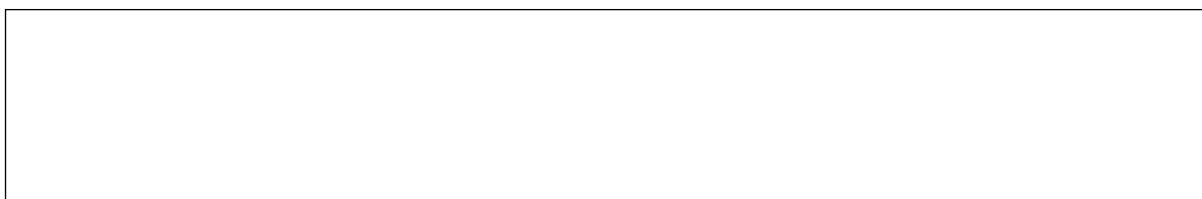


Figura 3

No primeiro dia, Joãozinho não saiu do quarto.

Passou a manhã, a tarde e a noite assistindo e jogando.

João, o pai e a mãe comeram e dormiram na frente do celular.

Vovó e vovô acharam tudo estranho! Ninguém falava nada! Nenhum piu!

Parecia um menino do bico colado.

“Amanhã vai ser diferente”, pensaram vovó e vovô.



Figura 4

Os dias se passaram e foi tudo do mesmo jeito.

Joãozinho é muito quieto...

Menino de três anos não é assim, não, pensaram a vovó e o vovô.

Mas papai e mamãe diziam: “Que nada, Joãozinho é muito inteligente e esperto, sabe usar o celular melhor do que nós dois juntos.

Mas vovó e vovô não entendiam por que Joãozinho não falava muito...

Ele imitava todos os menininhos e meninas que estavam dentro do celular.

Ah! Isso ele fazia muito bem! Mas, na hora de conversar...

Ai, ai, não saía nada. Nadica de nada.



Figura 5

Vovó e vovô até acharam que o menino estava ficando sem boca!

Parecia mais um bico de pato.

E, reparando bem o pai e a mãe de Joãozinho, também estavam assim, de bico colado, de bico de pato.

Os primos chamavam João para brincar, mas ele nem respondia.

Parecia que nem escutava.

Vovó e vovô chamaram o menino pra ir pra roça, pra montar cavalo, pra dar comida pra os pintinhos e nada.

Vovó e vovô chamaram pra fazer bandeirola, pra montar fogueira, pra fazer bolinha de jenipapo...

E nada... O olho do menino estava grudado na tela...

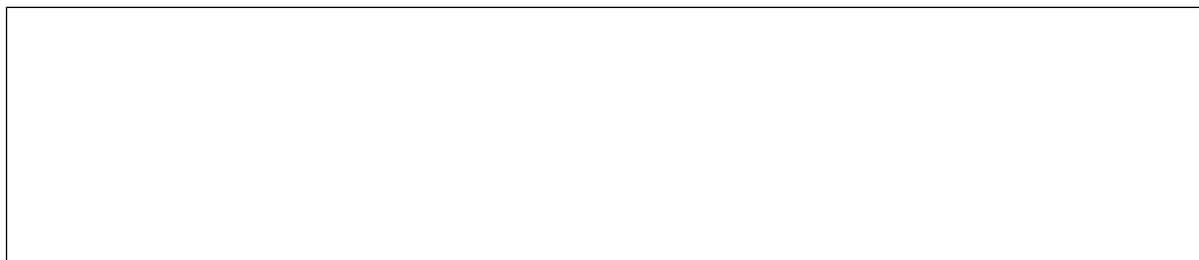


Figura 6

O dia de São João chegou.

Vovô e vovó prepararam tudo sozinhos. E ficou tudo lindo.

Chamaram Joãozinho e mostraram a fogueira, as bandeirolas e as bolinhas de jenipapo.

Mas, Joãozinho nem tchum! Era só celular e televisão.

“Como vai ser esse São João?”, pensavam vovó e vovô.



Figura 7

No dia de São João, faltou luz e faltou internet.

Joãozinho se chateou.

Joãozinho chorou.

Joãozinho esperneou.

A mãe de Joãozinho desesperou: “Como vou ficar sem o celular?”

O pai de Joãozinho, nem se fala; já queria voltar pra casa, na mesma hora.

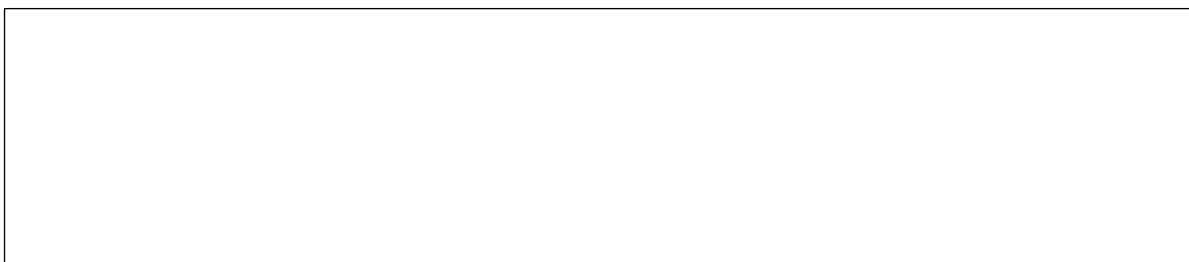


Figura 8

“Calma, pessoal!”, disse vovó.

“Calma, pessoal!”, disse, também, o vovô!

“A luz há de chegar. Enquanto não chega, venham ver os fogos no céu!”.

E Joãozinho olhou para cima (e ninguém nem sabe qual foi a última vez que ele tinha feito isso, porque quem tem olho grudado no celular, só olha para baixo e para um lugar só).



Figura 9

“E vai começar o arrasta-pé”, disse vovô.

“E tem bolo e tem canjica e tem bolinha de jenipapo pra todo mundo”, disse a vovó.

“E tem criança soltando traque de massa”, disse o papai, que já estava sorrindo de alegria e se lembrando de quando era pequeno.

O pai, sorriu, a mãe sorriu, a vovó sorriu, o vovô sorriu e Joãozinho gargalhou!

Parecia que a alegria estava chegando de volta.

E Joãozinho correu; e Joãozinho brincou; e Joãozinho conheceu os priminhos e os amiguinhos, e os pintinhos e o cavalo e as galinhas...

E era tudo de verdade.



Figura 10

Joãozinho comeu bolo, comeu canjica, comeu bolinha de Jenipapo...

Joãozinho soltou traque de massa. Joãozinho viu a fogueira...

E viu o arrasta-pé e a quadrilha: “Olha a cobra! É mentira!” E todo mundo ria.

A luz chegou e Joãozinho nem notou.

Ele queria mais era brincar, correr, comer e dançar!

Ele queria mais era o colo do vovô e da vovó.

Ele queria dançar com o papai e com a mamãe... E depois, trocava tudo!

Dançava com a vovó e com o vovô, ia para o colo do papai e da mamãe, brincava, dançava, pulava e cantava!

E tinha primo e amigo para todo lado.



Figura 11

E sabem o que mais? Adivinhem? Joãozinho descolou o bico.

Ele queria falar com todo mundo! Até com o papai e com a mamãe, que estavam, também, encantados com a magia daquela noite!

O papai não cansava de lembrar da infância.

A mamãe, lembrava da infância...

E juntos ensinavam tanta coisa a Joãozinho...

E o que aconteceu depois do São João?

No dia seguinte, Joãozinho conheceu tantas brincadeiras de quando o papai e a mamãe eram pequenos: brincou de barra-manteiga, garrafão, baleado, esconde-esconde, amarelinha, caracol...

Era tanta coisa boa!



Figura 12

E o celular?

Ah! Eles descobriram que podiam, sim, usar as telas!

Mas só um pouquinho, porque tinha um mundo muito mais divertido, mágico e cheio de brilho que eles precisavam desfrutar.



Figura 13

6.6 Considerações Finais

Este produto é um recurso lúdico para abordar o tema da intoxicação eletrônica com crianças pequenas. Tem a pretensão de servir de alerta aos cuidadores, bem como de servir como recurso terapêutico para profissionais da área da saúde e da educação abordarem a temática com as crianças e com os pais. Desta forma, seu conteúdo buscou ser acessível e lúdico.

Referências

- Bernardino, L. M. F. (2017). Da babá “caótica” aos duplos virtuais: os novos ‘outros’ da infância contemporânea. **In.** A. Baptista & J. Jerusalinsky (Org. / Eds.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 146-165). Salvador: Ágalma.
- Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage.

- Deslandes, S. F., & Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 25(1). <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>
- Jerusalinsky, J. (2017a). Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. **In.** A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 13-38). Salvador: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017b). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. **In.** A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 39-55). Salvador: Ágalma.
- Lopes, T. J. S., & Bernardino, L. M. F. (2011). O sujeito em constituição, o brincar e a problemática do desejo na modernidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(1), 369-395.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482011000100014&lng=pt&tlng=pt
- Sociedade Brasileira de Pediatria (2016). *Manual de Orientação: Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital*. 1, 1-13. Departamento de Adolescência.
https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das telas pelas crianças e bebês é normalizado na cultura digital, uma vez que o consumo e a digitalidade são realidades instituídas. O uso é naturalizado também pelo acúmulo de atividade dos cuidadores, uma vez que as telas são utilizadas como forma de terceirizar os cuidados. A pandemia contribuiu para o aumento do uso das telas, além de funcionar como entrave para o exercício do cuidado pelos pais na medida em que alterou as relações e a rotina das famílias, diminuiu lazer e rede de apoio.

O uso precoce e excessivo dos dispositivos digitais leva a um empobrecimento semântico, tanto é que crianças apresentaram alterações na fala, com repetições e ausência de sentindo e/ou apresentaram retraimento na interação social. A dor e o sofrimento não são aceitos. Desta forma, ao invés de estimular na criança a criação do brincar, proporcionar um tempo sem atividade pré-estabelecida ou, ainda, permitir que as crianças se frustrem, as telas são dadas.

Com as telas está em jogo um cuidado não endereçado: trata-se de um desejo anônimo. A forma como a exposição é mediada e como a terceirização ocorre, entretanto, podem provocar diferentes efeitos. A intoxicação dependerá não apenas do tempo de exposição, como também das trocas entre o bebê ou a criança pequena com o cuidador, do laço e do endereçamento entre eles.

O efeito do *après-coup* e o tempo lógico de Lacan foram percebidos, uma vez que em um só depois os acontecimentos fazem sentido e podem ser pensados de uma outra lógica. Quando as crianças adquirem idade escolar e espera-se a aquisição de habilidades de fala e interação social, fica claro que algo não vai bem. Retrospectivamente, é possível identificar a precocidade e o excesso da exposição às telas, por parte das crianças.

Os estudos enfocam os efeitos do uso dos eletrônicos, mas não abordam a dimensão da constituição psíquica afetada pela questão da intoxicação eletrônica. Nessa direção: as terapias que visam a reabilitação não alcançam efeitos na vida dessas crianças e famílias. É preciso cuidar e intervir na ordem da antecipação, do laço e do discurso; observa-se culpa e ressentimento pelo filho ter apresentado alterações no seu funcionamento psíquico, desdobrando no laço e acarretando sofrimento nas mães; as mães sozinhas não conseguem ver a intoxicação dos filhos, uma vez que normalizam o uso das telas. O eletrônico é objeto de desejo não só das crianças, assim como delas; há uma precariedade de estudos sobre a visão dos pais e de atenção aos aspectos constitutivos da interação bebê/criança-cuidador.

As crianças produzem seus sintomas a partir do material simbólico disponível pela transmissão de sua família e cultura, revelando com seus sintomas o retorno do recalcado do ideal civilizatório da época em que vivem.

O diagnóstico de autismo tem aumentado erroneamente, já que um bebê com intoxicações eletrônicas pode apresentar um funcionamento psíquico semelhante ao de um bebê com sinais positivos de risco de autismo.

A intoxicação eletrônica não deve ser compreendida como uma patologia nem um diagnóstico, mas sim como uma claudicância nas trocas entre o cuidador primário e o bebê/criança pequena. O contato com as telas, por si só, não é suficiente para o estabelecimento da intoxicação eletrônica. Esta deve ser pensada no laço da criança e do bebê com o cuidador, e pode ser pensada como um impasse para a constituição psíquica do sujeito.

Pretende-se contribuir na identificação dos sinais do laço mãe-bebê que ‘não vão bem’, para que se evite que as crianças caiam na intoxicação eletrônica e fiquem sem intervenções a tempo de reverter a condução de suas questões. Desta forma, é possível trabalhar com a prevenção primária com sinais na primeiríssima infância, ao invés de cair na lógica da patologização e da medicalização.

REFERÊNCIAS

- Abreu, C. N., Karam, R. G., Góes, D. S., & Spritzer, D. T. (2008). Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 30(2), 156-167. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462008000200014>
- Almeida R. S., Brito A. R., Alves A. S. M., Abranches C. D., Wanderley D., Crenzel G., et al. (2020). Pandemia de COVID-19: guia prático para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes. *Resid Pediatr.* 10(2), 1-4. <https://doi.org/10.25060/residpediatr-2020.v10n2-318>
- Amor, A. R. S., & Chatelard, D. S. (2016). Considerações sobre tempo e constituição do sujeito em Freud e Lacan. *Tempo psicanalítico*, 48(1), 65-85. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382016000100005&lng=pt&tlng=pt
- Badinter, E. (2018). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Nova Fronteira.
- Barbosa, V. M. A. C., & Lima, N. L. (2018). O outro pluralizado no processo de constituição subjetiva. *Psicologia Clínica*, 30(1), 95-113. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n01A05>
- Batista, W. J. (2009). A perversão comum: viver juntos sem outro. *Cad. Psicanálise-CPRJ*, Rio de Janeiro, 31(22), p. 221-226. http://cprj.com.br/imagenscadernos/18.A_perversao_comum_viver_juntos_sem_outro.pdf
- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulação*. (M. J. C. Pereira, Trad.). Lisboa: Relógio d'Água.

- Bauman, Z. (2011). *Modernidade Líquida*. (P. Dentzein, Trad.). Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bernardino, L. M. F. (2017). Da babá “caótica” aos duplos virtuais: os novos ‘outros’ da infância contemporânea. **In.** A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 146-165). Salvador: Ágalma.
- Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage.
- Catão, I. (2015). O corpo como resposta à invocação da mãe. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 4(1). <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpd.v4i1.665>
- Debor, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. (Recurso eletrônico). São Paulo: Projeto Coletivo Periferia.
- Deslandes, S. F., & Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 25(1). <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>
- Dunker, C. (2017). Intoxicação Digital Infantil **In.** A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 117-145). Salvador: Ágalma.
- Figueiredo, C. P. A. & Queiroz, I. R. G. (2020, 6 de maio). A terceirização dos cuidados com as crianças em tempos de pandemia. *ISaúde*. <https://www.isaude.com.br/noticias/detalhe/noticia/a-terceirizacao-dos-cuidados-com-as-criancas-em-tempos-de-pandemia>.
- Freud, S. (1895/1950). Projeto para uma Psicologia Científica. Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos. (J. Salomão, Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completa de Sigmund Freud*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Um caso de Histeria, Três Ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. (J. Salomão, Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1996). O instinto e suas vicissitudes. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. (J. Salomão, Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Greenfield, D. (2011). As propriedades de dependência do uso de internet. **In**. K. S. Young & C. N. Abreu (Orgs.). *Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento*. (pp. 169-190). Porto Alegre: Artmed.
- Guedes, S. C., Morais, R. L. S., Santos, L. R., Leite, H. R., Nobre, J. N. P., & Santos, J. N. (2020). A Utilização de Mídias Interativas por Crianças na Primeira Infância - Um Estudo Epidemiológico. *Revista Paulista de Pediatria*, 38. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018165>
- Han, B. C. (2019). *Sociedade do cansaço*. (E. P. Giachini, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Han, B. C. (2020). *Sociedade da transparência*. (E. P. Giachini, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Jerusalinsky, J. (2014). Pais, filhos e monitores: uma nova configuração familiar. *Revista A Família Contemporânea*. Curitiba: Associação Psicanalítica de Curitiba.
- Jerusalinsky, J. (2017a). Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. **In**. A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 13-38). Salvador: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017b). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. **In**. A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 39-55). Salvador: Ágalma.

- Jerusalinsky, A. (2018). Tessituras e dessa(fios) na primeira infância: classificar, decifrar ou interpretar? **In.** L. Ornellas. *Desafios da subjetividade frente às vicissitudes contemporâneas: práticas psicanalíticas*. (pp. 281-327). São Paulo: Instituto Langage.
- Kaufmann, J. C. (2013). *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kenski, V. M. (2018). Cultura digital (verbetes). **In.** D. Mill (Org.). *Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de Educação a Distância*. (pp. 139-144). Campinas: Papirus.
- Kupfer, M. C. M., Jerusalinsky, A. N., Bernardino, L. M. F., Wanderley, D., Rocha, P. S. B., Molina, S. E., et al. (2009). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology*, 6(1), 48-68.
https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/bibliografia/valor_preditivo_de_indicador_2009_inedito.pdf
- Lacan, J. (1995). *O seminário livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laznik, M. C. (2021). *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Coleção de calças curtas. Salvador: Ágalma.
- Lebrun, J. P. (2008). *A perversão comum: viver juntos sem o outro*. (P. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lima, R. C. (2020). Infância e adolescência em tempos de DSM-5 e CID 11: trajetórias da classificação e perspectivas de investigação crítica. **In.** I. Catão (Orgs.). *Mal-estar na*

infância e medicalização do sofrimento: quando a brincadeira fica sem graça. (pp. 55-77). Salvador: Álgama.

Lin, H. P., Chen, K. L., Chou, W., Yuan, K. S., Yen, S. Y., Chen, Y. S., & Chow, J. C. (2020). Prolonged touch screen device usage is associated with emotional and behavioral problems, but not language delay, in toddlers. *Infant behavior & development*, 58. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2020.101424>

Lopes, T. J. S., & Bernardino, L. M. F. (2011). O sujeito em constituição, o brincar e a problemática do desejo na modernidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(1), 369-395. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482011000100014&lng=pt&tlng=pt

Lucena, S. (2016). Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. *Educar em Revista*. 00(59), 277-290. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.43689>

Madigan, S., McArthur, B. A., Anhorn, C., Eirich, R., & Christakis, D. A. (2020). Associations Between Screen Use and Child Language Skills: A Systematic Review and Meta-analysis. *JAMA pediatrics*, 174(7), 665–675. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2020.0327>

Malta D. C., Szwarcwald C. L., Barros M. B. A., Gomes C. S., Machado I. E., Souza Júnior P. R. B., Romero D. E., Lima M. G., Damacena G. N., Pina M. F., Freitas M. I. F., Werneck A. O., Silva D. R. P., Azevedo L. O. e Gracie R. (2020). A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 29(4). <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400026>

- Mena, L. (2017). O objeto entre o corpo e a inexistência do Outro. **In.** A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 211-225). Salvador: Ágalma.
- Minayo, M. C. S. (2011). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. (34a. ed.) Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento*. (14a. ed.) São Paulo: HUCITEC.
- Nobre, J. N. B., Prat, B. V., Santos, J. N., Santos, L. R., Guedes, S. C., Pereira, L., Ribeiro, R. F., & Morais, R. L. S. (2021). Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. *Ciênc. saúde coletiva*, 26(3). <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>
- Nobre, J., V. P. B., Santos, J. N., Santos, L. R., Pereira, L., Guedes, S., Ribeiro, R. F., & Morais, R. (2020). Quality of interactive media use in early childhood and child development: a multicriteria analysis. *Jornal de pediatria*, 96(3), 310–317. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2018.11.015>
- Ornellas, L. (2017). Singularidades e Diferença: como a psicanálise nos convida a pensar na contramão da lógica contemporânea global. **In.** A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 166-179). Salvador: Ágalma.
- Radessky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Increased Screen Time: Implications for Early Childhood Development and Behavior. *Pediatric clinics of North America*, 63(5), 827–839. <https://doi.org/10.1016/j.pcl.2016.06.006>
- Ranãa, W. (2020). Medicalização na infância e o tempo de desmedicalizar. **In.** I. Catão (Org.). *Mal-estar na infância e medicalização do sofrimento: quando a brincadeira fica sem graça*. (pp. 114-130). Salvador: Ágama.

Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. (2012). Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e revoga as Resoluções CNS nos. 196/96, 303/2000 e 404/2008. Recuperado de <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

Rodrigues, J. V. S., & Lins, A. C. A. A. (2020). Possíveis impactos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental de crianças e o papel dos pais neste cenário. *Research, Society and Development*, 9(8), <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6533>

Ruiz, C. M. M. B. (2021, 07 junho). Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas. *Cadernos IHU ideias*, 19(34), 2448-0304. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7775-cadernos-ihu-ideias-algoritmizacao-da-vida-a-nova-governamentalizacao-das-condutas>

Schmidt, B., Crepaldi, M. A, Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>

Sociedade Brasileira de Pediatria (2016). *Manual de Orientação: Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital*. 1, 1-13. Departamento de Adolescência. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf

Sociedade Brasileira de Pediatria (2019). *Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas*. Departamentos Científicos de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento e de Saúde Escolar. 6, 1-5. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-_UsoSaudavel_TelasTecnolMidias_na_SaudeEscolar.pdf

- Sociedade Brasileira de Pediatria (2020, 21 maio). Nota de Alerta: Recomendações sobre o uso saudável das telas digitais em tempos de pandemia da COVID-19 #Boas Telas # Mais Saúde. Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital. 1-5. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22521b-NA_Recom_UsoSaudavel_TelasDigit_COVID19__BoasTelas__MaisSaude.pdf
- Soler, C. (1997). O sujeito e o Outro II. **In.** R. Feldstein, B. Fink, M. Jaanus (Orgs.). Para ler *O seminário 11 de Lacan*, (pp. 58-67). Jorge Zahar Editor.
- Stenner, A. S. (2004). A identificação e a constituição do sujeito. *Psicologia: ciência e profissão*, 24(2), 54-59. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Tumeleiro, L. F., Costa, A. B., Halmenschlager, G. D., Garlet, M., & Schmitt, J. (2018). Dependência de internet: um estudo com jovens do último ano do ensino médio. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 11(2), 279-293. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais2019110207>
- Vinuto, J. (2014). A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas* (Campinas), 22(44), 203-220. <http://doi.org/10.20396/v22i4410977>
- Wagner, L. C., Vieira, G. P., & Maciel, V. E. M. (2017). A terceirização dos cuidados infantis: um fenômeno histórico. *Revista de Educação do Cogeime*, 26(51), 77-92.

Apêndice A – Cronograma

| Etapa | Atividade | Previsão de início | Previsão de término |
|--------------|--|---------------------------|----------------------------|
| 1 | Elaboração do projeto de pesquisa | Março/2020 | Julho/2020 |
| 2 | Submissão no CEP e Plataforma Brasil | Agosto/2020 | Novembro/2020 |
| 3 | Coleta de dados | Dezembro/2020 | Março/2020 |
| 4 | Relatório parcial ao CEP | Abril/2021 | Abril/2021 |
| 5 | Análise e discussão dos dados coletados | Maior/2021 | Agosto/2021 |
| 6 | Relatório Final ao CEP | Setembro/2021 | Setembro/2021 |
| 7 | Elaboração do artigo científico | Outubro/2021 | Dezembro/2021 |
| 8 | Envio do artigo científico para publicação | Dezembro/2021 | |

Todo o material gravado, transcrito e registrado será guardado com as pesquisadoras por 5 anos e, posteriormente, apagado e destruído.

Apêndice B – Orçamento

MATERIAL PERMANENTE

| <i>Recurso</i> | <i>Quantidade</i> | <i>Valor unitário (R\$)</i> | <i>Total (R\$)</i> |
|------------------|-------------------|-----------------------------|--------------------|
| Notebook HP | 1 | 1900,00 | 1900,00 |
| Impressora EPSON | 1 | 700,00 | 700,00 |
| Total | | | 2600,00 |

MATERIAL DE CONSUMO

| <i>Recurso</i> | <i>Quantidade</i> | <i>Valor unitário (R\$)</i> | <i>Total (R\$)</i> |
|---------------------------------|-------------------|-----------------------------|--------------------|
| Resma de folhas de ofício A4 | 6 | 25,00 | 150,00 |
| Cartucho para impressão | 4 | 70,00 | 280,00 |
| Classificador | 10 | 5,00 | 50,00 |
| Canetas | 5 | 2,00 | 10,00 |
| Caderno | 1 | 30,00 | 30,00 |
| Escalas/Questionário | - | - | 0,00 |
| Gravação | - | - | 0,00 |
| Transcrição | - | - | 0,00 |
| Encadernação | 2 | 90,00 | 180,00 |
| Total | | | 700,00 |

O financiamento da pesquisa será feito pela pesquisadora. Não haverá custo de gravação e nem de transcrição, que serão realizadas pela pesquisadora e um estudante de psicologia. Não será utilizada escala.

Apêndice C – Roteiro de Entrevista



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E INTERVENÇÕES EM SAÚDE

INTOXICAÇÃO ELETRÔNICA EM CRIANÇAS DE ZERO A QUATRO ANOS: PERCEPÇÃO DOS PAIS

Dados de Identificação:

Idade: _____

Ocupação/Profissão: _____

Cidade e bairro que mora: _____

Número de pessoas que residem na casa: _____

Cor (autodeclarada): _____

Renda familiar: () até 2 SM () 2-4 SM () 4-10 SM () 10-20 SM () acima de 20 SM

Perguntas:

- 1- Fale sobre o uso dos dispositivos digitais por seu (a) filho (a).
- 2- O que chamou atenção no funcionamento psíquico de seu (a) filho (a) a partir do uso dos dispositivos digitais?
- 3- Como você conduziu os cuidados diante dessa situação?
- 4- Como você percebe os cuidados que oferta a seu (a) filho (a) antes e durante a pandemia?

Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E INTERVENÇÕES EM SAÚDE

O Sr. (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa de mestrado intitulada “Intoxicação eletrônica em crianças de zero a quatro anos: percepção dos pais”. O motivo que nos leva a estudar esse tema são os possíveis prejuízos e consequências para o desenvolvimento das crianças, causados pelo uso cada vez maior dos equipamentos eletrônicos (como celular, televisão e tablet). Este uso pode, inclusive, ter aumentado durante o atual cenário da pandemia do coronavírus.

Essa pesquisa tem como objetivo conhecer a observação dos pais ou cuidadores sobre o uso de eletrônicos cada vez maior e mais cedo por parte das crianças.

Esta pesquisa será realizada a partir de uma conversa entre o (a) Sr. (a) e a pesquisadora, com perguntas que falam sobre o uso dos eletrônicos pelas crianças, suas observações sobre o comportamento das crianças diante do uso e possíveis mudanças do uso por conta do isolamento da pandemia.

A pesquisa será realizada através de chamada de vídeo do WhatsApp ou ferramenta como o Zoom. Esses recursos de comunicação estão sendo muito utilizados, mas se tiver dificuldade, fazemos por telefone. Embora seja utilizado o recurso de vídeo para a conversa, a imagem não será registrada, só o áudio será gravado para que as informações sejam estudadas.

As informações serão usadas apenas para fins acadêmicos e científicos, podendo ser publicadas ou apresentadas em congressos e revistas. Os dados serão tratados na coletividade, sem se referir às pessoas individualmente, portanto, o (a) Sr. (a) e seu (a) filho (a) não serão identificados (as) na pesquisa, sendo utilizado outros nomes para substituir os de vocês.

A conversa pode ser interrompida, sem prejuízo para o (a) Sr. (a), a qualquer momento que solicitar ou for identificada necessidade, visando diminuir os desconfortos com a participação. Ainda assim, caso o (a) Sr. (a) venha a sofrer desconfortos ou incômodo resultante de sua participação na pesquisa, como tristeza, vergonha ou estresse, será oferecida assistência psicológica imediata, por três meses, com atendimento semanal, de forma gratuita pela pesquisadora, que é psicóloga. Se depois desse período ainda for necessário, será feita orientação para continuidade do atendimento psicológico em um serviço público.

Os resultados da pesquisa serão divulgados quando for finalizada, sendo publicado um artigo científico e feito um livro de estória sobre as consequências do uso cada vez maior e mais cedo dos eletrônicos pelas crianças.

Caso o (a) Sr. (a) queira participar desta pesquisa, não terá nenhuma despesa. De qualquer forma, caso o (a) Sr. (a) tenha algum gasto para a participação na pesquisa, será pago por nós. Sua participação, entretanto, não receberá qualquer valor/pagamento. O benefício direto será o recebimento do livro de estória e acesso ao artigo publicado.

A sua participação na pesquisa é livre e, se não quiser participar, não terá nenhum problema. O (a) Sr. (a) poderá retirar sua autorização de participação ou interromper a participação durante o acontecimento da pesquisa. Dúvidas podem ser retiradas durante a realização da pesquisa. Em alguma dessas situações, entre em contato com a pesquisadora Camila Ataíde, que pode ser encontrada no endereço Avenida Governador João Durval Carneiro, nº 3665, Edifício Multiplace, sala 614, São João, na cidade de Feira de Santana-Bahia, às quartas-feiras e quintas-feiras, das 15h às 19h, ou pelo e-mail: camilafigueiredo.pos@bahiana.edu.br, e também com Isabella Queiroz, orientadora da pesquisa, no endereço Avenida Dom João VI, nº 275, sala da Pós-Graduação, Brotas, em Salvador-Bahia, às sextas-feiras, de 8h às 18h, ou pelo e-mail: isabellaqueiroz@bahiana.edu.br. As pesquisadoras fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Intervenções em Saúde, da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP).

Em caso de esclarecimento éticos, bem como de denúncias, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), que defende os interesses dos participantes de pesquisa. O Comitê é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. O CEP da EBMSP (Fundação Bahiana para o Desenvolvimento das Ciências) está localizado na Avenida Dom João VI, nº 274, Brotas. CEP: 40.285-001. Salvador-Bahia. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. Telefone: (71) 2101-1921. E-mail: cep@bahaina.edu.br.

Os dados obtidos pela entrevista ficarão arquivados no computador pessoal da pesquisadora e protegidos por senha por um período de cinco anos; após esse período serão apagados e retirados da lixeira. Informações registradas em papel serão arquivadas em armário com chave com a pesquisadora pelo mesmo período de cinco anos, e depois disso serão destruídos (queimados).

Esta pesquisa está de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, cuidando da ética em pesquisa, ou seja, respeito aos participantes e às informações pesquisadas.

A resposta de aceite, por e-mail ou WhatsApp, após ter acesso a esse documento, dá autorização para a realização da pesquisa, dispensando a necessidade de assinatura.

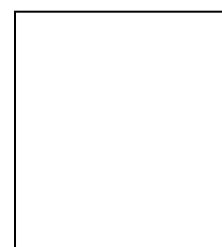
_____, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do (a) participante

_____/_____/_____
Data

Assinatura da pesquisadora

_____/_____/_____
Data



Apêndice E – Artigo: Telas e Cuidado Anônimo de Crianças: Intoxicações Eletrônicas como Impasses para Constituição Psíquica

Camila Pedreira e Ataíde Figueiredo¹

Isabella Regina Gomes de Queiroz²

Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública^{1, 2}

Resumo

Introdução: Os pais, inseridos na cultura digital, normalizam o uso das telas por seus filhos. **Metodologia:** Estudo qualitativo e exploratório utilizou entrevista com cuidadores primordiais de crianças entre dois e quatro anos de idade pelo método bola de neve. Os resultados foram analisados pela análise de conteúdo. **Resultados:** Os pais apresentaram dificuldade de manejo do uso das telas por parte dos filhos, principalmente na pandemia, sentindo culpa, e as crianças apresentaram sinais de intoxicação eletrônica. **Considerações:** O manejo da exposição às telas pelos cuidadores resultou em diferentes desdobramentos nos processos de constituição psíquica das crianças.

Palavras-chaves: Criança Pré-Escolar; Intoxicação Eletrônica; Saúde Mental; Psicanálise; Telas.

Abstract

Introduction: Parents, inserted in the digital culture, normalize the use of screens by their children. **Methodology:** A qualitative and exploratory study used an interview

with primary caregivers of children between two and four years of age using the snowball method. The results were analyzed by content analysis. **Results:** Parents had difficulty managing the use of screens by their children, especially in the pandemic, feeling guilty and children showed signs of electronic intoxication. **Considerations:** The handling of exposure to screens by caregivers resulted in different developments in the processes of psychic constitution of children.

Keywords: Preschool Child; Electronic Intoxication; Mental health; Psychoanalysis; Screens.

Introdução

O uso das telas está cada vez mais intenso e precoce, tanto é que crianças pequenas e bebês estão expostos aos dispositivos eletrônicos digitais. Cuidadores, inseridos na cultura digital, normalizam o uso e têm uma percepção de que as telas servirão de estímulo para a aquisição de habilidades e ajudarão na distração.

A algoritmização da vida¹, que está modificando a relação entre as pessoas, apresenta-se como um desafio entre o homem e a tecnologia. O tipo de comunicação que se mantém é muito mais digital, e com isso as relações humanas são perpassadas por afetos digitalizados (Ruiz, 2021).

A cultura digital é marcada pelo discurso capitalista, do consumo, da velocidade e do excesso. A cultura digital hoje está inserida na sociedade intitulada sociedade da transparência² e sociedade do cansaço³, e se caracteriza por um excesso de positividade que leva a um novo cenário de patologias (Han, 2020).

¹ Termo cunhado por Bartomolé Ruiz.

² Termo cunhado por Byung-Chul Han.

³ Idem.

O indivíduo de hoje parece estar abandonado a si mesmo, bem como parece estar desobrigado da operação do recalque, já que o discurso não é só familiar, é também social. A lei do mercado promove uma mutação do laço social⁴ que anuncia o aparecimento de uma nova economia psíquica, do neo-sujeito⁵ e de novas patologias (Lebrun, 2008).

Os pais, diante uma sociedade do consumo e do excesso, são impelidos a produzir, a se dedicarem ao trabalho de forma intensa, desconsiderando os limites entre o trabalho e a vida privada. Ficam menos disponíveis para as crianças, lançando mão, cada vez mais cedo e em maior quantidade, das telas.

Embora a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) tenha estabelecido os riscos da exposição digital para a arquitetura neurológica de crianças menores de dois anos, o uso continua acontecendo. Diferentes autores têm alertado sobre os riscos para o psiquismo do bebê e da criança pequena, ainda em fase de constituição (SBP, 2016).

Têm-se, assim, a algoritmização da vida de pais e filhos, pela alteração do laço social que produz impactos para a vida psíquica de todos (Ruiz, 2021). Na cultura digital, ganha espaço a terceirização virtual e os aparelhos eletrônicos propiciam uma espécie de alívio na carga que implica o cuidado dos filhos (Wagner et al., 2017).

O cenário atual de exposição às telas, em excesso e cada vez mais precoce, reduz as trocas da criança com o cuidador primordial, abrindo possibilidade para as intoxicações eletrônicas. A pandemia pode ter intensificado ainda mais esse uso por parte das crianças.

O presente artigo compõe parte do estudo intitulado “Intoxicação eletrônica em crianças de zero a quatro anos: percepção dos pais”. Aqui será abordado a subcategoria

⁴ Termo cunhado por Lebrun

⁵ Idem.

“Impasses do cuidado”, que faz parte da categoria “Cuidado”. O objetivo deste artigo consiste em conhecer aspectos da cultura digital que se configuram como entraves para o cuidado endereçado e atento às demandas do bebê e da criança pequena, que estão em fase de constituição psíquica.

Revisão de Literatura

As intoxicações eletrônicas estão inscritas no campo da saúde mental. Trata-se de uma compreensão psicanalítica da exposição intensa e precoce às telas por parte dos bebês e das crianças. O uso das telas tem sido cada vez mais precoce e intenso, acarretando prejuízos para o processo de constituição psíquica que ocorre na primeira infância (período de zero a seis anos). Nesse período de constituição psíquica, é importante um cuidado endereçado e atento à criança.

As telas como terceirização do cuidado na cultura digital

Estamos diante uma sociedade que normaliza a exposição, em que as coisas estão supervisibilizadas e despidas. As pessoas vivenciam uma sociedade caracterizada pelo imperativo da transparência, por um vazio que se tenta tamponar com o excesso de informação e uniformização de atitudes esvaziada de sentido, em prol da eliminação do privado, e, ainda, contrária às singularidades (Han, 2020).

O poder sem limites é o verbo modal positivo da sociedade do desempenho. O exagero de positividade se manifesta também como exagero de estímulos e informações, o que altera e prejudica a dinâmica da atenção. O homem estaria passivamente exposto ao processo anônimo da vida. O indivíduo se explora, até se consumir, com relações comerciais e de consumo (Han, 2019).

Os bebês e as crianças convivem com adultos que não têm mais tempo, porque os eletrônicos alteraram as fronteiras entre o espaço de lazer e o trabalho; cuidadores que estão de corpo presente, mas psiquicamente indisponíveis, uma vez que estão diante das janelas virtuais⁶ (Jerusalinsky, 2017a).

Os pais têm múltiplas tarefas diante de uma realidade oriunda do imperativo da positividade e da produtividade em que o trabalho consome boa parte do tempo de que dispõem, alterando a forma como terceirizam os cuidados dos filhos. Os pais se sentem impelidos, assim, a produzir e consumir. O uso das telas para seus filhos emerge como uma forma de babá eletrônica⁷ ou chupeta eletrônica⁸. Desta forma, os filhos, quase hipnotizados, consomem ou são consumidos pela realidade virtual (Jerusalinsky, 2017a).

O sujeito que emerge do laço marcado pelo declínio da função paterna confunde objeto de desejo e objeto de consumo. Acredita-se ser capaz de consumir um objeto que tampona a falta constituinte; entretanto, o ser humano é marcado pela falta, e nenhum objeto será capaz de tamponá-la. Investe-se e desinveste-se em diferentes objetos, objetos parciais de satisfação (Lopes & Bernardino, 2011).

Os meios de comunicação incentivam o consumo; há uma demanda sempre por mais. Com isso, os *gadgets* (aparelhos eletrônicos) são a oferta de um objeto que satisfaz, seduzem pela ilusão de substituírem o objeto fundamentalmente perdido; contudo, são objetos vazios de significação, que afastam do desejo. Quem consome parece ser consumido (Lopes & Bernardino, 2011).

Postula-se a mutação do laço social, submetida à lógica do mercado e do gozo sem limite com o desaparecimento do outro. Vive-se junto sem o outro, ou seja, estamos diante de uma mutação do laço social, descrita como uma desarticulação da

⁶ Termo cunhado por Jerusalinsky.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

interação entre o singular e o social, que resulta em novos regimes de economia psíquica e anuncia o aparecimento de novas patologias (Lebrun, 2008).

Efeitos da Pandemia para o cuidado dos bebês e crianças

A Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia do COVID-19 em março de 2020, e sugeriu adoção de medidas de isolamento social como medida a ser tomada para a contenção da pandemia. As medidas foram tomadas de modo particular em cada país; no caso da realidade brasileira, desigualdades econômicas e sociais possibilitaram diferentes modos de isolamento (Deslandes & Coutinho, 2020).

Muitas pessoas que interromperam suas atividades presenciais, passaram a fazer uso da internet como meio disponível para a manutenção das interações sociais e de trabalho, na tentativa de estabelecer uma nova forma de normalidade (Deslandes & Coutinho, 2020). Em relação ao estilo de vida, a restrição social levou a um aumento de comportamentos de risco à saúde, redução nos níveis de atividade física e aumento de uso de telas. No que se refere aos hábitos alimentares, houve um aumento do consumo de alimentos industrializados e mais calóricos (Malta et al., 2020).

Os pais sobrecarregaram-se pelas mudanças de vida exigidas pela nova situação de home office, homeschooling, atividades domésticas, diminuição ou inexistência de lazer fora de casa. Os pais tiveram, também, de gerenciar a rotina de seus filhos, visando minimizar o impacto das atuais circunstâncias do isolamento da pandemia para a saúde mental das crianças (Almeida et al., 2020).

O cuidado das crianças na pandemia do COVID-19 é vivido em cada família de modo único e singular. Há quem tenha aproveitado essa oportunidade de estar junto das crianças, há também quem já exercia o cuidado próximo e de qualidade. Há, ainda, quem não consegue se desconectar de suas obrigações e se dedicar aos filhos (Figueiredo & Queiroz, 2020).

Constituição Psíquica, Laço mãe-bebê e Intoxicação Eletrônica

A maturação e o desenvolvimento do bebê dependem dos processos de formação da vida psíquica. Esses processos de formação são dirigidos pelos outros que rodeiam a criança e são os responsáveis por seus cuidados. O lugar de um sujeito depende das ações que o cuidador realiza na primeira infância, e sem as quais esse lugar corre riscos (Kupfer et al, 2009).

O Outro materno precisará se dedicar a cuidar do bebê, interpretar, pelo choro e gemidos, suas necessidades, alimentando, acolhendo, acalentando e libidinalizando seu corpo (Freud, 1895/1950). É o agente da função materna que sustenta a instauração desse funcionamento corporal subjetivado, à medida que interpreta as satisfações do bebê e o tira do desamparo (Lacan, 1998).

O olhar do Outro primordial é constitutivo do eu e da imagem do corpo. O olhar dos pais, como uma forma particular de investimento libidinal, permite uma ilusão antecipadora: ver e escutar o que ainda está por vir, o que seria uma loucura necessária (Laznik, 2021). O olhar fundador do cuidador primordial, em que estão inscritos os traços mnêmicos e os atributos daquele que está atento às necessidades do recém-nascido, é imprescindível. O rosto do cuidador funciona como um espelho, ou seja, algo do desejo dele sobre a criança seria traduzido pelos traços de seu rosto, no modo de olhá-lo, assim como os traços acústicos a partir dos modos prosódicos da fala dirigida ao bebê (Laznik, 2021).

É na ausência do cuidador que o bebê alucina sua voz e produz vocalizações, fundamentais para a constituição do ser falante. É, ainda, pela voz que o cuidador pode fazer-se presente, mesmo corporalmente ausente, valorizando esse campo de trocas (Jerusalinsky, 2017a).

O sujeito não é causa de si mesmo, ele é efeito do discurso do Outro. O discurso dos pais remete ao desejo deles por essa criança (Lacan, 1998). O Outro marca no sujeito uma

borda, inscreve-se no mundo da linguagem. O significante está primeiro no campo do Outro e o bebê tem um enigma para decifrar: “O que queres de mim?” (Lacan, 2005). As trocas existentes entre o cuidador primordial e o bebê proporcionam processos de pulsionalização neste. A partir dos trilhamentos da pulsão e da relação com o Outro, a constituição psíquica se constitui (Lacan, 2008).

Nos casos de exposição intensa e precoce às telas por parte das crianças, é possível discutir o comprometimento da pulsão, uma vez que os gadgets funcionam como objetos que tamponam a falta, podendo interromper o circuito pulsional. No que se refere ao objeto olhar e ao objeto voz com as telas, não há o que não se ver nem como pensar em endereçamento.

No caso dos bebês que fazem uso dos eletrônicos, identifica-se a introdução na linguagem sem a mediação do olhar e do enigma desejante do Outro, “O que quer de mim”? Têm-se, assim, bebês que sofrem de intoxicações eletrônicas, capturados nos gadgets, têm suas demandas suspensas e a captura do olhar na tela (Jerusalinsky, 2017b).

A experiência de ausência de si, com dificuldade de estar com o outro, exteriorização do fantasiar e estar inacessível são características da intoxicação digital. O aumento da velocidade das demandas, a redução da via imaginária da fantasia e a facilidade de acesso à informação caracterizam a vida digital. O tempo de ausência, tão importante, parece ter sido suprimido, emergindo sintomas da vida digital. A intoxicação digital é uma patologia discursiva, é uma alteração do laço social, da economia de gozo e de relação de reconhecimento em que o saber comanda (Dunker, 2017).

A intoxicação eletrônica deve ser pensada em termos de conexões e desconexões entre o corpo e o psíquico, no discurso e no laço com o Outro. Crianças intoxicadas eletronicamente estão sideradas pelas telas, repetem fragmentos sem significado, em uma relação com as telas sem atribuição de sentido e que não permite trocas nem hiências (Jerusalinsky, 2017a).

Metodologia

O presente trabalho é um estudo qualitativo, descritivo e exploratório que utilizou a entrevista compreensiva (Kaufmann, 2013) como instrumento de coleta de dados. O trabalho contou com quatro perguntas disparadoras, sendo elas: “Fale sobre o uso dos dispositivos digitais por seu (a) filho (a)”; “O que chamou atenção no funcionamento psíquico de seu (a) filho (a) a partir do uso dos dispositivos digitais?”; “Como você conduziu os cuidados diante dessa situação?”; “Como você percebe os cuidados que oferta a seu (a) filho (a) antes e durante a pandemia?”

A pesquisa aconteceu de modo online, através de chamada de áudio ou vídeo, pelo Zoom ou WhatsApp, com participantes residentes em Salvador, sua na Região Metropolitana e na cidade de Feira de Santana (Bahia). Os participantes da pesquisa se constituíram de cuidadores primários de crianças de dois a quatro anos de idade, que fizeram uso precoce e intenso dos dispositivos eletrônicos digitais desde a primeiríssima infância.

A seleção dos participantes foi feita pela técnica bola de neve (Vinuto, 2014). As sementes de partida da pesquisa foram profissionais da saúde e da educação que trabalham com o público infantil. O período de coleta foi durante o mês de dezembro de 2020, em que foram realizadas nove entrevistas. Para a pesquisa foram utilizadas oito entrevistas. Os dados coletados foram tratados com base na análise de conteúdo, mediante a criação de categorias temáticas de análise (Minayo, 2011).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 36549720.8.0000.5544. Os participantes participaram por livre e espontânea vontade da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O anonimato dos participantes foi preservado, sendo identificados pela letra “M”, de mãe, já que todas as participantes foram mães, seguida

de um número para diferenciar as entrevistadas. Os dados foram tratados para fins acadêmicos na coletividade.

Os riscos com a participação na pesquisa existiam por se tratar de um assunto potencialmente mobilizador, mas a pesquisa aconteceu de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), atendendo aos aspectos éticos e legais de pesquisa com seres humanos. O formato individual das entrevistas foi escolhido visando minimizar esses riscos, bem como a possibilidade de interromper a entrevista a partir da percepção ou manifestação do incômodo da entrevistada. A imagem das entrevistadas não foi gravada, apenas o áudio, para posterior uso dos dados coletados. Quanto aos benefícios, não houve vantagem financeira, mas sim o benefício pelo acesso ao conteúdo da intoxicação eletrônica.

Resultados e Discussão

Os participantes do estudo acerca da percepção dos cuidadores a respeito do uso excessivo e precoce das telas podem ser caracterizados de acordo com parentesco com a criança, profissão, idade, cor autodeclarada, renda familiar, região e bairro em que moram. As informações foram organizadas na Tabela 1, que segue:

Tabela 1*Caracterização dos Participantes*

| Quem são | Profissões | Idade | Cor autodeclarada | Renda familiar | Região-bairro |
|-----------------|-------------------|--------------|--------------------------|-----------------------|---|
| Mães | Empresária-1 | 33 anos-3 | Negra -2 | 4/10 SM-3 | Salvador-6 Alphaville-1 |
| | Engenheira-1 | 37 anos-1 | Parda-3 | 10/20 SM-3 | Brotas-1 Itaigara-1 |
| | Farmacêutica-1 | 38 anos-2 | Branca-3 | Acima de 20 SM-2 | Rio Vermelho-1 Santa Monica-1 |
| | Fisioterapeuta-2 | 40 anos-1 | | | Stiep-1 |
| | Médica-1 | 41 anos-1 | | | Região Metropolitana -1 Inocoop |
| | Professora-2 | | | | Feira de Santana-1 Campo Limpo |

Fonte: Originado do próprio estudo.

Os cuidadores primordiais participantes da pesquisa foram mães em sua totalidade, dado que merece reflexão pelo histórico acúmulo de atividades da mulher e do “dom” da maternidade designado a ela. Tanto é que Badinter (2018) afirma que a convicção do instinto materno é um mito, e que não há uma conduta materna universal e necessária.

Uma vez que as entrevistadas apresentam nível superior completo de escolaridade e renda familiar média/alta, evidencia-se que esses indicadores não garantem uso mais benéfico das mídias. Esta constatação se opõe ao estudo de Nobre et al. (2021), que coloca a escolaridade dos pais como fator positivo para uso das telas.

No que se refere à categoria profissional e ao manejo do cuidador quanto ao uso dos eletrônicos, não foi percebido uma conduta comum pelas mães com a mesma profissão, tendo em vista que mães nesta condição mediarão o uso dos dispositivos e o laço com a criança de modo diferente, a exemplo das mães fisioterapeutas e professoras.

Ainda assim, foi possível perceber que as mães que têm profissão relacionada ao cuidado da vida/saúde, como médica, fisioterapeuta e farmacêutica, tiveram mais facilidade de

mudar a relação com o bebê/criança como forma de cuidado diante das alterações apresentadas pelas crianças no que diz respeito ao uso das telas.

Renda familiar e escolaridade dos cuidadores não garantem a constituição psíquica, da mesma forma que uma categoria profissional. A constituição psíquica está na dimensão do laço mãe-bebê, da inscrição do desejo pelo bebê, como apontam Freud (1895/1950), Catão (2009) e Kupfer et al. (2009).

As crianças, a respeito de quem os cuidadores descreveram suas percepções acerca do uso das telas, foram caracterizadas por idade e sexo, como pode ser visto na Tabela 2, abaixo:

Tabela 2

Caracterização das crianças

| Idade | Sexo |
|-------------------|-------------|
| 2 anos | M |
| 2 anos e 8 meses | M |
| 3 anos | M |
| 3 anos e 5 meses | F |
| 3 anos e 11 meses | M/M |
| 4 anos | F/M |

Fonte: Originado do próprio estudo.

Na pesquisa, 6 dos 8 casos são de crianças acima de 3 anos. Os efeitos da exposição são mais facilmente identificados quando a criança atinge idade escolar (a partir dos 3 anos), em que há expectativa de aquisição e de desenvolvimento de habilidades, como a fala. Nesse sentido, Nobre et al. (2020) e Radessky & Christakis (2016) identificam prejuízos na linguagem pelo uso intenso e precoce das telas.

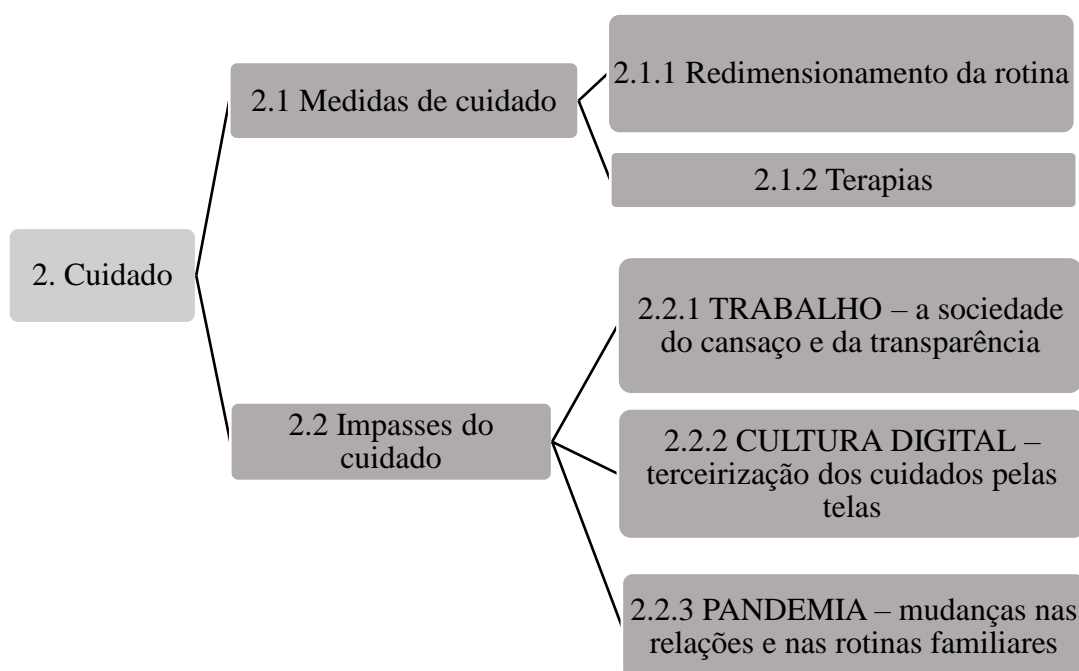
Não foi identificado, na literatura, uma associação entre o gênero e a alteração comportamental pelo uso dos dispositivos digitais, ou prevalência de efeitos da exposição

precoce. Esse fato corrobora com a perspectiva psicanalítica de que se trata de uma alteração discursiva (Dunker, 2017) e de que não se trata de quadro nosológico.

A partir do relato das entrevistadas, os resultados da pesquisa foram categorizados e foi produzida uma árvore temática. As mães relataram os prejuízos em seus filhos provenientes da exposição às telas, bem como apresentaram as medidas de cuidado que tiveram diante dos prejuízos ou sinais de intoxicação identificados. Sendo assim, os resultados foram organizados em uma árvore temática com dois eixos: “Identificação de alterações” e “Cuidado”. O eixo “Cuidado” foi subdividido em “Medidas de cuidado” e “Impasses do cuidado”. A subcategoria discutida no presente trabalho é “Impasses do cuidado”. Segue abaixo o eixo da árvore temática “Cuidado”.

Figura 1

Árvore Temática das categorias



Fonte: Originado no próprio estudo.

“Impasses do cuidado” destaca os maiores entraves para os pais cuidarem de seus filhos e abarca três núcleos de sentido temáticos: “TRABALHO – a sociedade do cansaço e da transparência”; “CULTURA DIGITAL – terceirização dos cuidados pelas telas”; “PANDEMIA – mudanças nas relações e nas rotinas familiares”.

A primeira subcategoria de “Impasses do cuidado” a ser discutida se trata do “TRABALHO – a sociedade do cansaço e da transparência”. A infância encontra-se circunscrita na cultura digital, em que o discurso capitalista dita a algoritmização da vida, com o controle do comportamento de pais e filhos através do aniquilamento de sentidos e a alteração do laço social, produzindo impactos para a economia psíquica de todos (Ruiz, 2021).

A sociedade do cansaço imprime um ritmo de trabalho e atividade aos pais, que têm suas funções prejudicadas pelo excesso das metas e da cultura da alta performance e alta produtividade inserida no mundo do trabalho (Han, 2019). Nesse sentido, as mães expõem:

“Eu... eu entendo os pais que não conseguem, porque tem situações, como eu trabalho a semana toda, tem situações que finais de semanas eu preciso, tipo assim, arrumar a casa, eu preciso dar algo, eu não posso descer para brincar com ele no momento, então, eu preciso usar a tela. Entendeu?” (M4)

“Mas muitas vezes, por conta da... de está ocupada, de fazer alguma coisa em casa ou de fazer alguma coisa relacionada ao trabalho, é... aí eu termino não propondo, né? Eu já... eu mesma que já deixou ela ficar no desenho porque estou fazendo... preocupada em fazer outras coisas.” (M9)

Maximizar a produção faz parte do inconsciente social em que se destaca a pressão do desempenho, de um sujeito aparentemente livre. Na verdade, entretanto, vivencia-se uma liberdade coercitiva (Han, 2019). Nesse sentido, uma mãe que é empresária e pode gerir o seu tempo relata:

“Então ele muito muito precoce mesmo, com meses eu contratei... eu sempre trabalhei muito, quando ele tinha quatro meses, eu voltei a trabalhar, é... eu não passava o dia em casa, até ia almoçar, né? Para poder amamentar, para poder vê-lo, eu trabalho perto de casa, mas, eu nunca fui, depois desses quatro meses, de férias... Ele está o tempo todo com a babá.” (M3)

As pessoas convocadas a se superarem em suas metas e em sua produção veem-se diante do desafio de produzir com pouca ou quase nenhuma interferência (Han, 2019). Nesse sentido, uma mãe refere:

“... aí, enquanto eu estava na reunião, pra ela não ficar atrapalhando dessa forma, eu deixava ela ficar um pouquinho jogando ou brincando.” (M2)

O cansaço profundo altera a identidade, incapacita e molda indivíduos dispersos e com constante sentimento de culpa (Han, 2019), como é possível ver na fala de algumas mães:

“Eu começo a sofrer porque não estou dando estímulo, porque não tenho tempo, porque estou trabalhando, não sei o que, lalala... enfim... Enfim, aquela história, né? Nasceu uma mãe, nasce a culpa.” (M6)

“Uma coisa assim de dizer ‘ah vai brincar’, não tinha. Se eu disser que eu sentava no chão com ele pra brincar, não existia esse momento... Quando eu chegava, estava cansada e precisando fazer as... as coisas da casa porque não tinha mais ninguém para me auxiliar que é muito grande. Eu trabalho de oito da manhã, até oito da noite... então eu deixava muito mais ele com meu marido e era celular...” (M8)

A segunda subcategoria dos “Impasses do cuidado” consiste na “CULTURA DIGITAL – terceirização dos cuidados pelas telas”.

Os pais, inseridos na cultura digital e do cansaço, têm dificuldade de reconhecer o excesso da exposição dos seus filhos (Nobre et al., 2021). Há um uso indiscriminado dos aparelhos pelas crianças de todas as idades, e vivencia-se a onipresença dos smartphones (Wagner et al., 2017). Desta forma, as mães relatam:

“Ele estava tendo acesso a joguinhos no celular. Então, quebra cabeça no celular, coisa que a gente, às vezes, ficava até impressionada porque ele fazia muito rápido, né? ‘Poxa, olha a habilidade dele... a coordenação motora dele...’ tudo nesses joguinhos.”
(M1)

“Agora se não fosse a internet, eu estaria frita.” (M2)

“Porque a gente vai dando por osmose que acaba nem percebendo até o quanto de tempo eles passam.” (M4)

A exposição excessiva às telas provoca um excesso de estímulos que funcionam como bombardeio sensorial, como aponta Jerusalinsky (2017b). Além disso, inviabiliza a falta que tem papel imprescindível na constituição do sujeito, pois abre espaço para a simbolização, como argumenta Lacan (1995).

Na era da cultura digital, vive-se o tempo das urgências de produção e consumo. As prioridades atropelam a vida privada e familiar e, em meio a essas exigências, a educação das crianças apresenta-se como um desafio, sendo a terceirização fragmentada uma prática normalizada, com o uso, inclusive, das telas como instrumento nessa terceirização (Figueiredo & Queiroz, 2020). A terceirização virtual e os aparelhos eletrônicos propiciam uma espécie de alívio no cuidado dos filhos (Wagner et al., 2017). Desta forma, destacam-se as falas:

“Ele não quer ter trabalho. Ele sabe, tem consciência e aí ele faz o quê? Só um pouquinho. Mas não é só um pouquinho.” (M8)

“... E aí a gente liga a TV pra ficar todo mundo calminho... para ver um pouquinho de TV.” (M5)

“Às vezes, é um refúgio para os pais? É. Então hoje a gente vive... é o que eu converso com meu esposo e que ele também me cobra, que hoje em dia a dificuldade de ter filho não é nem tanto financeiro. O financeiro pesa? Pesa. Mas é o tempo que a gente não tem.” (M4)

As telas podem funcionar como uma espécie de chupeta eletrônica (Jerusalinsky, 2017a), que mantém quase que hipnotizadas as crianças diante da falta de tempo dos pais que são impelidos a produzir na cultura digital. Nesse sentido, temos as falas:

“Tudo que precisasse ser feito... ‘Ah eu preciso limpar a casa’, então coloca ele no celular, ‘Ah eu preciso cozinhar’, coloca ele no celular, ‘Ah eu quero descansar’, então vou colocar ele no celular. Porque ele ficaria quieto...” (M8)

“... os momentos que eu percebo que ela se desliga, realmente dessas tensões é quando ela está interessada, infelizmente, na... na... no celular ou na... vendo alguma coisa na internet.” (M2)

Os gadgets são a oferta de um objeto que satisfaz, seduzem pela ilusão de substituírem o objeto fundamentalmente perdido, mas são objetos vazios de significação (Lopes & Bernardino, 2011). Pais e filhos são atraídos pela ilusão de satisfação e completude com os eletrônicos, da mesma forma, a frustração é evitada e os aparelhos aparecem como tentativa de tamponar a falta. Desta forma, as mães referem:

“Fora o fato que a gente vive no celular, né? Até pra você explicar pra seu filho que ele não pode é difícil. Porque eu fico pensando assim... se você for uma criança, se colocando no lugar, e vendo todos os adultos o tempo todo mexendo naquele

aparelhinho, vira um objeto de desejo. Todo mundo quer, por que que eu não posso? Se todo mundo gosta é porque é bom, né?” (M3)

“Porque ou ela bota ele na televisão, ou... enfim, ou ele... ou ela não consegue trabalhar em alguns momentos porque ele demanda muito ainda... ele... ele estava muito acostumado a brincar com ela... Então, qual era a escapatório para eu sair de manhã sem ele chorar, para eu ou para ela ter que ir fazer o almoço e ele ficar estressando, a TV.” (M3)

“Preciso... dar atenção aos estudos dela, alguma dúvida... Porque ela já está numa fase da escola mais difícil. Então, aí eu pego, ele está abusando muito, dou o celular para poder ficar... ter atenção porque no celular, esses meninos parece que... sabe...? Porque fechou o mundo assim, só tem o celular e ele.” (M4)

Nesse sentido, Radessky e Christakis (2016) destacam o papel dos pais enquanto modelos para hábitos de mídia digital, uma vez que eles têm a possibilidade de ensinar seus filhos a se conectar e criar, ao invés de consumir.

Bebês ou crianças pequenas que fazem uso excessivo dos eletrônicos têm a introdução na linguagem por meio de enunciados fixos de aplicativos, sem a mediação do olhar, de gestos e do enigma desejante do Outro. As demandas são suspensas e o olhar é capturado pelas telas (Jerusalinsky, 2017a). Nesse sentido, destaca-se a fala de uma mãe:

“Tentava reproduzir algumas coisas. Inclusive, esse da *Baby Alive* que aparentemente é bem inofensivo, mas ela ficava reproduzindo algumas falas das meninas, né? Então, no início, eu vi que tinha muito disso.” (M2)

“Tem uns desenhos que é bem... assim... idiotas, né? Uma brincadeira de bater, é... um desenho mesmo agora que é uma tal de larva que fica soltando pum, aí o outro... o

outro... a outra larva peida, é... ou bate, beija na bunda. Aí ele estava replicando isso com no primo... Então, assim, sabe? Umas brincadeiras que eu, meu Deus, eu não sei o que está fazendo com a mente dessas crianças, não. Mas, assim, como são inocentes... eles não têm discernimento que aquilo é um desenho, entende?” (M4)

Temos assim, como coloca Jerusalinsky (2017a), crianças sideradas pelas telas que repetem fragmentos sem significado, em uma relação sem atribuição de sentido e que não permite trocas nem hiências. Bebês e crianças pequenas expostos à virtualização podem experimentar uma dissociação do corpo num tempo em que ainda não constituíram um.

A terceira subcategoria dos “Impasses do cuidado” consiste na “PANDEMIA – mudanças nas relações e nas rotinas familiares”.

Ainda que haja a orientação, de acordo com Almeida et al. (2020), de monitoramento do uso dos dispositivos eletrônicos pelas crianças durante a pandemia, limitando o tempo de acordo com as recomendações da SBP (2020) estabelecidas pela faixa etária, o uso das telas aumentou. Deste modo, as mães discorrem:

“Aí quan... com isso da pandemia, é... a... a... nós ficamos muito presos em casa, todas as funcionárias saíram, só que como eu sou da área de saúde, eu ainda precisava trabalhar. Então pra que eu fizesse as coisas de casa e pudesse sair pro trabalho, ele ficava muito mais tempo no celular. Eu não estou falando uma coisa assim dele ficar meia hora, 1 hora, não. O dia todo.” (M8)

“Depois da pandemia, é... passou a ficar muito mais tempo. Ela... na verdade, é o dia inteiro a televisão ligada no desenho.” (M9)

“Agora que ela tá em casa, é... de manhã é um momento que ela fica mais é... assistindo um desenho na televisão. Aí a tarde é que às vezes, eu...quando eu estava trabalhando, esse... esse mês eu estava de férias, acaba hoje, infelizmente, e aí, enquanto eu estava

na reunião, pra ela não ficar atrapalhando dessa forma, eu deixava ela ficar um pouquinho jogando ou brincando... e a noite é o momento que ela menos é... tinha uso, né? Porque meu esposo chega a gente fazia uma interação em casa.” (M2)

As mães já expunham seus filhos às telas antes da pandemia, momento em que podiam contar com rede de apoio ou que o trabalho e o estudo não aconteciam todos em casa. Com a pandemia, uma vez que essas atividades passaram a acontecer em casa e com menos, ou sem rede de apoio, a exposição às telas aumentou.

O uso das telas na pandemia, diante home office, homeschooling e atividades domésticas, inserido na cultura digital e algoritmizada, é um desafio. Tanto é, que a SBP (2020) oferece uma nova orientação de estabelecimento do tempo para o uso das telas pelas crianças e de supervisão dos conteúdos inapropriados. Nesse sentido, uma mãe refere:

“Assim, a gente tem que usar com... no... de maneira assim com parcimônia. Eu não posso tirar, né? Mas... é... eu não posso também deixar que eles fiquem sem nenhuma supervisão, me compreende?” (M5)

Apenas o estabelecimento de novas orientações dos possíveis prejuízos da exposição às telas por parte de bebês e crianças pequenas não garante que os cuidadores evitem o uso.

A pandemia do coronavírus pôde impactar a saúde mental e o bem-estar psicológico também devido a mudanças nas rotinas e nas relações familiares (Schmidt et al., 2020). Tanto que algumas mães identificaram:

“Não só aumentou a exposição, como diminuiu o tempo dele com outras crianças porque ele tinha... ele descia para brincar no play com os amiguinhos aqui do prédio.” (M1)

“Ó, com a pandemia, o... a socialização passou a ser muito pouca porque a gente, de fato, ficou em casa. É... então, assim, poucos... é... filhos do... de amigas, né? É...

que ela tem contato, mas durante a pandemia passou, tipo, tendo... pouquíssimo contato com essas crianças. É... no prédio que a gen... que eu moro não tem criança.” (M9)

“... com a questão da pandemia também, ele estava dormindo muito com a gente no quarto, ele estava com horário irregular de dormir muito tarde. Ele chegou a dormir durante a pandemia, meia noite, meia noite e meia. E acordava nove da manhã, entendeu? Nove e meia da manhã.” (M1)

A pandemia imprimiu mudanças nas rotinas das famílias em diferentes aspectos tanto em pais quanto em filhos, bem como na relação destes, podendo a saúde mental estar prejudicada.

Os pais estão desempenhando múltiplas tarefas, o que pode gerar dificuldades para o cuidado das crianças, tanto é que Rodrigues e Lins (2020) apontam que os cuidadores precisam também de cuidados e devem buscar ajuda profissional para lidarem com as transformações e preocupações causadas pela pandemia. Com isso, mães identificam:

“Uma, a pandemia, eu acho que agravou bastante porque ficou só eu e o pai dentro de casa. É... e, né, ninguém para ajudar no cuidado com ele. O pai trabalhando de home office e eu ficava com... fazendo tudo da casa e com ele, né?” (M1)

“No início foi que eu mais senti o choque. Agora já tá mais adaptada. Eu sei que mudou de antes para agora, mas, no início, foi um choque porque a... a rotina de sono dela mudou. Eu percebi que ela estava mais agitada. Então... quando dava dez horas da noite, ela ainda estava agitada, não... não cedia ao sono, né? E acordava muito cedo... Então, essas coisas mudaram muito... e o fato de... de... requerer mais de mim, né? Da minha atenção. Então, para ir no banheiro, eu tenho que estar junto...” (M2)

A aceleração digital não programada que ocorre diante da pandemia (Ruiz, 2021) não é sem efeitos para vida de pais e filhos. É importante analisar esses efeitos e identificar saídas possíveis.

Considerações

Pais, atraídos pela ilusão de satisfação pelos dispositivos eletrônicos, usam as telas como ferramenta de terceirização de cuidado mesmo tendo conhecimento dos impactos do uso das telas, identificando alterações no comportamento de seus filhos relacionadas à exposição e sentindo culpa e ressentimentos.

O uso precoce e excessivo dos dispositivos digitais leva a um empobrecimento semântico, tanto é que crianças apresentaram alterações na fala, com repetições e ausência de sentido e/ou apresentaram retraimento na interação social. Com as telas está em jogo um cuidado não endereçado: trata-se de um desejo anônimo. A forma como a exposição é mediada e como a terceirização ocorre, entretanto, podem provocar diferentes efeitos. A intoxicação dependerá não apenas do tempo de exposição, como também das trocas entre bebê ou criança pequena com o cuidador, do laço e do endereçamento entre eles.

Os artigos identificados sobre o assunto, entretanto, descrevem apenas os impactos comportamentais e desenvolvimentistas, mas não falam do laço da criança com os cuidadores primordiais nem dos impactos a partir da perspectiva da constituição psíquica. Faz-se necessário mais trabalhos nesta perspectiva.

Referências

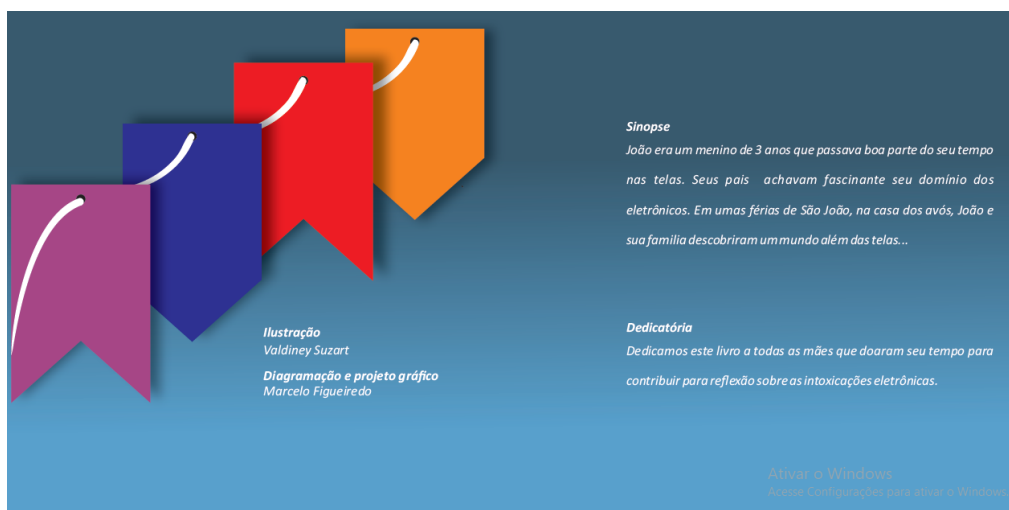
- Almeida R. S., Brito A. R., Alves A. S. M., Abranches C. D., Wanderley D., Crenzel G., et al. (2020). Pandemia de COVID-19: guia prático para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes. *Resid Pediatr.* 10(2), 1-4. <https://doi.org/10.25060/residpediatr-2020.v10n2-318>
- Badinter, E. (2018). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Nova Fronteira.
- Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage.
- Deslandes, S. F., & Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 25(1). <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>
- Dunker, C. (2017). Intoxicação Digital Infantil **In**. A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 117-145). Salvador: Ágalma.
- Figueiredo, C. P. A. & Queiroz, I. R. G. (2020, 6 de maio). A terceirização dos cuidados com as crianças em tempos de pandemia. *ISaúde*. <https://www.isaude.com.br/noticias/detalhe/noticia/a-terceirizacao-dos-cuidados-com-as-criancas-em-tempos-de-pandemia>.
- Freud, S. (1895/1950). Projeto para uma Psicologia Científica. Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos. (J. Salomão, Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completa de Sigmund Freud*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago.
- Han, B. C. (2019). *Sociedade do cansaço*. (E. P. Giachini, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Han, B. C. (2020). *Sociedade da transparência*. (E. P. Giachini, Trad.). Petrópolis: Vozes.

- Jerusalinsky, J. (2017a). Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. **In.** A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 13-38). Salvador: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017b). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. **In.** A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. (pp. 39-55). Salvador: Ágalma.
- Kaufmann, J. C. (2013). *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kupfer, M. C. M., Jerusalinsky, A. N., Bernardino, L. M. F., Wanderley, D., Rocha, P. S. B., Molina, S. E., et al. (2009). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology*, 6(1), 48-68.
https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/bibliografia/valor_preditivo_de_indicador_2009_inedito.pdf
- Lacan, J. (1995). *O seminário livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laznik, M. C. (2021). *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Coleção de calças curtas. Salvador: Ágalma.
- Lebrun, J. P. (2008). *A perversão comum: viver juntos sem o outro*. (P. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Lopes, T. J. S., & Bernardino, L. M. F. (2011). O sujeito em constituição, o brincar e a problemática do desejo na modernidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(1), 369-395.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482011000100014&lng=pt&tlng=pt
- Malta D. C., Szwarcwald C. L., Barros M. B. A., Gomes C. S., Machado I. E., Souza Júnior P. R. B., Romero D. E., Lima M. G., Damacena G. N., Pina M. F., Freitas M. I. F., Werneck A. O., Silva D. R. P., Azevedo L. O. e Gracie R. (2020). A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 29(4).
<https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400026>
- Minayo, M. C. S. (2011). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. (34a. ed.) Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento*. (14a. ed.) São Paulo: HUCITEC.
- Nobre, J. N. B., Prat, B. V., Santos, J. N., Santos, L. R., Guedes, S. C., Pereira, L., Ribeiro, R. F., & Morais, R. L. S. (2021). Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. *Ciênc. saúde coletiva*. 26(3). <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>
- Nobre, J., V. P. B., Santos, J. N., Santos, L. R., Pereira, L., Guedes, S., Ribeiro, R. F., & Morais, R. (2020). Quality of interactive media use in early childhood and child development: a multicriteria analysis. *Jornal de pediatria*, 96(3), 310–317.
<https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2018.11.015>
- Radessky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Increased Screen Time: Implications for Early Childhood Development and Behavior. *Pediatric clinics of North America*, 63(5), 827–839. <https://doi.org/10.1016/j.pcl.2016.06.006>

- Rodrigues, J. V. S., & Lins, A. C. A. A. (2020). Possíveis impactos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental de crianças e o papel dos pais neste cenário. *Research, Society and Development*, 9(8), <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6533>
- Ruiz, C. M. M. B. (2021, 07 junho). Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas. *Cadernos IHU ideias*, 19(34), 2448-0304. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7775-cadernos-ihu-ideias-algoritmizacao-da-vida-a-nova-governamentalizacao-das-condutas>
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>
- Sociedade Brasileira de Pediatria (2016). *Manual de Orientação: Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital*. 1, 1-13. Departamento de Adolescência. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf
- Sociedade Brasileira de Pediatria (2020, 21 maio). Nota de Alerta: Recomendações sobre o uso saudável das telas digitais em tempos de pandemia da COVID-19 #Boas Telas # Mais Saúde. Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital. 1-5. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22521b-NA_Recom_UsoSaudavel_TelasDigit_COVID19__BoasTelas__MaisSaude.pdf
- Vinuto, J. (2014). A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas (Campinas)*, 22(44), 203-220. <http://doi.org/10.20396/v22i4410977>
- Wagner, L. C., Vieira, G. P., & Maciel, V. E. M. (2017). A terceirização dos cuidados infantis: um fenômeno histórico. *Revista de Educação do Cogeime*, 26(51), 77-92.

Apêndice F – Livro de estória sobre as intoxicações eletrônicas em crianças





Apresentação

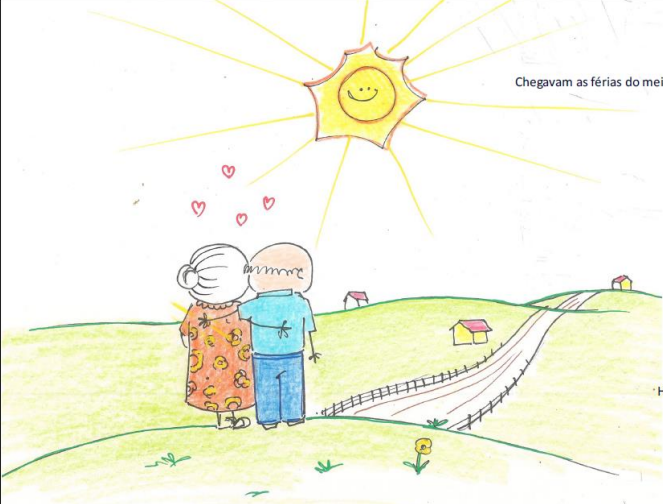
Este livro é resultado de um projeto de pesquisa de mestrado sobre a percepção de pais de crianças de até quatro anos de idade que tiveram alguma dificuldade no cuidado de seus filhos relacionada com o uso das telas.

Foi desenvolvido com o intuito de alertar pais, profissionais da saúde e da educação, que lidam com o público infantil, sobre os prejuízos do uso precoce e excessivo das telas por parte das crianças.

Os bebês e as crianças pequenas, que estão em processo de desenvolvimento e formação psíquica, precisam de um cuidado endereçado e atento às suas demandas, cuidado esse que não é possível com as telas. As intoxicações eletrônicas, ou seja, um impasse nas relações de cuidado pelo uso excessivo e precoce das telas por parte de crianças e bebês, é um tema ainda pouco conhecido mas importante para saúde mental infantil.

Que o uso excessivo e a presença constante das telas na rotina dos bebês e das crianças possa dar lugar a brincadeiras ao ar livre e que incentivem a criatividade e o protagonismo das crianças em uma relação dialética com seus cuidadores e o ambiente em que estão inseridas.

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.



Chegavam as férias do meio de ano e vovó e vovô já esperavam ansiosos pela vinda do netinho, Joãozinho, que há tanto não viam.

... E **fizeram milhares de planos:**
 haviam de ver o menino brincando com os priminhos; indo para roça, montando cavalo, dando milho aos pintinhos.

Haviam, também, de ver Joãozinho plantar um bocado de sementinhas, para aguardarem brotar a vida!!!

Ativar o Windows
 Acesse Configurações para ativar o Windows.

Sonhavam, também, com a noite de São João; havia de ter uma fogueira que **eles montariam juntos**, havia de ter bandeirolas, brincadeiras de pescaria e um monte de prendas que vovó tanto sabia fazer.

E as guloseimas? Haveria de ter bolos, canjica, milho assado na fogueira, bolinhas de jenipapo... Hum! Quanta delícia.

Vovó pensava e lembrava do tempo que o pai de Joãozinho (seu filho) era ainda pequenininho e que fazia todos esses preparativos para festa mais esperada do ano: **o São João.**

Ah! Com Joãozinho, não haveria de ser diferente.



Ativar o Windows
 Acesse Configurações para ativar o Windows.

Exibição de página

E o grande dia do encontro chegou, depois de dois anos sem se verem...
 E lá vinham eles: Joãozinho, papai e mamãe.
 Joãozinho cresceu; já tinha 3 anos e sabia usar tudo que era coisa eletrônica.
 E lá estava ele, com seus joguinhos!!!

Mas, aconteceu um **problema:**
Joãozinho não desgrudava o olho da tela e mal olhou para a vovó e para o vovô.

Aliás, a mamãe de Joãozinho estava, também, grudada no celular; ela precisou atender uma ligação de trabalho.
 E o pai, nem se fala!!!



Ativar o Windows
 Acesse Configurações para ativar o Windows.

No primeiro dia, Joãozinho **não saiu do quarto.**

Passou a manhã, a tarde e a noite assistindo e jogando.

João, o pai e a mãe comeram e dormiram **na frente do celular.**

Vovó e vovô acharam tudo estranho! Ninguém falava nada! Nenhum piu!

Parecia um menino do bico colado.

Amanhã vai ser diferente, pensaram vovó e vovô.



Os dias se passaram e foi tudo do mesmo jeito.

Joãozinho é muito quieto,.

Menino de três anos não é assim, não,

pensaram a Vovó e o Vovô.

Mas papai e mamãe diziam: "Que nada, Joãozinho é muito inteligente e esperto, sabe usar o celular melhor do que nós dois juntos".

Mas vovó e vovô não entendiam porque Joãozinho não falava muito...

Ele imitava todos os menininhos e meninas que estavam dentro do celular.

Ah! Isso ele fazia muito bem! Mas, **na hora de conversar...**

Ai, ai, **não saía nada, Nada de nada.**

Vovó e Vovô até acharam que o menino estava ficando sem boca!

Parecia mais um bico de pato

e, reparando bem, o pai e a mãe de Joãozinho

também estavam assim, de bico colado, de bico de pato.

Os primos chamavam João para brincar, mas ele nem respondia.

Parecia que nem escutava.

Vovó e vovô chamaram o menino pra ir pra roça,

pra montar cavalo, pra dar comida pra os pintinhos e nada.

Vovó e vovô chamaram pra fazer bandeirola, pra montar fogueira, pra fazer bolinha de jenipapo...

E nada... o olho do **menino estava grudado na tela...**



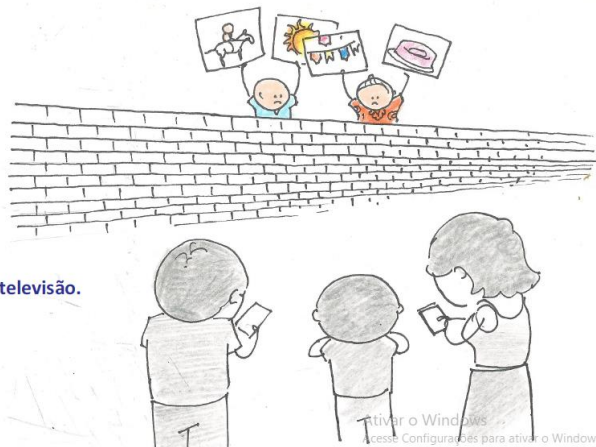
O dia de São João chegou.

Vovô e vovó prepararam tudo sozinhos. E ficou tudo lindo.

Chamaram Joãozinho e mostraram a fogueira, as bandeirolas e as bolinhas de jenipapo.

Mas, **Joãozinho nem tchum! Era só celular e televisão.**

"Como vai ser esse São João?" Pensavam vovô e vovó.



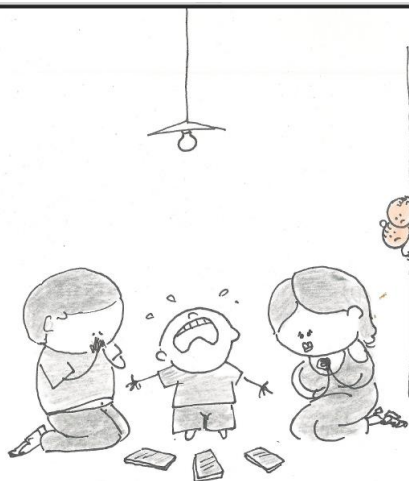
Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

No dia de São João, **faltou luz** e faltou internet.

**Joãozinho se chateou.
Joãozinho chorou.
Joãozinho esperneou.**

A mãe de Joãozinho desesperou:
"Como vou ficar sem o celular?"

O pai de Joãozinho, nem se fala,
já queria voltar para casa na mesma hora.



Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

"**Calma, pessoal!**", disse vovó.

"**Calma, pessoal!**" disse, também, o vovô!

"A luz há de chegar.


Enquanto não chega, **venham ver os fogos no céu!**".

E **Joãozinho olhou para cima**

(e ninguém nem sabe qual foi a última vez que ele tinha feito isso, porque quem tem olho grudado no celular, só olha para baixo e para um lugar só).



Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.



“E vai começar o arrasta pé” disse vovô.
 “E tem bolo e tem canjica e tem bolinha de jenipapo pra todo mundo” disse a vovó.

“E tem criança soltando traque de massa”
 disse o papai, que já estava sorrindo de alegria e se lembrando de quando era pequeno.

O pai, sorriu, a mãe sorriu, a vovó sorriu,
 o vovô sorriu e Joãozinho gargalhou!

Parecia que a alegria estava chegando de volta.
 E Joãozinho correu; e Joãozinho brincou;
 e Joãozinho conheceu os priminhos e os amiguinhos,
 e os pintinhos e o cavalo e as galinhas....

Era tudo de verdade.
 Ativar o Windows
 Acesse Configurações para ativar o Windows.

Joãozinho comeu bolo, comeu canjica, comeu bolinha de jenipapo...

Joãozinho soltou traque de massa. Joãozinho viu a fogueira...
 E viu o arrasta pé e a quadrilha: “Olha a cobra! É mentira!”
 e todo mundo ria.

A luz chegou e Joãozinho nem notou.

Ele queria mais era brincar e correr e comer e dançar!
 Ele queria mais era o colo do vovô e da vovó.
 Ele queria dançar com o papai e com a mamãe...
 E depois, trocava tudo!
 Dançava com a vovó e com o vovô, ia para o colo do papai e da mamãe,
 e brincava e dançava e pulava e cantava!
 E tinha primo e amigo para todo lado.



Windows
 Acesse Configurações para ativar o Windows.



E sabem o que mais? Adivinhem? **Joãozinho descolou o bico.**
 Ele queria falar com todo mundo! Até com o papai e com a mamãe, que estavam, também, encantados com a magia daquela noite!
 O papai não cansava de lembrar da infância.
 A mamãe lembrava, também, da infância...
 E juntos ensinavam tanta coisa a Joãozinho...

E o que aconteceu depois do São João?

No dia seguinte, Joãozinho conheceu tantas brincadeiras de quando o papai e a mamãe eram pequenos: brincou de barra-manteiga, de garrafão, de baleado, de esconde-esconde, de amarelinha, de caracol....

Era tanta coisa boa!
 Ativar o Windows
 Acesse Configurações para ativar o Windows.

E o celular?

Ah!

Eles descobriram que podiam, sim, usar as telas!

Mas só um pouquinho,
porque tinha um mundo
muito mais divertido,
mágico e cheio de brilho
que eles precisavam desfrutar.



Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

Sobre as autoras



Camila Ataíde
Psicóloga Clínica, Especialista em Teoria da Clínica Psicanalítica, Mestranda em Psicologia e Intervenções em Saúde pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP)

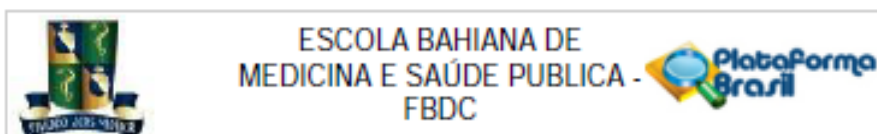


Isabella Queiroz
Psicóloga Clínica, Psicanalista membro do Espaço Moebius de Psicanálise, Doutora em Medicina e Saúde Humana e Docente de graduação de Psicologia e do Mestrado Profissional de Psicologia e Intervenções em Saúde da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP).



Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

Anexo A – Parecer do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Intoxicação Eletrônica em crianças de zero a quatro anos: percepção dos pais

Pesquisador: Isabella Regina Gomes de Queiroz

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 36549720.8.0000.5544

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO BAHIANA PARA DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.347.761

Apresentação do Projeto:

Embora a Sociedade Brasileira de Pediatria tenha estabelecido os riscos da exposição digital para arquitetura neurológica de crianças menores de dois anos, o uso continua acontecendo. Diferentes autores tem alertado sobre os riscos para o psiquismo do bebê e da criança pequena, ainda em fase de constituição.

Nos tempos atuais, o cuidado dessas crianças muitas vezes acontece mediado pelos dispositivos eletrônicos digitais. Diante disso, pensa-se nos possíveis efeitos tóxicos do uso intenso e cada vez mais precoce dos dispositivos digitais caracterizados por prejuízos para o psiquismo infantil em um tempo em que ainda não há recursos simbólicos para dar conta dessa exposição intensa.

Trata-se de um projeto de mestrado do Curso de pós graduação em Psicologia e intervenções em saúde.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

Conhecer a percepção dos pais de crianças de zero a quatro anos que apresentaram sinais positivos de intoxicação eletrônica, em algum momento da vida.

| | |
|---|-----------------------------------|
| Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274 | CEP: 40.285-001 |
| Bairro: BROTAS | |
| UF: BA Município: SALVADOR | |
| Telefone: (71)2101-1921 | E-mail: cep@bahiana.edu.br |



Continuação do Projeto: 4.347.351

Objetivos Específicos:

- Investigar como os pais identificaram e cuidaram dos possíveis efeitos tóxicos do uso de dispositivos digitais;
- Conhecer de que maneira foi gerenciado o uso dispositivos digitais, durante a pandemia do Covid-19;
- Produzir um livro de estória sobre as intoxicações eletrônicas em crianças.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos RISCOS:

As autoras relatam que os participantes estão expostos como quebra de anonimato, serão minimizados com a utilização de nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes da pesquisa. A entrevista será online mas a imagem não será registrada, apenas o áudio será gravado para transcrição e análise das informações fornecidas. As informações serão usadas somente para fins acadêmicos e científicos; os dados serão tratados coletivamente, sem se referir às pessoas individualmente. Acrescentam que caso ocorra uma mobilização do(a) participante devido a participação na pesquisa, este tem direito a receber assistência psicológica imediata de forma gratuita pela pesquisadora, que é psicóloga, por três meses com atendimento semanal. Se depois desse período ainda for necessário, será feita orientação para continuidade do atendimento psicológico em um serviço público.

Quanto aos BENEFÍCIOS:

As autoras descrevem como benefício direto da participação da pesquisa o acesso à informação sobre a intoxicação eletrônica que esta informação fornecerá subsídios para lidar com o cuidado das crianças. Ainda, como benefício direto os participantes receberão o livro de estória sobre as intoxicações eletrônicas em crianças.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. A população alvo consiste em pais e mães (ou seja, cuidadores primários que ocupam essa posição) de crianças, de dois a quatro anos, que fazem uso precoce e intenso dos dispositivos eletrônicos digitais, crianças com e sem sinais de intoxicação eletrônica, desde a primeiríssima infância, com meses de vida.

A amostragem será não probabilística, pela técnica bola de neve. As sementes de partida ou células iniciais da pesquisa serão profissionais da saúde ou da educação que trabalham com o

| | | | |
|-----------|--------------------------|------------|--------------------|
| Endereço: | AVENIDA DOM JOÃO VI, 274 | | |
| Bairro: | BROTAS | CEP: | 40.285-001 |
| UF: | BA | Município: | SALVADOR |
| Telefone: | (71)2101-1921 | E-mail: | cap@bahiana.edu.br |



Continuação do Parecer: 4.247.351

público infantil que serão contactados via e-mail ou aplicativo WhatsApp, solicitando que estes indiquem candidatos que atendam aos critérios de inclusão, fornecendo nome e contato telefônico.

Os critérios inclusão incluem pais, mães ou cuidadores primordiais, no estado da Bahia, que vivenciam alguma dificuldade ou impasse no cuidado de crianças a partir do uso intenso e precoce de dispositivos eletrônicos digitais ou perceberam alguma especificidade no desenvolvimento que apontou para intoxicação eletrônica, com ou sem diagnóstico. Os critérios de exclusão contemplam pais de pacientes que estejam em atendimento pela pesquisadora durante o período da pesquisa, pais de crianças com doença crônica, mães com depressão pós-parto e pais com diagnóstico de transtornos mentais severos e persistentes já diagnosticados.

A coleta de dados será feita por meio de entrevista gravada e diário de campo. Será conduzida pela pesquisadora, preferencialmente, de modo telepresencial, síncrono, através de chamada de áudio e vídeo em plataformas digitais com participantes do território da Bahia, devido ao isolamento social da pandemia do Covid-19. Os dados coletados serão analisados pela análise de conteúdo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

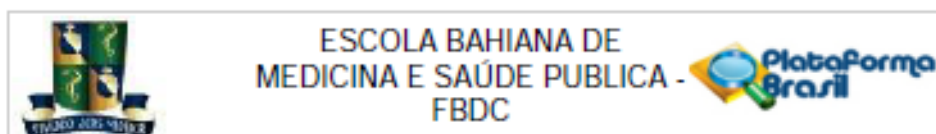
- Folha de rosto: devidamente preenchida, com assinatura digital do responsável institucional e dentro do prazo de 6 meses;
- Cronograma: Discrimina as fases da pesquisa com início da coleta previsto para 01/12/2020.
- Orçamento: apresentado no valor de R\$3.3300,00, informando a fonte financiadora.
- TCLE: apresentado.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a reanálise bioética desse Protocolo de Pesquisa, Versão 2, baseada na Resolução 466/12 do CNS/MS e documentos afins, em resposta às inadequações identificadas no parecer consubstanciado de nº 4.288.837 a pesquisadora apresentou protocolo reajustada para atender

| | |
|------------------------------------|----------------------------|
| Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274 | CEP: 40.285-001 |
| Bairro: BROTAS | |
| UF: BA | Município: SALVADOR |
| Telefone: (71)2101-1921 | E-mail: cop@bahiana.edu.br |



Continuação do Parecer: 4.347.351

aos princípios da justiça, beneficência, não maleficência e autonomia dos participantes da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-Bahiana, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação deste protocolo de pesquisa dentro dos objetivos e metodologia proposta.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|----------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1609690.pdf | 06/10/2020 16:50:49 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoAlterado.pdf | 06/10/2020 16:47:19 | Isabella Regina Gomes de Queiroz | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLEmodificado.pdf | 06/10/2020 16:47:02 | Isabella Regina Gomes de Queiroz | Aceito |
| Outros | RespostapendenciaCEP.pdf | 06/10/2020 16:46:40 | Isabella Regina Gomes de Queiroz | Aceito |
| Folha de Rosto | FolhaRostoCamila.pdf | 13/08/2020 14:02:27 | Isabella Regina Gomes de Queiroz | Aceito |
| Outros | Roteiro.pdf | 08/08/2020 17:29:23 | Isabella Regina Gomes de Queiroz | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274
 Bairro: BROTAS CEP: 40.285-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)2101-1921 E-mail: csp@bahiana.edu.br



Continuação do Processo: 4.347.351

SALVADOR, 19 de Outubro de 2020

Assinado por:
Roseny Ferreira
(Coordenador(a))

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274
Bairro: BROTAS CEP: 40.285-001
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)2101-1921 E-mail: csp@bahiana.edu.br